



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

CRISTIAN ROSE LINO VALENCIO

**NARRATIVAS E IDENTIDADE EM MOVIMENTO: O ACERVO MARIA DA
GLÓRIA SÁ ROSA COMO LUGAR DE MEMÓRIA COLETIVA**

Campo Grande/MS

2025

CRISTIAN ROSE LINO VALENCIO

**NARRATIVAS E IDENTIDADE EM MOVIMENTO: O ACERVO MARIA DA
GLÓRIA SÁ ROSA COMO LUGAR DE MEMÓRIA COLETIVA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Língua, discurso e sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Saddi Chaves

**Campo Grande/MS
2025**

V248n Valencio, Cristian Rose Lino

Narrativas e identidade em movimento: o acervo Maria da Glória Sá Rosa como lugar de memória coletiva / Cristian Rose Lino Valencio - Campo Grande, MS: UEMS, 2025.
147 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2025.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Saddi Chaves

1. Memória e identidade 2. Narrativa 3. Discurso 4. Acervo Maria da Glória Sá Rosa. I. Chaves, Aline Saddi II. Título

CDD 23 ed. 401.41

CRISTIAN ROSE LINO VALENCIO

**NARRATIVAS E IDENTIDADE EM MOVIMENTO: O ACERVO MARIA DA
GLÓRIA SÁ ROSA COMO LUGAR DE MEMÓRIA COLETIVA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos linguísticos

Linha de pesquisa: Língua, discurso e sociedade

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Aline Saddi Chaves (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Rosana Cristina Zanelatto Santos (Titular externo)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Junior (Titular interno)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Daniel Abrão (Suplente interno)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Sueli Maria Ramos da Silva (Suplente externo)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Campo Grande/MS, 03 de setembro de 2025

Dedico este trabalho à memória de Maria da Glória Sá Rosa, cuja trajetória e legado inspiraram profundamente esta pesquisa. Que sua voz e sua história continuem a ressoar na construção da memória coletiva de Mato Grosso do Sul.

Aos meus filhos, Adrianerolline, Aline e Edson José que são minha maior fonte de força, inspiração e sentido. Que este trabalho os motive a nunca desistirem dos seus sonhos.

Em memória de meu pai, Orestes, que sempre se orgulhou de mim e continuará vivendo em meu coração.

Em memória de Pierre Nora, cuja obra iluminou profundamente o caminho desta pesquisa. Pierre Nora (1931–2025)

AGRADECIMENTOS

Gratidão, primeiramente, a Deus, pela força, pela sabedoria inspirada do céu, pela luz concedida ao longo desta caminhada e pelo dom da memória, que guiou cada linha escrita, cada etapa neste trabalho.

Agradeço ao Acervo Maria da Glória Sá Rosa, espaço fundamental como lugar de memória e preservação da memória coletiva de Mato Grosso do Sul, que tornou possível a realização desta pesquisa.

Sou imensamente grata à minha orientadora, Aline Saddi Chaves, pela dedicação incansável, paciência e apoio fundamental para a realização deste trabalho, mesmo nos momentos mais desafiadores.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), pela oportunidade de desenvolvimento acadêmico e pelos recursos disponibilizados.

Aos amigos e colegas que, direta ou indiretamente, colaboraram com sugestões, palavras de apoio e estímulo.

Agradeço imensamente ao PIBAP pela concessão da bolsa de estudos no curso de mestrado, incentivo fundamental para o desenvolvimento da minha pesquisa e trajetória acadêmica.

Este trabalho é fruto da contribuição e do suporte de cada um que, de alguma forma, esteve presente nesta jornada. Muito obrigada!

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho.

“Os lugares de memória são antes de tudo restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa em uma história que a chama, porque a ignora.”

(NORA, Pierre, Les Lieux de Mémoire, vol. 1, p. 7)

VALENCIO, Cristian Rose Lino. *Narrativas e Identidade em movimento: o Acervo Maria da Glória Sá Rosa como lugar de memória coletiva*. 2025. 147fl. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2025.

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de estudo o Acervo Maria da Glória Sá Rosa, pertencente à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), investigado como um lugar de memória e como agente ativo na constituição da identidade cultural e da memória coletiva do estado de Mato Grosso do Sul. O trabalho parte do entendimento de que os acervos pessoais, especialmente aqueles compostos por produções literárias, autobiográficas e documentais, não apenas preservam vestígios do passado, mas também desempenham papel fundamental na elaboração simbólica de pertencimentos, trajetórias e narrativas identitárias. O referencial teórico é sustentado por autores como Pierre Nora, Maurice Halbwachs, Paul Ricoeur e Mikhail Bakhtin, cujos conceitos permitem pensar a memória como construção social e discursiva, bem como o papel da linguagem na produção de sentidos sobre o passado e sobre as identidades. A análise discursiva é orientada por princípios bakhtinianos e considera a natureza polifônica e ideológica dos enunciados presentes nas obras selecionadas. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, com enfoque interdisciplinar, estabelecendo diálogo com os campos da História, da Filosofia, da Análise do Discurso e da Teoria Dialógica da Linguagem. O corpus de análise é composto por itens diversos do Acervo, com ênfase em quatro escritos de autoria de Maria da Glória Sá Rosa: o conto *Sol na Retina*, publicado na obra *Contos de hoje e sempre: tecendo palavras* (2002), as crônicas *Minha Face no Espelho* e *Mombaça, meu reino do imaginário*, publicadas no jornal *Correio do Estado*, e o manifesto *Destruir a Memória é Destruir o Povo* (s/d). Tais escritos são analisados como narrativas híbridas que entrelaçam memórias pessoais e coletivas, contribuindo para a constituição de uma memória cultural sul-mato-grossense. O estudo revela que o Acervo se configura como um dispositivo cultural ativo, que vai além da simples função de armazenamento ou conservação documental. Ele se apresenta como lugar de atualização constante da memória, em que os discursos não apenas refletem o passado, mas também o reconstruem à luz do presente. Nesse sentido, a dissertação defende que o Acervo Maria da Glória Sá Rosa se constitui como espaço de resistência frente aos apagamentos e silenciamentos históricos, e como elemento gerador de pertencimento para as gerações atuais e futuras. A valorização de arquivos pessoais e de narrativas literárias emerge, portanto, como estratégia fundamental para a preservação da memória regional e para o fortalecimento das identidades culturais no contexto de um Brasil plural e em permanente disputa de sentidos.

Palavras-chave: memória; discurso; narrativa; identidade; Acervo Maria da Glória Sá Rosa.

VALENCIO, Cristian Rose Lino. *Narratives and identity in motion: the Maria da Glória Sá Rosa Collection as a place of collective memory*. 2025. 147fl. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2025.

ABSTRACT

This dissertation studies the Maria da Glória Sá Rosa Collection, belonging to the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS), as a place of memory and an active agent in the formation of the cultural identity and collective memory of the state of Mato Grosso do Sul. The work is based on the understanding that personal collections, especially those composed of literary, autobiographical, and documentary works, not only preserve traces of the past but also play a fundamental role in the symbolic elaboration of belonging, trajectories, and identity narratives. The theoretical framework is supported by authors such as Pierre Nora, Maurice Halbwachs, Paul Ricoeur, and Mikhail Bakhtin, whose concepts allow us to consider memory as a social and discursive construction, as well as the role of language in the production of meanings about the past and identities. The discursive analysis is guided by Bakhtinian principles and considers the polyphonic and ideological nature of the statements present in the selected works. The research adopts a qualitative, interpretive approach with an interdisciplinary focus, establishing a dialogue with the fields of History, Philosophy, Discourse Analysis, and Dialogical Theory of Language. The analysis corpus is composed of various materials from the Collection, with an emphasis on texts authored by Maria da Glória Sá Rosa: *Sol na Retina*, *Minha Face no Espelho*, *Mombaça, meu reino do imaginário*, *Destruir a Memória é Destruir o Povo*, and *Contos de Hoje e Sempre: tecendo palavras* (2002), the latter being especially analyzed in Chapter 4 as an example of her literary narratives. These works are analyzed as hybrid narratives that intertwine personal and collective memories, contributing to the constitution of a cultural memory of Mato Grosso do Sul. The study reveals that the Collection is an active cultural device, which goes beyond the simple function of document storage or preservation. It presents itself as a place for the constant updating of memory, where discourses not only reflect the past but also reconstruct it in light of the present. In this sense, the dissertation argues that the Maria da Glória Sá Rosa Collection constitutes a space of resistance against historical erasure and silencing, and as an element that generates belonging for current and future generations. The valorization of personal archives and literary narratives thus emerges as a fundamental strategy for preserving regional memory and strengthening cultural identities in the context of a plural Brazil in a constant struggle for meaning.

Keywords: memory; discourse; narratives; identity; Maria da Glória Sá Rosa Collection.

VALENCIO, Cristian Rose Lino. *Narrativas e identidade em movimento: a Coleção Maria da Glória Sá Rosa como lugar de memória coletiva*. 2025. 147fl. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2025.

Resumen

Esta disertación tiene como objeto de estudio la Colección Maria da Glória Sá Rosa, perteneciente a la Universidad Estatal de Mato Grosso do Sul (UEMS), investigado como un lugar de memoria y como agente activo en la constitución de la identidad cultural y de la memoria colectiva del estado de Mato Grosso do Sul. El trabajo parte del entendimiento de que los acervos personales, especialmente aquellos compuestos por producciones literarias, autobiográficas y documentales, no solo preservan vestigios del pasado, sino que también desempeñan un papel fundamental en la elaboración simbólica de pertenencias, trayectorias y narrativas identitarias. El marco teórico se sustenta en autores como Pierre Nora, Maurice Halbwachs, Paul Ricoeur y Mikhail Bakhtin, cuyos conceptos permiten pensar la memoria como una construcción social y discursiva, así como el papel del lenguaje en la producción de sentidos sobre el pasado y las identidades. El análisis discursivo se orienta por principios bajtinianos y considera la naturaleza polifónica e ideológica de los enunciados presentes en las obras seleccionadas. La investigación adopta un enfoque cualitativo de naturaleza interpretativa, con una perspectiva interdisciplinaria, estableciendo un diálogo con los campos de la Historia, la Filosofía, el Análisis del Discurso y la Teoría Dialógica del Lenguaje. El corpus de análisis está compuesto por diversos materiales de la Colección, con énfasis en los textos de autoría de Maria da Glória Sá Rosa: *Sol na Retina*, *Minha Face no Espelho*, *Mombaça, meu reino do imaginário*, *Destruir a Memória é Destruir o Povo* y *Contos de Hoje e Sempre: tecendo palavras* (2002), siendo este último especialmente analizado en el Capítulo 4 como ejemplo de sus narrativas literarias. Estas obras son analizadas como narrativas híbridas que entrelazan memorias personales y colectivas, contribuyendo a la constitución de una memoria cultural de Mato Grosso do Sul. El estudio revela que el Acervo se configura como un dispositivo cultural activo, que va más allá de la simple función de almacenamiento o conservación documental. Se presenta como un lugar de actualización constante de la memoria, donde los discursos no solo reflejan el pasado, sino que también lo reconstruyen a la luz del presente. En este sentido, la disertación sostiene que el Acervo Maria da Glória Sá Rosa se constituye como un espacio de resistencia frente a los borramientos y silenciamientos históricos, y como un elemento generador de pertenencia para las generaciones actuales y futuras. La valorización de archivos personales y de narrativas literarias emerge, por lo tanto, como una estrategia fundamental para la preservación de la memoria regional y para el fortalecimiento de las identidades culturales en el contexto de un Brasil plural y en permanente disputa de sentidos.

Palabras clave: memoria; discurso; narrativas; identidad; Colección María da Glória Sá Rosa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Retrato de Maria da Glória Sá Rosa pelo artista Fausto Furlan.....	21
Figura 2. Obras de autoria de Maria da Glória Sá Rosa.....	21
Figura 3. Quadro memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul.....	23
Figura 4. Quadro homenagem a Maria da Glória Sá Rosa.....	25
Figura 5. Quadro sobre entrevista pelo Correio do Estado.....	25
Figura 6. Quadro Ateliê da Glorinha.....	26
Figura 7. Quadro representação da memória coletiva.....	27
Figura 8. Quadro lançamento do livro Antologia de textos da literatura sul-mato-grossense...28	
Figura. 9 Porta da residência de Glorinha, assinada pelo artista Ilton Silva.....	29
Figura.10 Acervo. Exemplo de lugares de memória conforme a concepção de Pierre Nora....	29
Figura 11. Maria da Glória Sá Rosa.....	34
Figura 12. O Acervo Maria da Glória Sá Rosa.....	56
Figura 13. Capa da obra <i>Cultura, Literatura e Língua Nacional</i> (1976)	57
Figura 14. Capa da obra <i>Projeto Universidade 81: Festivais de Música em Mato Grosso do Sul</i> (1981)	58
Figura 15. Capa da obra <i>Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul: histórias de vida</i> (1990)	58
Figura 16. Capa da obra <i>Memória da Arte em MS: histórias de vida</i> (1992)	56
Figura 17. Capa da obra <i>Deus quer, o Homem sonha, a Cidade Nasce: Campo Grande: cem anos de história</i> (1999)	59
Figura 18. Capa da obra <i>Crônicas de Fim de Século</i> (2001)	60
Figura 19. Capa da obra <i>Contos de Hoje e Sempre: tecendo palavras</i> (2002)	60
Figura 20. Capa da obra <i>A Música de Mato Grosso do Sul: histórias de vida</i> (2009)	61
Figura 21. Capa da obra <i>Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul</i> (2005)	61

Figura 22. Capa da obra <i>A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de seus Construtores</i> (2011)	62
Figura 23. Capa da obra <i>Projeto Universidade 81: Festivais de Música em Mato Grosso do Sul</i> (2012)	62
Figura 24. Capa da obra <i>Antologia de Textos da Literatura Sul-Mato-Grossense</i> (2013)	63
Figura 25. Capa da obra <i>A Crônica dos Quatro</i> (2014)	63
Figura 26. Anotação do diário de 2007	73
Figura 27. Diploma de <i>Doutora Honoris Causa</i> de Maria da Glória Sá Rosa	75
Figura 28. Placa de homenagem da Academia Sul-mato-grossense de Letras	76
Figura 29. Medalha comemorativa à inauguração do Estado de Mato Grosso do Sul	76
Figura 30. Entrevista Maria da Glória Sá Rosa	77
Figura 31. Jornal do Povo	78
Figura 32. Memória doméstica e pessoal de Maria da Glória Sá Rosa	79
Figura 33. Os escritos de Maria da Glória Sá Rosa	81
Figura 34. Imagem gerada digitalmente com base nos elementos poéticos e visuais do conto <i>Sol na retina</i>	85
Figura 35. Imagem gerada por inteligência artificial a partir da crônica “Minha face no espelho”, de Maria da Glória Sá Rosa	95
Figura 36. Imagem gerada por inteligência artificial a partir da crônica <i>Mombaça, meu reino do imaginário</i>	98
Figura 37. Imagem gerada por inteligência artificial a partir do manifesto <i>Destruir a memória é destruir o povo</i>	102

LISTA DE SIGLAS

BIB (Bibliográfica): livros, revistas e obras autorais.

HON (Honrarias e Reconhecimentos): medalhas, diplomas e placas comemorativas.

DOC (Documental): currículos, diplomas, cartas e manuscritos.

MID (Midioteca): registros audiovisuais como vídeos e áudios.

ICO (Iconográfica/Fotográfica): fotografias e álbuns de família.

OBJ (Objetos/Museológica): móveis, equipamentos e objetos pessoais.

TXT (Textos inéditos e pessoais): rascunhos, bilhetes e cadernos de anotações.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: Memória em diálogo.....	16
1. DA MEMÓRIA À HISTÓRIA: PERSPECTIVAS E TENSIONAMENTOS.....	21
1.1 Platão: A Memória como Subjetividade e a História como Busca da Verdade.....	23
1.2 Henri Bergson: A Memória como Duração e Experiência Viva.....	24
1.3 Maurice Halbwachs: A Memória como Construção Social.....	26
1.4 Paul Ricoeur: A Narrativa como Mediação entre Memória e História	28
1.5 Pierre Nora: A Dinâmica dos Lugares de Memória Paul Ricoeur: A Narrativa como Mediação entre Memória e História	29
2. DISCURSO, TEMPO E MEMÓRIA.....	34
2.1 A Linguagem como Espaço de Memória, Discurso e Disputa: Fundamentos Teóricos de Saussure a Bakhtin.....	35
2.2 Linguagem e Memória em Disputa: Vozes, Silêncios e Sentidos no Acervo Maria da Glória Sá Rosa.....	42
2.3 Acervo, Memória e Tempo: A Narrativa como Espaço de Disputa e Reconfiguração.....	45
2.4 A Composição da Intriga e a Função Estruturante da Narrativa.....	48
2.5 Tempo, Narrativa e Memória: o Círculo Hermenêutico, o Acervo Maria da Glória Sá Rosa e a Reconfiguração do Tempo Vivido.....	50
3. DISCURSO E ARQUIVO COMO FONTE DOCUMENTAL: O ACERVO MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA COMO LUGAR DE MEMÓRIA E HISTÓRIA DE MS.....	56
3.1 A trajetória de Maria da Glória Sá Rosa e sua relevância cultural.....	57
3.2 O Acervo como Lugar de Memória.....	64
3.3 O Acervo como Prática Cultural: Materialidade, Leitura e Apropriação.....	70
3.4 Materialidade e mediação: os suportes como linguagem.....	72

3.5 Leitura como apropriação: o leitor como coautor.....	73
3.6 O Acervo como dispositivo: organizar, classificar, narrar.....	74
4. AS NARRATIVAS DA HISTÓRIA DE MS NOS ESCRITOS DE GLORINHA.....	81
4.1 A escrita de Sá Rosa: tessituras da memória e da subjetividade.....	84
4.2 Sol na Retina	85
4.3 Minha face no espelho	94
4.4 Mombaça, meu reino do imaginário	98
4.5 Destruir a memória é destruir o povo	101
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110
ANEXOS.....	114
ANEXO 01: ESCRITOS.....	115
ANEXO 02: TÍTULOS E DIPLOMAS.....	123
ANEXO 03: PLACAS E MEDALHAS	135
ANEXO 04: QUADROS	139
ANEXO 05: FIGURAS ILUSTRATIVAS COMPLEMENTARES.....	146

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: Memória em diálogo

¹Maria da Glória Sá Rosa não é apenas uma autora, mas uma presença viva no diálogo cultural de Mato Grosso do Sul. Sua voz é parte de uma grande conversa que constrói, aos poucos, a identidade sul-mato-grossense. Como professora, crítica literária, escritora e articuladora cultural, ela não só cria conhecimento, mas também é uma memória ativa de um estado que está sempre se transformando.

O Acervo que leva seu nome não é só uma coleção de documentos: é um testemunho cheio de vozes. Ele guarda as marcas daquela mulher que usou a palavra para resistir, a memória para combater o esquecimento e a literatura para refletir a vida coletiva. Estudar esse Acervo é mais que um ato acadêmico é um gesto político, afetivo e ético, que mostra como uma voz pode acolher muitas outras, formando um mosaico de identidades de lutas e pertencimentos. A memória não é apenas evocação do passado, mas um exercício de permanência, um gesto de afirmação diante da erosão do tempo. (CRISTIAN ROSE LINO VALENCIO, 2025¹. Inspiração em Maria da Glória Sá Rosa)

A presente pesquisa intitulada "Narrativas e Identidade em Movimento: o Acervo Maria da Glória Sá Rosa como Lugar de Memória Coletiva" busca refletir sobre o papel dos acervos pessoais enquanto espaços de memória e construção identitária, tomando como objeto de análise o Acervo Maria da Glória Sá Rosa, localizado na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). A partir de uma abordagem interdisciplinar, que articula os campos da História, da Filosofia, da Análise do Discurso e da Teoria Dialógica da Linguagem, busca-se compreender como as narrativas inscritas nesse Acervo atuam na reprodução da memória coletiva e da identidade cultural de Mato Grosso do Sul.

Tradicionalmente, a relação entre memória e história é uma temática que interessa aos estudiosos da História e da Filosofia, a exemplo de pesquisas sobre a relação entre narrativa histórica e memória coletiva, a qual se revela crucial para a compreensão de como as identidades nacionais são construídas e perpetuadas. A relevância de se estudar esse tema se justifica pelo uso político da memória em diversas regiões do mundo, nas quais narrativas históricas são frequentemente moldadas para atender a interesses contemporâneos. Essas discussões são fundamentais para se entender como as memórias coletivas não apenas preservam o passado, mas também influenciam a construção de identidades e narrativas do presente e direcionam para o futuro.

¹ Texto adaptado de Cristian Rose Lino Valencio (2025), que destaca a importância do Acervo de Maria da Glória Sá Rosa como testemunho cultural e político, ressaltando seu papel na construção da memória e identidade coletiva sul-mato-grossense.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o papel do Acervo Maria da Glória Sá Rosa na construção da identidade cultural e da memória coletiva de Mato Grosso do Sul. A investigação do papel dos lugares de memória na formação das identidades culturais aponta para uma lacuna significativa na literatura, especialmente no contexto de arquivos e acervos regionais, como o Acervo Maria da Glória Sá Rosa. Em estudos sobre a identidade cultural e a memória coletiva, os lugares de memória são entendidos como locais ou elementos simbólicos que conectam a comunidade ao seu passado e às suas tradições, mas que se encontram sob a ameaça do esquecimento.

A problemática central desta dissertação reside na compreensão do Acervo não apenas como um repositório documental, mas como um "lugar de memória" (Nora, 1993), um espaço vivo, atravessado por vozes sociais, disputas simbólicas e processos discursivos. Para isso, este trabalho dialoga com as concepções de Pierre Nora (1993) sobre os lugares de memória; de Maurice Halbwachs (1992) sobre a memória coletiva como construção social; de Henri Bergson (1999) sobre a memória como duração e experiência vivida; de Paul Ricoeur (2007), que concebe a memória como narrativa articulada com o esquecimento; de Jacques Le Goff (2003) e suas discussões sobre o uso social da memória e da história; de Platão (1995), com suas reflexões fundantes sobre a memória e a escrita; e de Mikhail Bakhtin (2010), cuja Teoria Dialógica da Linguagem oferece o aporte central para a análise dos discursos que constituem o Acervo.

O Acervo, Maria da Glória Sá Rosa ou “Glorinha”, como era conhecida, guarda não apenas arquivos documentais, mas também um vasto repertório simbólico que representa a história e a cultura de Mato Grosso do Sul. No entanto, faltam estudos detalhados que analisem como esse Acervo funciona enquanto repositório ativo de memória, refletindo as práticas culturais e identitárias sul-mato-grossenses. Esse tipo de análise interdisciplinar, que busca interligar estudos sobre linguagem, cultura, história e arquivística, é essencial para se compreender a relevância de Acervos, como o de Glorinha, que moldam e preservam narrativas culturais, oferecendo às gerações futuras um sentido de continuidade e pertencimento. Explorar essa lacuna representa uma oportunidade para enriquecer a compreensão sobre acervos, no fortalecimento das identidades regionais, abordando o Acervo Maria da Glória Sá Rosa como um lugar de memória que transcende a preservação histórica, para atuar como fonte de inspiração, formação identitária e conexão cultural.

A pesquisa reúne registros físicos e digitais relacionados à vida, obra, e atuação cultural de Maria da Glória Sá Rosa, uma importante intelectual, escritora, educadora e ativista cultural de Mato Grosso do Sul. Com efeito, o espaço abriga uma grande variedade de itens recolhidos do apartamento de Glorinha, majoritariamente de seu escritório: documentos impressos e audiovisuais, arquivos pessoais da autora, tais como fotografias e diários, além de objetos decorativos, mobiliário, honrarias, dentre outros.

A investigação compreende o Acervo não apenas como uma coleção estática de documentos, mas como um "lugar de memória" (Nora, 1993), ou seja, um espaço ativo no qual as memórias individuais e coletivas são preservadas, ressignificadas e transmitidas às gerações futuras. A análise interdisciplinar considera o Acervo como um elemento dinâmico que dialoga com questões de memória, identidade cultural, e narrativa histórica, destacando sua importância no fortalecimento das tradições locais e na formação da memória coletiva regional.

Portanto, o objeto de pesquisa é analisado como: repositório de memória coletiva de Mato Grosso do Sul; espaço simbólico e cultural que contribui para a preservação e transmissão das tradições locais; como elemento ativo na construção da identidade cultural e das narrativas históricas da região.

A análise interdisciplinar propõe um estudo sobre o papel do Acervo Maria da Glória Sá Rosa como elemento central na preservação da memória coletiva e na construção da identidade cultural de Mato Grosso do Sul. Essa será conduzida por meio de uma abordagem que integra a Análise do Discurso, a Teoria Dialógica da Linguagem e os estudos históricos e culturais, com o objetivo de revelar a complexidade dos significados e das narrativas que emergem desse espaço de memória. Os objetivos específicos da pesquisa são:

- a) Explorar o conceito de "lugares de memória", conforme proposto por Pierre Nora, para compreender como o Acervo Maria da Glória Sá Rosa se configura como um espaço simbólico relevante na construção da identidade regional de Mato Grosso do Sul;
- b) Realizar o levantamento dos documentos, artefatos e materiais preservados no Acervo Maria da Glória Sá Rosa, incluindo diários, correspondências, objetos decorativos e registros audiovisuais, entre outros, identificando os elementos que conectam à memória coletiva regional e sua relevância na perpetuação das tradições locais;

- c) Pesquisar a biografia e o impacto da atuação de Maria da Glória Sá Rosa na cultura e na educação sul-mato-grossense, destacando sua contribuição como intelectual, escritora, educadora e ativista cultural;
- d) Analisar as narrativas discursivas presentes nos documentos do Acervo, utilizando como referencial teórico a Análise do Discurso Francesa (Orlandi, 2012) e a Teoria Dialógica da Linguagem (Bakhtin, 2003), com ênfase para o modo como esses discursos refletem práticas culturais, políticas e educacionais da região;
- e) Investigar o papel de Maria da Glória Sá Rosa como agente ativa na formação da identidade cultural regional, com destaque para a análise dos escritos “Sol na Retina”, “Minha face no espelho”, “Mombaça meu reino imaginário” e “Destruir a memória é destruir o povo”, examinando como sua obra influencia a narrativa histórica e cultural de Mato Grosso do Sul.;
- f) Discutir a importância do acervo pessoal e cultural como repositório dinâmico da memória coletiva, enfatizando o Acervo Maria da Glória Sá Rosa como fonte de inspiração, pertencimento e continuidade cultural, que contribui para a formação e transformação das identidades regionais.

Diante dos objetivos específicos, a pesquisa propõe uma investigação ampla e profunda sobre o papel do Acervo Maria da Glória Sá Rosa na preservação da memória coletiva e na construção da identidade cultural de Mato Grosso do Sul. A abordagem interdisciplinar permitirá uma compreensão mais rica das narrativas e significados que emergem desse espaço de memória, ressaltando sua importância como um "lugar de memória" que conecta passado, presente e futuro, garantindo a continuidade das tradições e narrativas locais em um mundo cada vez mais globalizado.

A dissertação está organizada em quatro capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado “Da Memória à História: Perspectivas e Tensionamentos”, apresenta o embasamento teórico sobre a relação entre memória e história, destacando as contribuições de pensadores como Platão, Ricoeur, Nora, Halbwachs, Bergson e Le Goff. A proposta é explorar as tensões, os cruzamentos e as complementaridades entre essas categorias na constituição das identidades culturais.

O segundo capítulo, denominado “Linguagem, Tempo e Memória”, aprofunda as articulações entre linguagem, memória e tempo a partir das teorias discursivas de Bakhtin,

Pêcheux, Orlandi e Ricoeur, enfocando o Acervo Maria da Glória Sá Rosa como espaço de produção simbólica, disputas de sentido e atualização narrativa do passado.

O terceiro capítulo, identificado como “Discurso e Arquivo como Fonte Documental: o Acervo Maria da Glória Sá Rosa como Lugar de Memória e História de MS”, propõe uma abordagem teórica e metodológica do arquivo enquanto prática discursiva e fonte ativa de construção da memória e da história. O Acervo é analisado como dispositivo que organiza, preserva e reinscreve sentidos culturais e identitários da região sul-mato-grossense.

O último capítulo, registrado como “As Narrativas da História de MS nos Escritos de Glorinha”, propõe a análise dos textos de Maria da Glória Sá Rosa *Sol na Retina, Minha Face no Espelho, Mombaça, meu reino do imaginário, e Destruir a Memória é Destruir o Povo*, como narrativas em que se entrelaçam memória pessoal e história coletiva, compondo registros literários e autobiográficos que reafirmam a identidade regional e resistem ao esquecimento por meio da escrita.

Sendo assim, a pesquisa concentrou-se na análise de documentos pertencentes ao próprio Acervo, assim como em estudos que investigam de que maneira as narrativas associadas a Maria da Glória Sá Rosa influenciam a percepção da história local e regional. Embora outros espaços de memória como museus e monumentos ofereçam perspectivas relevantes sobre a identidade cultural, é o Acervo Maria da Glória Sá Rosa que se constitui como o “locus” central desta investigação. Tal abordagem possibilita compreender não apenas a importância dos documentos em si, mas também as histórias que eles evocam e o modo como essas narrativas contribuem para a formação da memória coletiva.

CAPÍTULO 1

DA MEMÓRIA À HISTÓRIA: PERSPECTIVAS E TENSIONAMENTOS

Figura 1. Retrato de Maria da Glória Sá Rosa, pelo artista Fausto Furlan



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Figura 2. Obras de autoria de Maria da Glória Sá Rosa



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

O presente capítulo inicia-se pela compreensão de que a memória e a história, ainda que frequentemente consideradas categorias distintas, se inter-relacionam por meio de um processo dialético que envolve tanto a subjetividade das lembranças quanto a objetividade dos relatos históricos. Na raiz dessa discussão está a própria dinâmica da linguagem, que se manifesta inicialmente pelo testemunho oral, um ato que carrega não apenas a expressão individual, mas também marcas das condições históricas, culturais e sociais que a moldam. A linguagem oral, elemento próprio da fala, é um dos primeiros veículos da memória, transmitindo narrativas que preservam e transformam as experiências coletivas.

Uma reflexão aprofundada sobre a relação entre memória e história, articulando as principais contribuições filosóficas e teóricas de Platão (1995), Henri Bergson (1999), Maurice Halbwachs (1992), Paul Ricoeur (2007) e Pierre Nora (1993), contribuirão para prestigiar esse primeiro momento. Cada autor é apresentado em sequência, com breve diálogo introdutório, de modo a situar o leitor na construção dos tensionamentos e complementariedades entre memória e história.

Memória e história são fundamentais para a compreensão tanto do estudo histórico quanto da relevância da memória como fonte para a investigação histórica. Embora sejam conceitos distintos, o diálogo entre ambos é crucial para a historiografia. Primeiramente, é importante definir que a memória é uma reconstrução parcial e limitada do passado, baseada nas percepções de um indivíduo ou grupo sobre o que consideram ser o passado. Diferente da história, a memória não passa pelo rigoroso processo crítico que caracteriza a metodologia histórica.

A análise conjunta das ideias desses autores proporciona uma compreensão mais rica e multifacetada da relação entre memória e história. Pierre Nora, com o conceito de lugares de memória, destaca que esses espaços são construções simbólicas que cristalizam a memória coletiva, desempenhando um papel crucial na formação da identidade cultural. Platão, em seus diálogos sobre memória e escrita, sugere que a memória é um processo dinâmico que envolve tanto o registro sensível quanto a busca por verdades eternas, abordando questões sobre o que é lembrado e o que é esquecido. Maurice Halbwachs, por sua vez, introduz o conceito de memória coletiva, mostrando como a memória individual está sempre ancorada em estruturas sociais que moldam e condicionam o que é lembrado.

Ainda nessa linha de conceitos, Henri Bergson (1999) amplia a discussão ao explorar a memória a partir de uma perspectiva psicológica, especialmente em relação à percepção, consciência e a metafísica do tempo. Ele vai além da psicologia convencional, discutindo a natureza da realidade e a complexidade da experiência humana em sua dimensão subjetiva e temporal.

Já Paul Ricoeur (2007) enriquece essa análise ao destacar a memória como uma construção narrativa, inseparável da organização temporal dos eventos em histórias coerentes. Para Ricoeur, a memória envolve não apenas a recordação do passado, mas a interpretação, seleção e reinterpretação dos eventos, criando narrativas que dão sentido à experiência coletiva

e individual. Ele também explora a tensão entre memória e esquecimento, enfatizando o papel do esquecimento seletivo na renovação das identidades e na adaptação das narrativas às mudanças sociais.

Essa interdependência entre memória e história, iluminada pelas contribuições desses pensadores, revela uma rede complexa de tensões e interações essenciais para a compreensão das identidades culturais contemporâneas. O estudo das relações entre memória e história, aplicado a espaços como o Acervo Maria da Glória Sá Rosa, evidencia seu papel na preservação da memória coletiva e na construção de narrativas que consolidam a identidade regional, mantendo vivas as experiências e tradições que definem uma comunidade.

A partir dessa trajetória teórica, este capítulo evidencia que a memória e a história não podem ser compreendidas como categorias opostas ou estanques, mas como fenômenos interdependentes que se tensionam e se complementam mutuamente. A memória, ao ser mediada pela fala, oferece o substrato necessário para a construção da história, enquanto a história, ao se constituir por meio de narrativas organizadas, confere sentido e continuidade às lembranças coletivas. No contexto desta pesquisa, essa inter-relação será fundamental para analisar o Acervo Maria da Glória Sá Rosa como um lugar de memória que transcende o simples registro histórico, atuando como um espaço vivo de construção identitária e cultural para Mato Grosso do Sul.

1.1 Platão: A Memória como Subjetividade e a História como Busca da Verdade

Figura 3. Quadro memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul. Da memória à reminiscência na filosofia de Platão (Fedro)



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Platão (1995), em seu diálogo Fedro, introduz uma distinção fundamental entre a memória compreendida como atividade subjetiva da alma e a história entendida como busca racional pela verdade. No Fedro, Platão alerta para o risco da escrita como substituta da memória viva: "[...] a escrita pode ser vista como uma ameaça à verdadeira memória, pois oferece apenas a aparência da sabedoria, sem a verdadeira compreensão" (Platão, 2000, p. 66-67)

A memória é reminiscência, para Platão, uma recuperação da verdade pela alma, enquanto a história ideal deveria buscar relatar os fatos de forma objetiva, afastando-se das distorções emocionais individuais. Essa concepção estabeleceu as bases para a separação entre narrativa subjetiva e relato racionalizado do passado uma tensão que ressurge nas análises contemporâneas de Nora, para quem a história e a memória permanecem em diálogo constante, sem separações rígidas.

Em seu diálogo Fedro, Platão (1995) distingue entre a memória uma atividade subjetiva e afetiva da alma e a história idealmente, um registro racional e objetivo dos fatos. Segundo o autor, a escrita, ao tentar fixar o conhecimento, ameaça a verdadeira memória viva, que se baseia na reminiscência e na reflexão interior. A história deveria aspirar a uma verdade transcendente, desprovida das distorções emocionais que marcam a memória individual. Essa distinção marca, na tradição ocidental, a tensão entre experiência subjetiva e relato objetivo do passado.

Nesse sentido, o Acervo Maria da Glória Sá Rosa representa um ponto de convergência entre a memória viva e a história documentada. Os registros, manuscritos e objetos do Acervo não apenas fixam lembranças individuais, mas também ressignificam a experiência coletiva. Maria da Glória Sá Rosa, com sua trajetória intelectual e cultural, transformou sua própria memória em fonte viva para o fortalecimento identitário sul-mato-grossense. O Acervo, assim, possibilita ao pesquisador contemporâneo perceber o trânsito entre a subjetividade das vivências e a objetividade da história registrada, superando a cisão platônica em favor de uma memória histórica ativa

1.2 Henri Bergson: A Memória como Duração e Experiência Viva

Figura 4. Quadro homenagem a Maria da Glória Sá Rosa.



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Figura 5. Quadro sobre entrevista pelo Correio do Estado. Expressão da memória pura em Henri Bergson



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Henri Bergson (1999), em sua filosofia da duração, apresenta uma perspectiva radicalmente diferente sobre a memória e o tempo. Em *Matéria e Memória*, ele distingue dois tipos de memória: a prática (ou habitual) e a pura (ou evocativa). Para Bergson: "O tempo não é uma sequência linear de eventos, mas uma experiência contínua e fluida, na qual passado, presente e futuro coexistem de maneira interdependente" (Bergson, 1999).

O autor propõe que a memória não é uma sequência linear de fatos, mas uma experiência contínua em que o passado, o presente e o futuro coexistem de modo dinâmico. Em *Matéria e Memória*, Bergson diferencia a memória prática ligada às ações habituais da memória pura evocação afetiva e criativa de imagens passadas. A memória, para Bergson, é atualização e reinvenção constante, profundamente ligada à consciência e ao tempo vivido.

A memória, nesse sentido, não é uma reprodução fiel do passado, mas uma reconstrução afetiva e criativa, intimamente ligada à percepção presente. Sua concepção de tempo e memória

desafia a ideia de uma história linear e objetiva, propondo que a memória é uma experiência subjetiva e dinâmica, constantemente atualizada pelas necessidades do presente. Essa noção é essencial para compreender como os lugares de memória, como o Acervo Maria da Glória Sá Rosa, transcendem a função de mero repositório factual para atuar como espaços vivos de significação e reinterpretação.

Sob essa lente, o Acervo Maria da Glória Sá Rosa não é apenas uma coleção estática de documentos; ele é um organismo vivo, no qual o passado é atualizado a cada novo olhar, a cada nova leitura. Maria da Glória Sá Rosa, consciente da importância das manifestações culturais em sua historicidade viva, preservou em seu Acervo não apenas objetos, mas fragmentos de um tempo que se prolonga na experiência sensível das gerações futuras. Assim, o Acervo se torna um espaço na qual a memória bergsoniana fluida, dinâmica e vital se materializa na prática cultural.

1.3 Maurice Halbwachs: A Memória como Construção Social

Figura 6. Quadro Ateliê da Glorinha.



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Figura 7. Quadro representação da memória coletiva como construção social segundo Maurice Halbwachs



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Maurice Halbwachs (1992) oferece uma ruptura decisiva em relação à visão platônica da memória como fenômeno individual. Em sua obra *A Memória Coletiva*, Halbwachs demonstra que as lembranças individuais são sempre mediadas por quadros sociais. O autor explica: "A memória individual não está inteiramente isolada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros" (Halbwachs, 2004, p. 53-54).

Assim, a memória é constituída nas interações sociais, sendo continuamente moldada por tradições, valores e linguagens compartilhadas. As práticas sociais, como rituais e celebrações, desempenham papel crucial na preservação da memória coletiva, que é dinâmica e constantemente reinterpretada para atender às necessidades do presente. Halbwachs antecipa questões centrais para a teoria dos lugares de memória de Nora, mostrando que a memória coletiva é inseparável dos contextos sociais que a sustentam.

O autor revoluciona a compreensão da memória ao demonstrar seu caráter essencialmente social. Em *A Memória Coletiva*, o autor argumenta que as lembranças individuais não existem isoladas: são sempre moldadas por quadros sociais que oferecem referências para a evocação do passado. A memória, assim, é produto das interações sociais e das estruturas culturais compartilhadas, sendo constantemente reconstruída conforme os valores e necessidades do grupo.

A partir dessa perspectiva, o Acervo Maria da Glória Sá Rosa não é apenas um depósito de lembranças individuais, mas um espaço em que a memória coletiva da cultura sul-mato-grossense é estruturada e reafirmada. Maria da Glória Sá Rosa, ao reunir, organizar e valorizar elementos da cultura local, atuou como agente de uma memória coletiva, moldando percepções compartilhadas sobre a identidade regional. O Acervo manifesta, portanto, não apenas a história

de uma pessoa, mas a memória de uma coletividade, resgatada e continuamente ressignificada no presente.

1.4 Paul Ricoeur: A Narrativa como Mediação entre Memória e História

Figura 8. Quadro lançamento do livro Antologia de textos da literatura sul-mato-grossense. A representação da narrativa como mediação entre memória e história em Paul Ricoeur



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Por fim, Paul Ricoeur (2007) aprofunda o debate ao articular memória e história como formas narrativas interconectadas. Em *A Memória, a História e o Esquecimento*, Ricoeur afirma: "A memória é uma narrativa subjetiva e afetiva, enquanto a história busca uma narrativa crítica e metodológica" (Ricoeur, 2007). Sua análise ilumina a tensão inevitável entre recordar e esquecer, entre subjetividade e crítica, e reforça a importância de reconhecer os processos narrativos envolvidos tanto na memória quanto na historiografia.

O autor articula memória e história como duas formas narrativas que se entrelaçam na construção da identidade. Em *A Memória, a História e o Esquecimento*, o filósofo evidencia que a memória é seletiva e narrativa, sujeita a distorções, enquanto a história busca uma estrutura crítica, mas ainda assim permanece impregnada de escolhas e lacunas. Ricoeur reconhece a inevitável tensão entre recordar e esquecer, e ressalta o papel da narrativa na organização e interpretação do tempo vivido. Diante desse pressuposto Ricoeur registra que tanto a memória quanto a história dependem da linguagem e da narrativa para existirem.

O Acervo Maria da Glória Sá Rosa exemplifica essa perspectiva ricoeuriana ao reunir documentos que não apenas registram eventos históricos, mas também constroem narrativas

que dão sentido à trajetória cultural de Mato Grosso do Sul. Maria da Glória Sá Rosa, ao narrar, colecionar e organizar a memória cultural sul-mato-grossense, elaborou não apenas um Acervo, mas também uma narrativa identitária, capaz de mediar o passado e o presente. Dessa maneira, o Acervo transforma o esquecimento em resistência e a memória em ferramenta de reinvenção cultural.

1.5 Pierre Nora: A Dinâmica dos Lugares de Memória

Figura 9. Porta da residência de Glorinha, assinada pelo artista Ilton Silva



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Figura 10. Acervo. Exemplo de lugares de memória conforme a concepção de Pierre Nora



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Ao abordar o entrelaçamento entre memória e história, a obra de Pierre Nora (1993) representa uma das mais significativas contribuições contemporâneas. O historiador francês desenvolve o conceito de "lugares de memória" (*lieux de mémoire*), afirmando que a memória

coletiva se cristaliza em espaços, objetos, datas e práticas que servem de ancoragem para a identidade cultural.

Pierre Nora enfatiza que a memória não é estática, mas constantemente reinterpretada pelas sociedades. Para ele, os lugares de memória nascem precisamente do sentimento de que a memória viva está ameaçada, exigindo, então, práticas comemorativas e registros documentais para evitar o esquecimento. "Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los" (Nora, 1993, p. 13)

A criação desses espaços, portanto, não é natural, mas sim uma resposta consciente à percepção da perda da memória espontânea. Como explica Nora (1984) "São lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra material, simbólico e funcional simultaneamente, somente em graus diversos"². Essa formulação foi discutida no Brasil por Khoury, que enfatiza que a criação desses espaços não é natural, mas resposta consciente à perda da memória espontânea (Khoury, 1993, p. 22-23). Dessa maneira, museus, arquivos, celebrações e até mesmo práticas como um minuto de silêncio se tornam suportes simbólicos da memória coletiva. Mesmo registros aparentemente "objetivos", como manuais escolares ou atas, adquirem valor emocional e ritualístico.

Nora destaca, ainda, que a memória é seletiva, moldada por interesses sociais e políticos contemporâneos, o que implica que o esquecimento é parte constitutiva do processo memorial. A fragmentação contemporânea das memórias, impulsionada pelas transformações tecnológicas e sociais, torna os lugares de memória ainda mais vitais como âncoras identitárias. Em seu diagnóstico crítico, o autor afirma:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] São os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos, diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (Nora, 1993, p. 12-13).

Assim, os lugares de memória são tanto resistência quanto evidência da transitoriedade das identidades e narrativas sociais. Para o autor, esses lugares surgem da

² A formulação é originalmente de Pierre Nora, no clássico *Les Lieux de Mémoire* (1984). No entanto, neste trabalho utilizamos a versão apresentada em Khoury (1993), que traduz e comenta os conceitos de Nora, motivo pelo qual a referência é feita como "Nora, apud Khoury".

necessidade de conservar as lembranças em uma sociedade em que a memória viva, transmitida espontaneamente, está em risco de desaparecimento. Espaços físicos ou simbólicos, os lugares de memória cristalizam as identidades coletivas e servem de resistência contra o esquecimento.

O historiador destaca que o papel dos historiadores é justamente o de interpretar e organizar esses restos, moldando a forma como a sociedade se lembra e dá continuidade às suas tradições e identidade. Em sua análise, Nora vê os “lugares de memória” como objetos de memória ativa, no qual a história é reinterpretada e ressignificada ao longo do tempo, permitindo que a memória coletiva continue a desempenhar um papel crucial na formação e redefinição das identidades sociais e nacionais.

Em suma, a memória coletiva é um processo dinâmico e seletivo, profundamente influenciado por contextos sociais, culturais e políticos. Ela não é uma simples recordação do passado, mas uma construção que envolve práticas simbólicas, narrativas e interpretações, todas elas desempenhadas com grande influência pela ação dos historiadores e de outros agentes sociais.

Nora mostra que a memória, longe de ser algo natural ou contínuo, exige esforços de conservação consciente, dado o avanço inexorável da história e da modernidade. À luz das ideias de Nora, o Acervo Maria da Glória Sá Rosa se configura como um autêntico lugar de memória. Sua função transcende a mera preservação documental: ele atua como espaço simbólico nos quais as narrativas culturais de Mato Grosso do Sul se solidificam e resistem ao esquecimento.

A própria figura de Maria da Glória Sá Rosa, educadora e ativista cultural, inscreve-se nesse processo. Ao registrar e promover a cultura local, Glorinha não apenas produziu memória coletiva, mas contribuiu ativamente para a construção dos marcos identitários que o Acervo hoje preserva. O Acervo, portanto, é tanto testemunho da história cultural quanto espaço dinâmico de identidade viva, como Nora concebe.

Em suma, os argumentos apresentados demonstram que através de Pierre Nora, Platão, Maurice Halbwachs, Henri Bergson e Paul Ricoeur, podemos compreender que memória e história não são categorias estanques, mas dimensões que se tensionam, se atravessam e se recriam constantemente. A memória fornece o substrato vital para a construção da história, enquanto a história, ao organizar e narrar os eventos, dá forma e continuidade às lembranças coletivas.

No contexto desta pesquisa, essa inter-relação será fundamental para analisar o Acervo Maria da Glória Sá Rosa como um lugar de memória que transcende o simples registro documental, constituindo-se em espaço dinâmico de preservação, interpretação e construção identitária em Mato Grosso do Sul.

Diante dessas contribuições permeadas por esses traços particulares de cada autor, da constante referente ao Acervo Maria da Glória Sá Rosa e à trajetória de Maria da Glória Sá Rosa, o capítulo evidencia que memória e história não são categorias opostas, mas instâncias em permanente diálogo, tensão e construção recíproca. O Acervo emerge como lugar privilegiado dessa interseção, garantindo não apenas a preservação de documentos, mas a continuidade viva de uma identidade cultural em movimento.

Um olhar profundo sobre a relação entre memória e história, explorando como essas duas dimensões se interagem, se tensionam e se constroem mutuamente. A relação entre memória e história não é estanque, mas se dá por meio de uma constante intersecção e tensão, nas quais ambas se influenciam e se recriam mutuamente. Pensadores como Pierre Nora, Platão, Maurice Halbwachs, Henri Bergson e Paul Ricoeur contribuem para essa compreensão ao destacar que a memória e a história não são categorias opostas, mas dimensões em permanente diálogo. A memória oferece o substrato essencial para a construção da história, enquanto a história, ao organizar e narrar os eventos, confere forma e continuidade às lembranças coletivas.

No caso específico da pesquisa sobre o Acervo Maria da Glória Sá Rosa, essa inter-relação se torna fundamental para compreender o Acervo não apenas como um repositório documental, mas como um verdadeiro "lugar de memória". Através dessa perspectiva, o Acervo se revela um espaço dinâmico, onde não se limita à preservação de documentos, mas se configura também como um ambiente de interpretação e construção identitária. O Acervo Maria da Glória Sá Rosa transcende o simples registro histórico, ao atuar como um ponto de preservação e de reconstrução das memórias coletivas e individuais, em sintonia com o processo de construção contínua da identidade cultural de Mato Grosso do Sul.

Em síntese, a análise dos temas abordados revela que essas contribuições teóricas, permeadas pelas especificidades de cada autor, mostram que memória e história não são categorias estanques e separadas, mas se mantêm em constante diálogo e tensão. O Acervo emerge como um local privilegiado para essa interação, não apenas preservando o passado, mas promovendo a continuidade viva de uma identidade cultural em movimento, sempre em

transformação. Assim, a memória não se limita ao que foi vivido e registrado, mas se torna uma construção dinâmica, que se alimenta da história e, ao mesmo tempo, ressignifica e recria o passado, perpetuando-se através de uma constante negociação entre o vivido e o narrado.

CAPÍTULO 2

DISCURSO, TEMPO E MEMÓRIA

Figura 11. Maria da Glória Sá Rosa



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Embora o objetivo deste capítulo esteja centrado na perspectiva bakhtiniana e na análise do Acervo Maria da Glória Sá Rosa como lugar de memória discursiva, considero necessário iniciar este percurso teórico por Ferdinand de Saussure. Isso porque sua proposta estruturalista lançou as bases da linguística moderna e influenciou fortemente os debates sobre linguagem ao longo do século XX.

Ao apresentar sua concepção de língua como sistema de signos, podemos compreender os limites dessa abordagem e, em seguida, evidenciar as rupturas e deslocamentos promovidos por Bakhtin. Assim, partimos de Saussure não como referencial analítico, mas como ponto de contraste para destacar o caráter histórico, ideológico e dialógico da linguagem na perspectiva que orienta esta pesquisa.

Compreender a linguagem é uma tarefa que atravessa diferentes áreas do conhecimento e que, ao longo do tempo, tem revelado múltiplas formas de pensar e que significa dizer. O interesse se faz discutir a linguagem como um lugar de memória e conflito, nos quais os sentidos se constroem, se repetem, se esquecem ou são disputados. Para isso, é necessário revisitar algumas das principais teorias que marcaram o pensamento linguístico no século XX, em especial as propostas de Ferdinand de Saussure e Mikhail Bakhtin.

Enquanto Saussure inaugura uma visão estrutural da linguagem, centrada no sistema e nas regras que o organizam, Bakhtin propõe uma virada teórica importante: ele nos mostra que a linguagem é viva, social, atravessada por vozes, disputas e ideologias. No campo da

linguística estrutural, Saussure propõe uma concepção da linguagem como um sistema autônomo de signos, cujas relações internas são determinantes para a produção de sentido.

Em sua obra, Saussure afirma:

A língua é um sistema de signos em que apenas as diferenças existem. Em virtude disso, o conceito ou a ideia não existe por si mesma; ela só existe como oposição a outras ideias. Do mesmo modo, o som só se torna signo linguístico na medida em que se distingue de outros sons. O que caracteriza um signo linguístico não é sua substância, mas as relações que mantém com os demais signos do sistema. (Saussure, 2006, p. 88).

Os principais conceitos formulados por Saussure, cuja perspectiva estruturalista entende a linguagem como um sistema autônomo de signos, regido por relações internas e marcado pela arbitrariedade do signo linguístico é apresentado pelo mapa mental (Figura 1) em anexo conceitos-chave da teoria de Ferdinand de Saussure.

Partir de Saussure, portanto, não é apenas um gesto metodológico, mas um movimento necessário para compreender como as bases estruturais da linguagem moldaram e ainda moldam nossa maneira de pensar os signos, os sentidos e os modos de significar. Seu legado permite visualizar um ponto de ancoragem teórica a partir do qual emergem as tensões que esta pesquisa busca explorar: a linguagem como memória viva, como Acervo simbólico em constante transformação e como campo de disputas. Ao delinear esse pano de fundo, abrimos espaço para revisitar, com mais profundidade, os princípios fundamentais do estruturalismo saussuriano e refletir sobre como eles se desdobram na constituição dos sentidos e da memória discursiva.

É a partir dessa estrutura, afinal, que começamos a ouvir as vozes que ecoam e se chocam no Acervo Maria da Glória Sá Rosa, pois tal configuração oferece o primeiro quadro teórico organizado sobre linguagem. Esse arcabouço conceitual é o "chão" inicial, mesmo que depois Bakhtin vá desmontá-la ou reposicioná-la. Portanto ainda que Saussure privilegiava a linguagem como estrutura, é dentro dessa estrutura que já começamos a perceber seus limites e os ecos das múltiplas vozes que virão à tona com Bakhtin.

2.1 A Linguagem como Espaço de Memória, Discurso e Disputa: Fundamentos Teóricos de Saussure a Bakhtin

Quando falamos em linguagem, logo pensamos em palavras, fala, escrita..., mas o que realmente está por trás da nossa forma de dizer? Essa é uma pergunta que muitos estudiosos já tentaram responder. Entre eles, um nome muito conhecido é o de Ferdinand de Saussure,

considerado o pai da Linguística moderna. Saussure (2006) propôs que a linguagem é formada por dois elementos: a língua, que seria o sistema que todos nós compartilhamos como uma espécie de código social; e a fala, que seria a forma individual como cada pessoa usa esse código. Ele também criou a famosa ideia de que o signo linguístico é dividido entre o significante (a forma da palavra) e o significado (a ideia que ela representa). Para ele, essa relação era arbitrária, ou seja, não há uma razão lógica que explique por que chamamos uma árvore de “árvore” e não de outro nome qualquer.

A grande contribuição de Saussure foi mostrar que a linguagem tem uma estrutura, quase como um jogo com regras. Segundo ele,

A língua é um sistema cujos elementos se definem apenas por suas relações recíprocas. A linguística deve colocar-se no interior desse sistema para observar os valores que ali se estabelecem. Assim como no jogo de xadrez, onde o valor das peças depende de sua posição no tabuleiro e das regras do jogo, o valor de um signo linguístico depende de sua oposição aos outros signos. Não é o uso individual que interessa à linguística, mas a estrutura subjacente que o possibilita.” (Saussure, 2006, p. 60).

A estrutura proposta por Saussure nos permite compreender a linguagem como um sistema regulado, marcado por regras internas que organizam o dizer. No entanto, ao privilegiar o funcionamento abstrato da língua em detrimento das condições reais de enunciação, sua teoria acaba por silenciar aquilo que, para esta pesquisa, é fundamental: o lugar da memória, da ideologia e das vozes que atravessam o discurso. É justamente nesse ponto que a noção de acervo ganha relevância.

O Acervo Maria da Glória Sá Rosa, longe de ser um simples repositório de documentos, é também um espaço no qual a linguagem se manifesta em sua concretude histórica como fala situada, como escrita atravessada por contextos, subjetividades e disputas de sentidos. Olhar para esse Acervo a partir de uma perspectiva puramente estrutural seria reduzir sua potência discursiva a um jogo de regras fixas. Mas é nas brechas dessas regras, nos deslocamentos do dizer, que a memória coletiva se inscreve e se transforma.

Por isso, ao reconhecer a importância da contribuição saussuriana para os estudos da linguagem, é preciso também olhar para além de seus limites. É nesse gesto de deslocamento do sistema à enunciação, da estrutura à história que a proposta de Mikhail Bakhtin começa a se delinear.

Mikhail Bakhtin, trouxe um olhar totalmente diferente sobre o funcionamento da linguagem. Para ele, a linguagem não é algo pronto, fixo ou neutro. Muito pelo contrário: ela é viva, histórica, social e cheia de conflitos. Toda vez que alguém fala ou escreve, essa pessoa está respondendo a algo, mesmo que de forma indireta. Por isso, Bakhtin (1992) afirma que todo enunciado é parte de um diálogo com outras pessoas, com outros textos, com outras ideias.

Enquanto Saussure olhava para a linguagem como um sistema fechado, Bakhtin nos incentiva a ver a linguagem como um espaço de interação e disputa. Segundo ele, cada vez que falamos, usamos palavras que já circularam por aí, que já foram usadas por outras pessoas em diferentes contextos. Assim, a linguagem carrega memórias, marcas históricas, intenções e, muitas vezes, ideologias. Como ele mesmo afirma:

A palavra é o produto de uma interação social. Tudo que nela é ideológico é um reflexo das condições sociais e históricas nas quais ela é empregada. [...] A realidade da língua é inseparável da realidade do discurso, e este, por sua vez, está indissolivelmente ligado à existência concreta dos sujeitos sociais que o utilizam. A linguagem é, portanto, um campo de batalha entre diferentes vozes sociais, cada uma lutando por sentido. (Bakhtin, 2017, p. 110).

A abordagem dialógica de Bakhtin destaca a linguagem como prática viva, atravessada por múltiplas vozes, discursos e ideologias. Ele nos faz perceber que a linguagem não é apenas um conjunto de regras. Ela é viva, cheia de histórias, de disputas e de contextos. Cada vez que falamos ou escrevemos, estamos, de alguma forma, respondendo a algo que já foi dito antes, com palavras que trazem consigo um pedaço de história.

Essa visão ajuda a olhar para o Acervo Maria da Glória Sá Rosa de uma maneira nova: o Acervo não é apenas um lugar nos quais coisas antigas estão guardadas, é um espaço nas quais as palavras ainda ecoam, em que diferentes vozes se cruzam. Cada documento, cada palavra escrita ali tem uma história para contar, carregada de memórias, de contextos e de disputas. O Acervo é um lugar em que a linguagem se mantém viva, transformando-se com o tempo, e é isso que o torna tão rico e cheio de sentidos.

A ideia da linguagem como espaço de memória e disputa foi mais desenvolvida por autores como Michel Pêcheux e Eni Orlandi, mas tem raízes no pensamento de Bakhtin. Pêcheux (1997) explica que existe uma espécie de "arquivo invisível" por trás de cada fala, um conjunto de sentidos anteriores que interferem no que podemos ou não dizer, e em como nossas palavras são compreendidas. Ele destaca que:

Há, por trás de cada ato de fala, uma espécie de 'arquivo invisível' que condiciona e orienta os sentidos. Este arquivo é constituído por discursos anteriores, sedimentados

historicamente, que operam como moldura de significação. Assim, mesmo quando dizemos algo aparentemente novo, nossos dizeres são atravessados por esse já-dito que os precede, sustenta ou mesmo limita. (Pêcheux, 1997, p. 20).

Essa noção permite compreender que o sentido não nasce do sujeito individual, mas das formações discursivas que o antecedem e o atravessam. Falar, nesse sentido, é sempre reinscrever sentidos num campo já ocupado por discursos em disputa. Contudo, nem todas as vozes têm o mesmo espaço nessa memória. Algumas são reforçadas e lembradas com facilidade; outras são esquecidas ou até silenciadas.

Esse processo de esquecimento não é apenas natural, muitas vezes, é intencional, como uma forma de manter certas ideias no centro e afastar outras das discussões. Bakhtin destaca que:

O signo ideológico é o terreno da luta de classes. Toda parcela da realidade vivida que se transforma em signo — palavra, imagem, som — entra imediatamente em uma zona de disputa por sentidos. Não há palavra neutra. Toda linguagem é um campo de batalha em que diferentes vozes sociais, com diferentes interesses e valores, disputam sua permanência, seu significado e sua memória. (Bakhtin, 2017, p.40).

Para Bakhtin, a linguagem é um campo de luta. Cada enunciado é um pedaço dessa batalha simbólica, em que se reafirmam sentidos antigos, se contestam verdades, se propõem novas visões de mundo. Não há palavra neutra, pois, toda palavra está em disputa, carregando uma história e servindo a interesses mesmo que isso não seja percebido de imediato.

O percurso que vai de Saussure a Bakhtin ajuda a entender que a linguagem não é apenas um sistema de regras, mas uma prática viva, atravessada por sujeitos, memórias, esquecimentos e disputas. Enquanto Saussure oferece as bases para compreender a estrutura da língua, Bakhtin amplia essa visão ao trazer para o centro da análise o contexto social, o diálogo e a história.

Sob a ótica dialógica desenvolvida por Bakhtin e os autores do Círculo Bakhtiniano, a linguagem não pode ser entendida como um instrumento neutro ou uma estrutura fixa e abstrata, como defendido pelas vertentes formalistas da linguística. Para Bakhtin, “o signo ideológico é um fenômeno social por excelência” (Bakhtin, 2011, p. 32), significando que a linguagem está sempre inserida em contextos sociais, históricos e ideológicos. Ela não apenas representa a realidade, mas a constrói, de acordo com as posições sociais e as intenções dos sujeitos que a utilizam.

Essa concepção desloca a análise da linguagem enquanto sistema para a linguagem enquanto enunciação: um ato concreto de fala, situado, relacional e carregado de sentidos disputados. A linguagem é essencialmente dialógica, acontecendo sempre em relação a outras

vozes, a enunciados anteriores e a respostas esperadas ou possíveis. Cada palavra dita carrega marcas sociais, memórias discursivas e antecipações de sentido. Como afirma Bakhtin, “A vida da palavra está inteiramente determinada pela esfera da comunicação verbal a que ela pertence.” (Bakhtin, 2011, p. 121).

Isso significa que a linguagem está sempre respondendo a algo e convocando outras respostas, e o sentido não reside nas palavras isoladamente, mas é construído no processo de interação entre os interlocutores, considerando suas posições sociais e a situação histórica em que se encontram.

Essa dimensão interativa e histórica da linguagem é fundamental para compreender os processos de construção da memória. Ao narrar o passado, os sujeitos não apenas recordam fatos, mas os reorganizam a partir das estruturas de linguagem disponíveis, dos discursos dominantes e das condições sociais de produção da enunciação. A memória é profundamente discursiva: não há acesso direto ao passado, mas uma mediação linguística que reconstrói, ressignifica e posiciona os sujeitos em relação a ele. Bakhtin ressalta que “A palavra [...] entra em uma arena já cheia de palavras da consciência alheia.” (Bakhtin, 2011, p. 121)

Sendo assim, a palavra, demonstra como a memória é moldada pelo já-dito, pelas vozes que nos antecedem e participam ativamente da nossa fala. A história, enquanto narrativa social do passado, é construída por meio da linguagem e carrega todas as suas tensões. Não existe história neutra ou objetiva, mas sim discursos históricos resultantes de disputas sociais e ideológicas sobre quais memórias serão legitimadas, silenciadas ou esquecidas.

A linguagem é o meio pelo qual esses processos se concretizam. Quando determinada versão do passado se torna hegemônica, isso ocorre através de práticas discursivas que reiteram certos sentidos e suprimem outros. Como enfatiza Bakhtin, “A significação verbal, ideológica, de um dado enunciado está entrelaçada com a significação de outros enunciados, reais ou potenciais.” (Bakhtin, 2011, p. 99). Isso implica que a história está sempre em disputa discursiva.

Assim, a linguagem torna-se um elemento estruturante dos processos de memória e história. Ela não apenas expressa lembranças, mas as legitima socialmente, organizando e hierarquizando os sentidos atribuídos ao passado. A memória é sempre socialmente mediada e construída. Conforme destaca Bakhtin, “A palavra não pertence ao indivíduo de forma isolada, mas pertence a outros, já povoada com as intenções sociais dos outros, é expropriada, por assim

dizer, por outros.” (Bakhtin, 2011, p. 121). Assim a linguagem atravessa o sujeito, constituindo-se como espaço simbólico no qual se dá a luta pelo significado das experiências vividas.

Entretanto, se a linguagem atua como suporte da memória, ela também opera como mecanismo de esquecimento. Aquilo que não é enunciado, que não encontra espaço na interlocução social, tende a desaparecer do horizonte coletivo de significados. Esse esquecimento não é involuntário ou natural, mas construído discursivamente a partir de escolhas ideológicas. Como afirma Bakhtin, “A palavra é o produto de duas forças sociais opostas: centrífuga e centrípeta.” (Bakhtin, 2011, p. 78). É nessa tensão que se estabelecem os discursos dominantes, muitas vezes à custa do silenciamento de outras vozes.

O esquecimento, portanto, não deve ser compreendido como uma simples falha da lembrança, mas como resultado de escolhas ideológicas que delimitam o que pode ser dito, por quem e em que condições. A linguagem funciona como um dispositivo de poder que seleciona, legitima ou marginaliza memórias, exercendo um papel ativo na organização do passado. Por essa razão, a análise da linguagem é essencial não apenas para compreender os processos de rememoração, mas também para identificar os mecanismos discursivos que sustentam o silenciamento e a exclusão histórica.

Essa função organizadora e seletiva da linguagem torna-se evidente quando se analisam os discursos sociais sobre eventos históricos traumáticos, como ditaduras, guerras, genocídios ou apagamentos culturais. A forma como esses eventos são narrados ou mesmo evitados revela muito mais do que um registro factual: mostra disputas por poder simbólico e por lugares de fala na construção da memória histórica.

A luta por memória é, portanto, também uma luta por reconhecimento discursivo. O silêncio imposto às vozes subalternizadas, o apagamento de identidades e a negação de experiências são formas de operar o esquecimento através do discurso. Como afirma Bakhtin, “cada palavra serve a dois mestres, exprime simultaneamente duas tendências [...]” (Bakhtin, 2011, p. 78), revelando sua natureza conflituosa.

Por isso, compreender a linguagem como campo de disputa ideológica e não como simples espelho da realidade é fundamental para refletir sobre os processos de rememoração e esquecimento. Termos como “liberdade”, “democracia”, “justiça” ou “identidade” são constantemente apropriados por diferentes grupos sociais, que os preenchem com sentidos diversos e, por vezes, opostos. A palavra, para Bakhtin, é sempre “uma arena de conflito entre

acentos de valor concorrentes” (Bakhtin, 2011, p. 82). Isso demonstra que o discurso não apenas comunica, mas posiciona, confronta e organiza os sujeitos no espaço social.

Diante disso, a memória torna-se também uma prática discursiva situada. O sujeito, ao recordar, está inserido em relações sociais que moldam o que pode ser lembrado e de que maneira. Ele se posiciona frente a discursos anteriores e produz uma enunciação que carrega traços de seu tempo, de suas condições de existência e de suas relações com o outro. A linguagem, como prática social e ideológica, é inseparável desses processos. Assim, ao pensar memória e história, é imprescindível pensar linguagem não como ferramenta neutra, mas como espaço de construção simbólica do mundo. Ao tornar visíveis essas relações, a perspectiva bakhtiniana oferece uma chave analítica poderosa para compreender como o passado é contado, disputado, silenciado ou ressignificado no presente.

A linguagem, como Bakhtin nos ensina, é um espaço vibrante de disputas, no qual o passado e o presente se encontram, se confrontam e se ressignificam a cada palavra pronunciada. Essa luta pelo sentido não acontece apenas em abstrato, nas ideias ou nos livros. Ela se concretiza nas vozes que se fazem ouvir, nas palavras que são ditas e, muitas vezes, naquelas que são silenciadas. A memória, portanto, não é um espaço fixo, mas uma arena dinâmica, em que escolhas discursivas moldam o que é lembrado e o que é apagado.

E é aqui que o Acervo Maria da Glória Sá Rosa se insere de forma tão crucial. Ele não é apenas um repositório de documentos; é um campo nas quais as vozes históricas, memórias e disputas de sentidos se encontram e se entrelaçam. Ao examinar o Acervo, não estamos apenas acessando o passado, mas estamos nos posicionando no presente, diante das vozes que resistem e das que foram silenciadas ao longo do tempo. Cada item ali presente carrega não apenas uma memória, mas uma luta simbólica por reconhecimento, por lugar na história.

Por isso, ao nos voltarmos para o Acervo Maria da Glória Sá Rosa, estamos também acessando um campo de memória e esquecimento, na qual a linguagem, as palavras e os silêncios dialogam com o presente. Como esse Acervo articula essas disputas de sentidos? Quais memórias ele carrega, quais ele resgata, e quais ele ainda guarda, aguardando para serem ouvidas?

No próximo tópico, vamos explorar exatamente isso: como o Acervo Maria da Glória Sá Rosa não é apenas um lugar de memória, mas um campo ativo, nas quais as vozes, os

silêncios e os sentidos se confrontam, revelando as complexas tramas que tornam a história viva e presente.

2.2 Linguagem e Memória em Disputa: Vozes, Silêncios e Sentidos no Acervo Maria da Glória Sá

Ao investigar os itens do Acervo Maria da Glória Sá Rosa, torna-se evidente que a linguagem não é apenas um meio de registro, mas um suporte dinâmico da memória e dos afetos. Ela não apenas nos permite acessar o passado, mas também o reorganiza, ressignifica e, muitas vezes, silencia. Nesse processo, revelam-se as disputas que atravessam as memórias e as interpretações de eventos e histórias. A relação entre linguagem e memória no Acervo não se resume a um simples relembrar, mas envolve uma constante reconfiguração dos sentidos. A linguagem nos permite reconstruir o que foi vivido, ao mesmo tempo em que apaga, silencia ou marginaliza determinados passados, de acordo com as vozes e os discursos que o permeiam.

O Acervo Maria da Glória Sá, carinhosamente chamado de “Glorinha”, se torna um espaço vivo, no qual essas dinâmicas de memória, esquecimento e disputa de sentidos se materializam de forma palpável, revelando as marcas do tempo, os afetos e as escolhas discursivas que moldam a forma como percebemos o passado. O que acabamos de analisar até aqui nos leva a refletir sobre a importância da linguagem como um espaço vital de memória, no qual o Acervo se revela como um corpo discursivo repleto de significados e tensões. Cada documento, cada fotografia e cada bilhete não apenas preserva o passado, mas o organiza, reconfigura e, em muitos casos, silencia certas histórias, tornando o processo de leitura uma verdadeira escuta ativa.

Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. (Pollak, 1989, p. 6).

Este Acervo, por meio de suas marcas e lacunas, é um campo de disputas não apenas de lembranças, mas de quem tem a voz, quem é ouvido e o que permanece silenciado. Cada documento do Acervo é um enunciado que carrega vozes, marcas sociais, intenções e contextos. Assim, o Acervo torna-se espaço de produção discursiva, nos quais se atualizam memórias, se evidenciam ausências e se tencionam sentidos. A linguagem, segundo a perspectiva de Mikhail Bakhtin, não é neutra nem individual. Ela nasce do encontro entre sujeitos e carrega consigo

múltiplas vozes e intenções. Ainda nesse contexto cada palavra, cada enunciado que chega até nós carrega rastros de falas anteriores e prepara terreno para falas futuras. Nas palavras do autor, "a vida da palavra está inteiramente determinada pela esfera da comunicação verbal a que ela pertence.

Toda palavra que tomamos em consideração é, em sua essência, carregada de uma história complexa. Ela chega até nós rodeada por uma rede de outras palavras que a circundam, transformam e determinam seu sentido. A vida da palavra está inteiramente determinada pela esfera da comunicação verbal a que ela pertence. (Bakhtin, 2011, p. 121).

Essa ideia nos convida a olhar para o Acervo não apenas como um conjunto de documentos, mas como um campo de enunciações que ecoam tempos, sujeitos e contextos. Memória e linguagem, nesse sentido, se entrelaçam de maneira indissociável. A memória não é simplesmente um depósito de fatos passados, mas um processo discursivo. É na linguagem que organizamos nossas lembranças, narramos os acontecimentos e damos forma e sentido ao vivido. Por isso, o que lembramos e o que esquecemos depende das palavras que temos à disposição e dos discursos que circulam socialmente. O Acervo Maria da Glória Sá, com sua variedade de registros, revela essas escolhas: o que foi preservado, registrado e nomeado; e, por outro lado, o que ficou à margem, esquecido ou silenciado.

Memória não é apenas o que se lembra, é também o que se repete, se omite, se ressignifica. A linguagem, como espaço de circulação de sentidos, torna visível esse processo de disputa simbólica, em que o silêncio fala tanto quanto a palavra. Folhear os documentos do Acervo é também um exercício de escuta. Cada bilhete, carta ou fotografia fala, ainda que em silêncio, com o leitor. Esses registros constituem formas materiais de linguagem, enunciados situados, marcados por tempo, espaço e ideologia. Como destaca Bakhtin: "O signo ideológico é um fenômeno social por excelência. Ele não pode ser compreendido fora da sociedade, fora das relações sociais e das condições sociais de sua produção e circulação" (Bakhtin, 2011, p. 32).

Nesse sentido, o Acervo se torna um corpo discursivo que reúne múltiplas vozes: a da própria Maria da Glória Sá, de suas interlocutoras e interlocutores, de instituições com as quais ela dialogou, e também da própria história social da região em que atuou. Cada documento preservado nos permite acessar não apenas o conteúdo explícito, mas as condições de produção daquele discurso, as relações de poder que o atravessam e os silêncios que ele impõe.

Ao analisar os documentos, o pesquisador não apenas observa: ele entra em diálogo com o passado. A linguagem conecta tempos e sujeitos, fazendo do Acervo um espaço de escuta ativa e produção de sentido. Memória, portanto, não é só lembrar. É também repetir, reinterpretar, esquecer. A teoria da memória discursiva nos ajuda a compreender que certos sentidos circulam e retornam, enquanto outros se perdem ou são silenciados. No Acervo, encontramos marcas dessas disputas: temas que se reiteram ao longo dos anos, como a luta por educação e cultura, formas de resistência, modos de dizer que desafiam o tempo.

Mas também encontramos vazios. Lacunas que não dizem pouco: dizem muito. O silêncio sobre determinados temas como, por exemplo, os conflitos políticos locais, as desigualdades raciais ou de gênero, a ausência de determinados nomes de colaboradores ou figuras influentes com quem se sabe que Maria da Glória Sá se relacionava, ou ainda a escassez de relatos sobre experiências de grupos marginalizados na região revela as tensões do próprio processo de memória.

Esses silêncios não são acidentais: são construções discursivas que apontam para escolhas feitas ao longo do tempo, seja no que foi registrado, seja no que foi deixado de lado. A linguagem, aqui, cumpre um papel duplo: é meio de expressão, mas também de esquecimento. Como afirma Bakhtin: "Cada palavra serve a dois mestres, exprime simultaneamente duas tendências: o intento sincero do locutor e as intenções implícitas, as possibilidades dialógicas que a palavra carrega em si" (Bakhtin, 2011, p.78).

Recontar a história de Maria da Glória Sá Rosa não é apenas preservar um legado, mas disputar sua permanência no espaço da memória coletiva. O gesto de narrar é também gesto político: afirma presenças, denuncia silêncios, resgata histórias esquecidas. É fundamental compreender que a linguagem é sempre dialogada. Mesmo quando lemos um documento do passado, estamos em diálogo com ele. Reagimos, interpretamos, respondemos. Essa é a noção de dialogismo que atravessa o pensamento de Bakhtin. Assim, ao estudar o Acervo Maria da Glória Sá, não estamos apenas fazendo uma leitura do passado. Estamos entrando em diálogo com esse passado, atualizando sentidos e ressignificando histórias.

A experiência com o Acervo nos coloca frente a frente com o tempo e suas marcas. A linguagem aparece como ponte entre o ontem e o hoje, entre a voz de Maria da Glória Sá e a escuta do presente. É por meio dela que podemos compreender o impacto de sua trajetória, as redes que construiu e os enfrentamentos que protagonizou. Trazer à tona essas vozes não é

apenas um exercício acadêmico: é também um gesto político. Essas vozes são múltiplas: a de Maria da Glória Sá, com seus escritos, relatos e registros; as vozes daqueles com quem ela dialogou ao longo de sua trajetória educadores, artistas, estudantes, mulheres, líderes comunitários e, sobretudo, as vozes silenciadas, que surgem nas lacunas e ausências do Acervo. Trata-se de uma memória que não é apenas individual, mas, como nos lembra Maurice Halbwachs,

A memória coletiva é um processo social, construído e sustentado pelas relações dentro dos grupos sociais aos quais pertencemos. Ela transcende o indivíduo, refletindo a história comum e a identidade compartilhada. (Halbwachs, 2006, p.37).

Reconhecer o valor do Acervo, dar visibilidade à história de Maria da Glória Sá, é disputar os espaços da memória coletiva. É reconstituir uma história que, muitas vezes, é ignorada pelas narrativas oficiais. E, nesse processo, a linguagem é instrumento de resistência. É através dela que se pode recontar, resignificar, denunciar silêncios e afirmar presenças. Por isso, a relação entre linguagem, memória e Acervo é também uma relação de cuidado. Ao narrar, o pesquisador assume a responsabilidade ética de escutar e traduzir com sensibilidade essas vozes sejam elas evidentes ou apenas sugeridas pelos silêncios do Acervo. Mais do que organizar documentos, trata-se de tecer histórias com palavras, reconhecendo os limites e as potências da linguagem como mediação entre o passado e o presente.

Este percurso teórico e afetivo por entre os vestígios da memória deixados no Acervo Maria da Glória Sá Rosa nos mostra que a linguagem é muito mais do que um código. Ela é prática social, lugar de memória, território de disputas. Ao tratar da linguagem na perspectiva bakhtiniana, entendemos que todo ato de fala é carregado de historicidade, ideologia e posicionamento social. E ao entrelaçá-la com o trabalho e com o Acervo, percebemos que cada documento é, na verdade, um enunciado em movimento, capaz de gerar novos sentidos.

Nessa perspectiva, linguagem e memória se mostram inseparáveis. Através da linguagem, lembramos e esquecemos. Através da linguagem, organizamos o tempo, damos forma ao que passou e, ao mesmo tempo, criamos o presente. O Acervo Maria da Glória Sá, então, deixa de ser um conjunto inerte de papéis e se transforma em campo de escuta e fala, de silêncio e grito, de passado e futuro atravessado, sempre, pela linguagem.

2.3 Acervo, Memória e Tempo: A Narrativa como Espaço de Disputa e Reconfiguração

Quando falamos de linguagem como lugar de memória e disputa simbólica, é impossível ignorar o papel dos acervos pessoais e intelectuais na preservação e também na construção da

memória coletiva. O Acervo de Maria da Glória Sá Rosa, objeto desta pesquisa, é mais que uma coleção de documentos: é um corpo discursivo vivo, atravessado por vozes, temporalidades e marcas de um sujeito que atuou intensamente na educação, cultura e formação da identidade sul-mato-grossense.

A partir da perspectiva bakhtiniana, o Acervo Maria da Glória Sá Rosa pode ser lido como um espaço de enunciação. Cada registro uma crônica, uma carta, uma fala pública, uma anotação é um enunciado que responde a contextos históricos concretos e, ao mesmo tempo, dialoga com vozes sociais do seu tempo. Para Bakhtin (2010), todo enunciado é dialógico, pois está sempre em relação com outros: ele responde, antecipa, ecoa. Assim, o Acervo se apresenta como um lugar de ecos: de ideias, de debates culturais, de disputas intelectuais. Ainda Bakhtin (2010) esclarece que:

Todo enunciado é um fenômeno vivo, uma unidade de linguagem, que existe entre os interlocutores e no tempo histórico-social. É inseparável do contexto social, respondendo a vozes anteriores, dialogando com elas e antecipando reações futuras. Assim, a linguagem é sempre heterogênea, um campo onde múltiplas vozes coexistem e se confrontam. (Bakhtin, 2010, p.87).

Mas não só: ele também é um espaço de memória discursiva, no sentido proposto por Orlandi (2012) e Pêcheux (1997). Ao mesmo tempo em que resgata acontecimentos e experiências do passado, o Acervo mostra o que foi silenciado, o que foi pouco dito ou dito de modo lateral. É nesse movimento entre lembrança e esquecimento que ele se torna um território político: as escolhas discursivas ali registradas dizem tanto quanto aquilo que ficou de fora. Como afirma Orlandi,

A memória discursiva não é algo passivo ou simplesmente armazenado; ela está ativa no momento da enunciação, estruturando o dizer e sendo estruturada por ele. É um campo dinâmico, no qual sentidos, lembranças e silenciamentos se entrelaçam e se confrontam, refletindo as condições históricas e ideológicas do sujeito falante. (Orlandi, 2012, p.104).

Nesse sentido, Pêcheux complementa que:

O discurso está impregnado de ideologia, e a memória discursiva é o campo de luta entre diferentes forças sociais. Não existe uma memória única e neutra, mas múltiplas memórias em disputa, pois o que é lembrado e o que é esquecido depende da hegemonia ideológica do momento. A memória discursiva é, portanto, também uma memória política. (Pêcheux, 1997, p.62-63).

Como apontam Almeida, Garcia e Sousa (2018, p.133), “a memória discursiva é tudo o que já foi dito, mas que fala novamente antes de cada enunciado”. Isso significa que, mesmo diante de novas situações enunciativas, há uma herança de sentidos que sustenta e orienta cada dizer. Além disso, “a memória discursiva é também o palco teórico de um embate entre forças

ideológicas que objetivam condicionar as memórias que serão retomadas diante de um novo acontecimento” (Almeida; Garcia; Sousa, 2018, p. 134), revelando a dimensão política do esquecimento e da lembrança no discurso.

Glória Sá Rosa atuou em uma época de profundas transformações: ditadura, redemocratização, criação do Mato Grosso do Sul, lutas por políticas culturais e educacionais que refletem no Acervo tanto na forma de resistência explícita quanto em gestos sutis e entrelinhas. Foucault (1996) destaca que:

O arquivo não é um simples depósito de documentos, mas um conjunto de regras que determina o que pode ser dito, o que pode ser registrado e lembrado. Ele é parte das relações de poder que governam o presente e o passado, produzindo regimes de verdade e apagando outras narrativas. Portanto, a memória é governada e construída no arquivo (Foucault, 1996, p.131).

Por isso, o que lemos no Acervo não é apenas o que aconteceu, mas o modo como isso foi narrado, registrado e tornado memorável. Essa memória discursiva não é homogênea; pelo contrário, apresenta rastros de conflito simbólico, vozes dissonantes, tensões entre o regional e o nacional, o acadêmico e o popular, o institucional e o afetivo. O estudo busca entender como esses sentidos são produzidos, reafirmados ou contestados ao longo do tempo. A exemplo, a forma como a autora se posicionava em relação à cultura regional. Sua escrita revela uma preocupação constante com o fortalecimento da identidade cultural sul-mato-grossense, ao mesmo tempo em que dialogava com tradições e autores de fora. Esse gesto aparentemente simples já é um ato de disputa discursiva: ele afirma um lugar, uma voz, uma memória que, muitas vezes, é colocada à margem nos grandes centros.

A preocupação da autora com o fortalecimento da identidade cultural sul-mato-grossense revela uma disputa discursiva importante, afirmando um lugar e uma memória frequentemente marginalizados nos grandes centros. Chartier reforça a importância da materialidade e das práticas de leitura ao dizer que “Os suportes e práticas de leitura moldam o sentido dos textos, e a organização do Acervo, assim como a forma de sua leitura crítica, participam dessa disputa simbólica” (Chartier, 1990).

Ao analisar o Acervo pela perspectiva bakhtiniana, propomos uma leitura que escuta não só as vozes presentes, mas também aquelas que foram interrompidas ou esquecidas conectando a noção de memória como campo de conflito à linguagem como instrumento de resistência.

A narrativa, por sua vez, emerge como ferramenta central para compreender a experiência temporal humana, articulando o tempo vivido à memória. A pesquisa recorre à filosofia de Paul Ricoeur para mostrar como a narrativa estrutura o tempo, tornando-o inteligível tanto filosoficamente quanto na prática cotidiana. Ricoeur (1985) analisa a narrativa como mediadora entre o tempo objetivo e o tempo vivido, através das três fases da mimese: prefiguração, configuração e refiguração. Para ele,

A narrativa articula e unifica os acontecimentos heterogêneos do tempo em uma totalidade compreensível; ela é, ao mesmo tempo, a operação que transforma o tempo em história e a forma simbólica que revela a estrutura temporal da experiência humana. (Ricoeur, 1985, p. 85).

Ao aplicar essa concepção ao Acervo de Maria da Glória Sá Rosa, percebemos que ele não é apenas um repositório de documentos, mas um espaço simbólico no qual o passado se refaz continuamente, projetando uma memória dinâmica que reflete a identidade cultural e as tradições regionais. O tempo, desde a antiguidade, é reconhecido como um conceito cheio de aporias. Ricoeur retoma a reflexão de Santo Agostinho, que expressa essa tensão: “O que é, pois, o tempo? Se ninguém mo pergunta, eu sei; se quero explicá-lo a quem mo pergunta, já não sei.” (Confissões, XI, 14, citado em Ricoeur, 1985).

Essa aporia, presente também na tradição aristotélica, estrutura o pensamento de Ricoeur sobre o tempo. Enquanto Aristóteles define o tempo como número do movimento, Ricoeur propõe um espaço intermediário, onde a narrativa dá inteligibilidade à experiência temporal fragmentada e paradoxal, tornando-a vivível e coerente. Como afirma Ricoeur, “A narrativa é o meio privilegiado de articular a experiência do tempo” (Ricoeur, 1985, p. 101).

Assim, ao narrar como contamos nossas próprias histórias: selecionamos eventos, estabelecemos encadeamentos causais, damos ênfase a certos momentos, minimizamos outros. Essa organização não apenas confere sentido ao vivido, mas transforma a experiência em algo comunicável, partilhável. Portanto, a narrativa se torna ponte entre a temporalidade subjetiva e a realidade comum.

2.4 A Composição da Intriga e a Função Estruturante da Narrativa

Paul Ricoeur, inspirado em Aristóteles, propõe a intriga como o princípio organizador da narrativa que confere unidade e sentido à diversidade dos acontecimentos. A intriga é o “núcleo formal da narrativa, responsável por transformar uma sucessão de fatos em uma história

com sentido.” (Ricoeur, 2010, p. 52). Ela não se limita a uma estrutura lógica, mas atua simbolicamente, configurando o caos da experiência temporal em uma totalidade inteligível.

Nesse processo, surge a mimese, entendida não como mera imitação, mas como “reconfiguração criativa do vivido” (Ricoeur, 1985, p. 13). A mimese ocorre em três momentos: Mimese I (prefiguração do mundo da ação), Mimese II (configuração da intriga), Mimese III (refiguração pela recepção). Esse ciclo revela a dinâmica hermenêutica entre experiência, expressão e interpretação, evidenciando que a narrativa é “uma condição de nossa experiência temporal” (Ricoeur, 1985, p. 13). Por meio da intriga, organizamos o tempo da vida em começo, meio e fim, uma estrutura simbólica da consciência temporal.

A mimese I é o ponto de partida, a preparação do campo narrativo. A mimese II é o desenvolvimento da intriga, onde o tempo da história começa a tomar forma. E a mimese III é a refiguração da experiência, que ocorre na recepção da narrativa, quando o sentido da história é reconfigurado pelo leitor e se reflete na sua própria experiência de vida. (Ricoeur, 2010, p.52).

O Acervo de Glória Sá Rosa agrega elementos íntimos, como cartas e objetos afetivos, a registros públicos de sua atuação cultural, configurando um campo narrativo híbrido que evidencia a interseção entre memória pessoal e coletiva. Conforme Ricoeur, essa dinâmica se processa em três momentos da mimese: na mimese I, os signos pré-narrativos do mundo vivido; na mimese II, a configuração da intriga que organiza o vivido em uma narrativa com sentido; e na mimese III, a refiguração, na qual leitores e comunidade atualizam e ressignificam o passado (Ricoeur, 1985, p. 45). Essa interação cria um espaço nos quais experiências individuais e sociais se cruzam, ampliando a potência da memória.

A intriga, nesse sentido, não é apenas uma ferramenta literária, mas uma estrutura da própria consciência. Somos seres que compreendem o tempo através de histórias; organizamos nossa vida por meio de começos, meios e fins. O poder da narrativa reside em sua capacidade de simbolizar a temporalidade. Paul Ricoeur discute a intriga como elemento central da narrativa, que confere coerência temporal e simbólica aos fatos. Ele afirma:

A intriga é o que une os eventos dispersos em um conjunto significativo, o que transforma uma simples sucessão cronológica em uma história com começo, meio e fim. Por meio da intriga, a narrativa dá forma à experiência temporal, cria um mundo com sentido, onde o tempo da vida se organiza em uma configuração inteligível. A intriga não é uma mera construção lógica, mas um princípio simbólico que configura a mimese, isto é, a refiguração criativa do tempo vivido na forma narrativa. (Ricoeur, 1985, p. 52).

Essa reorganização temporal e simbólica é fundamental para a compreensão do texto narrativo e do processo de memorização, no qual o caos do vivido é simbolicamente ordenado.

Ao percorrer os registros do Acervo Maria da Glória Sá, compreendemos que a memória, longe de ser estática ou puramente individual, revela-se como um campo de disputas, de negociações e de afetos. A linguagem, nesse percurso, atua como o elo entre sujeitos, tempos e experiências, tornando-se um dispositivo fundamental para a preservação, a reinterpretação e a reconstrução do passado.

Como vimos, cada documento é mais do que um simples registro: é um enunciado carregado de intencionalidades, contextos e silêncios. É por meio dele que vozes múltiplas se manifestam a voz de Maria da Glória Sá, a daqueles que com ela dialogaram, e também das experiências que foram caladas ou esquecidas. Essas vozes nos convocam a escutar com atenção crítica e sensível, e a reconhecer que narrar a memória é também um ato político de reconhecimento e de resistência.

Inspirados pela perspectiva de Maurice Halbwachs, reafirmamos que a memória é coletiva, construída nas interações sociais e sustentada por vínculos afetivos e simbólicos. Reconhecer o valor desse Acervo é, portanto, um gesto de reparação e de valorização de histórias que correm o risco de serem apagadas.

Por fim, fica evidente que a linguagem não apenas veicula a memória, mas a constitui. Ela organiza o vivido, reinscreve sentidos, tensiona esquecimentos e nos possibilita enxergar o Acervo como um corpo discursivo pulsante no qual o passado permanece em constante diálogo com o presente. Assim, preservar, ler e interpretar esse Acervo é também participar de um movimento mais amplo de escuta, de reconhecimento e de escrita de outras histórias possíveis.

2.5 Tempo, Narrativa e Memória: o Círculo Hermenêutico, o Acervo Maria da Glória Sá Rosa e a reconfiguração do tempo vivido

O ponto central da teoria de Ricoeur está na articulação circular e fecunda entre tempo e narrativa. A narrativa não apenas dá forma ao tempo vivido, mas o tempo vivido gera a necessidade de narrar. Esse círculo não é apenas literário, mas existencial, como ilustrado pelo exemplo do luto: o tempo da perda é inicialmente caótico, mas a narrativa permite simbolizar e integrar esse sofrimento ao fluxo do tempo. Como afirma Ricoeur,

A narrativa, por sua própria estrutura, articula o tempo vivido, o qual, por sua vez, alimenta a necessidade de narrar. Este movimento recíproco entre o vivido e o narrado forma um círculo hermenêutico, que não é vicioso, mas fecundo, revelando a constante reciprocidade entre a experiência vivida e sua expressão através da linguagem. (Ricoeur, 2010, p.105)

Ricoeur enfatiza a reciprocidade entre o tempo vivido e a narrativa como um processo de circularidade que não é vicioso, mas fecundo:

O tempo vivido suscita a narrativa, que por sua vez reconfigura o tempo vivido em uma nova forma inteligível. Este círculo hermenêutico, onde o tempo e a narrativa se alimentam mutuamente, é o que torna possível a compreensão do tempo enquanto experiência humana. A narrativa, portanto, não é um simples relato do tempo, mas a mediação pela qual o tempo se torna compreensível e significativo para o sujeito. (Ricoeur, 2010, p.105).

Assim, a memória torna-se um processo ativo de “repetir, reinterpretar, esquecer”, nos quais os sentidos são conservados, modificados ou excluídos. A narrativa como mimese do tempo vivido também destaca o papel ativo da memória na reconfiguração do passado, tornando-o inteligível e significativo. Ao pensarmos a narrativa como mimese do tempo vivido, reconhecemos também o papel ativo da memória na reconfiguração do passado.

Este movimento explica por que narrar é essencial para a experiência humana do tempo, especialmente em situações limite como o luto ou a memória histórica. A memória não apenas conserva; ela cria, atualiza e negocia sentidos. Em acervos, por exemplo, encontramos marcas dessas disputas: temas que se reiteram ao longo dos anos (como a luta por educação e cultura), formas de resistência, modos de dizer que desafiam o tempo.

É justamente nesse ponto que se pode compreender a importância do Acervo Maria da Glória Sá Rosa configura-se, segundo as categorias teóricas de Paul Ricoeur e Pierre Nora, como um lugar de memória no qual o passado é constantemente mobilizado e projetado no presente. Para Ricoeur, “a memória não se limita a conservar; ela reconstrói o passado com base nas necessidades do presente. Entre recordar e esquecer, a narrativa age como mediadora do sentido” (Ricoeur, 2007, p. 79).

Nesse sentido, o Acervo ultrapassa a mera função de arquivo histórico para se tornar um território de signos nos quais o tempo narrado e o tempo vivido se entrelaçam, constituindo e reconstituindo a identidade cultural sul-mato-grossense. O Acervo, composto por registros físicos e digitais que documentam a vida, a obra e a atuação de Maria da Glória Sá Rosa, figura central da cultura sul-mato-grossense não pode ser compreendida apenas como um repositório documental. Ele se constitui como um verdadeiro lugar de memória (Nora, 1993), no qual o passado é mobilizado para o presente e projetado ao futuro por meio da narrativa.

Neste espaço simbólico, memória e identidade cultural são continuamente construídas e reconstruídas, por meio dos discursos que ali circulam. Inspirando-se na concepção de Pierre Nora sobre os lugares de memória, Ricoeur enfatiza que:

A memória é sempre uma mediação, nunca um dado imediato. Ela se constrói e se reconstrói a partir do passado que ressoa no presente, em um jogo constante entre recordar e esquecer. Os lugares de memória são, portanto, espaços simbólicos onde o passado é reatualizado, apropriado e reinterpretado à luz das necessidades presentes. É nesse sentido que o acervo histórico torna-se um lugar onde se configura a identidade cultural. (Ricoeur, 2007, p. 79).

Nesse lugar de memória, como propõe Pierre Nora (1993), há uma cristalização de sentidos que ultrapassam o individual: narrar a trajetória de Maria da Glória Sá é também narrar uma parte da história cultural e educacional de Mato Grosso do Sul. Os documentos reunidos cartas, textos, fotos, depoimentos funcionam como fragmentos de uma narrativa maior, tecida entre o tempo vivido, o tempo lembrado e o tempo projetado.

A memória não é, entretanto, um registro neutro. Alinhando-se às teorias de Maurice Halbwachs e Pollak sobre memória discursiva, Ricoeur ressalta o caráter seletivo e político da memória:

O trabalho da memória é também o trabalho da seleção, da repetição e da exclusão. Cada narrativa, ao se constituir, estabelece um campo de visibilidade e, inevitavelmente, um campo de sombra. Toda memória é também uma memória esquecida; toda narrativa é um campo de visibilidade onde algumas vozes são elevadas e outras silenciadas. O trabalho da memória implica um processo ativo de seleção, repetição e exclusão, no qual o sujeito constrói uma história coerente, mas inevitavelmente parcial, do passado. Isso não implica uma falsificação, mas uma inscrição histórica que responde às necessidades do presente. (Ricoeur, 2007, p. 72).

Essa perspectiva permite compreender o Acervo como um espaço de memória politizada, em diálogo com as lutas sociais de valorização da cultura regional, educação e direitos das mulheres, temas reiteradamente presentes nos documentos. Além disso, o Acervo é também um espaço dialógico e polifônico, nos quais vozes múltiplas se encontram e dialogam, ultrapassando a ideia de neutralidade documental. As cartas, discursos e objetos não são meros registros estáticos, mas testemunhos vivos das relações sociais, afetos e tensões da época. Ricoeur observa:

A narrativa não é uma voz monológica, mas polifônica, onde múltiplas vozes e perspectivas se encontram. O texto narrativo é um espaço dialógico que permite a coexistência e o confronto de diferentes discursos, que se comunicam e se reinterpretam mutuamente. Essa polissemia é o que mantém a narrativa viva, aberta a novas interpretações e reatualizações. (Ricoeur, 1990, p. 132).

Portanto, o Acervo se configura como um espaço de diálogo entre tempos e sujeitos diversos, promovendo a circulação da linguagem e a construção contínua da memória e identidade cultural. Por fim, a memória contida no Acervo é entendida como um “tempo narrativo” em constante movimento, marcado por processos de seleção, repetição e atualização. O passado ali preservado não é fixo, mas pulsante, dialogando com as demandas do presente, sobretudo na valorização das tradições locais e da identidade regional. Ricoeur destaca:

A tradição é uma transmissão que implica transformação, pois cada geração recebe o legado do passado e o ressignifica, criando uma continuidade que não é estática, mas dinâmica. A memória, ao narrar o passado, participa desse processo de transformação identitária, onde o tempo se torna uma força viva que articula pertencimento e novidade. (Ricoeur, 1988, p. 98).

Assim, o Acervo atua não apenas como testemunha do passado, mas como agente ativo na construção identitária, fortalecendo laços de pertencimento e reafirmando valores culturais que resistem ao esquecimento e projetam um futuro ancorado na dignidade da memória coletiva.

Essa mesma dinâmica se evidencia de forma ainda mais íntima na obra *Tempos de Glória* (Brandão, Gonçalves, Bambil, 2007), Maria da Glória Sá Rosa realiza um exercício vivo de mimese, narrando sua trajetória pessoal e pública de modo a transformar o tempo vivido em uma narrativa dotada de sentido, resistência e afirmação política. Ricoeur afirma que “o tempo se torna tempo humano na medida em que é articulado de forma narrativa” (Ricoeur, 1985, p. 13), e Glorinha faz desse princípio um gesto consciente.

Ao narrar suas experiências, ela escolhe o que lembrar e o que silenciar, mostrando que a memória é “atualizar, reinterpretar, dar novo fôlego ao passado” (Ricoeur, 2007). A obra se configura, assim, como um espaço de memória viva, no qual o passado e o presente se entrelaçam e a narrativa se torna um ato político de permanência, resistência e identidade cultural.

Por fim, ao tratar da narrativa autobiográfica, Ricoeur afirma:

Ao narrar sua própria história, o sujeito não reproduz passivamente um tempo vivido, mas o reconfigura, escolhendo o que recordar, o que enfatizar e o que silenciar. Esse processo é um ato de autoria que dá ao passado uma nova forma e significado, que resiste à dissolução do tempo e afirma a identidade pessoal. A narrativa autobiográfica é, portanto, uma forma privilegiada de memória e identidade. (Ricoeur, 1992, p. 57).

Ao avançarmos neste percurso pelo Acervo de Maria da Glória Sá Rosa, é impossível não nos determos na obra *Tempos de Glória* (Brandão, Gonçalves, Bambil, 2007), que reúne

textos que, à primeira vista, parecem apenas recordar momentos pessoais, profissionais e culturais da autora. Mas ao mergulharmos em suas páginas, logo percebemos: não se trata apenas de memórias isoladas, mas de uma verdadeira costura narrativa entre o tempo vivido, o tempo lembrado e o tempo compartilhado.

A obra *Tempos de Glória* (Brandão, Gonçalves, Bambil, 2007) funciona como uma extensão da própria Glorinha, da mulher, da educadora, da crítica de arte e da cidadã comprometida com a cultura sul-mato-grossense. A leitura da obra nos permite acompanhar, com sensibilidade e profundidade, a forma como ela escolhe narrar sua própria história. E aqui vale retomarmos Paul Ricoeur, quando afirma que "o tempo se torna tempo humano na medida em que é articulado de forma narrativa" (Ricoeur, 1985, p. 13). Glorinha, ao narrar, humaniza o tempo. Ela o transforma em enredo, em memória viva, em sentido.

Ao contar suas experiências, Glorinha faz escolhas: o que lembrar, como lembrar, que palavras usar, o que silenciar. Isso é narrativa em sua essência não um simples espelho do passado, mas uma reorganização simbólica do vivido. Cada capítulo do livro poderia ser lido como um exercício de mimese, nos termos de Ricoeur: há ali a prefiguração de um mundo de ação (mimese I), a configuração dos eventos em uma trama significativa (mimese II) e, claro, a refiguração provocada no leitor (mimese III), que se vê convidado a repensar sua própria relação com o tempo, a cultura e a memória.

E veja só: ao narrar suas experiências com a educação, com o teatro, com a política cultural de Mato Grosso do Sul, Glorinha não apenas conta o que viveu, ela reivindica lugar na história. Sua narrativa é também resistência, é afirmação. É o gesto político de quem compreende que escrever é permanecer. Como nos lembra Ricoeur (2007), a memória não é apenas conservar o que foi; é também atualizar, reinterpretar, dar novo fôlego ao passado.

Por isso, incluir a obra *Tempos de Glória* (Brandão, Gonçalves, Bambil, 2007) neste estudo não é apenas uma homenagem. É um passo necessário para compreendermos como a memória se faz também no gesto de narrar a si mesma. Ao lado dos documentos, cartas e objetos do Acervo, o livro se apresenta como um espaço no qual Glorinha fala diretamente conosco com a franqueza de quem viveu intensamente e com a elegância de quem soube transformar tempo em palavra.

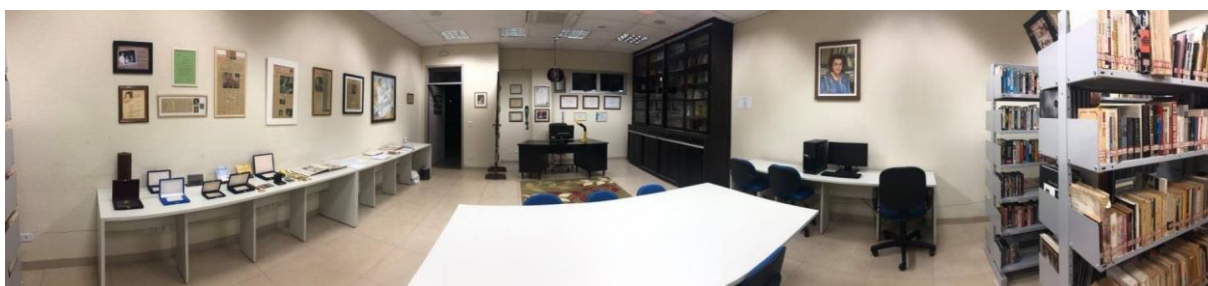
Ao longo deste capítulo, percorremos os caminhos que conduzem ao Acervo de Maria da Glória Sá Rosa, compreendendo-o não apenas como um conjunto de registros, mas como

um território simbólico, imbricados por signos no qual a memória, identidade e escrita se entrelaçam. No entanto, para além dos documentos e das leituras que fizemos até aqui, resta ainda um passo fundamental: entrar em contato direto com as narrativas produzidas pela própria autora.

CAPÍTULO 3

DISCURSO E ARQUIVO COMO FONTE DOCUMENTAL: O ACERVO MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA COMO LUGAR DE MEMÓRIA E HISTÓRIA DE MS

Figura 12. O Acervo Maria da Glória Sá Rosa



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Este capítulo analisa o Acervo Maria da Glória Sá Rosa como fonte documental e como um significativo lugar de memória da história e da cultura sul-mato-grossense. Mais do que um conjunto de registros, o Acervo preserva e ativa narrativas que revelam o papel decisivo de Maria da Glória Sá Rosa professora, escritora e intelectual na construção da identidade cultural do estado de Mato Grosso do Sul desde sua criação, em 1977. A partir das perspectivas de Pierre Nora (1993) sobre a relação entre memória e história, a análise evidencia como documentos, obras literárias e registros pessoais se entrelaçam, refletindo a trajetória da autora e sua contribuição para a preservação das manifestações artísticas e da memória coletiva do estado.

O Acervo pessoal de Maria da Glória Sá Rosa é um importante espaço de preservação da história e cultura sul-mato-grossense. Mais do que um conjunto de documentos, ele representa uma memória ativa que revela o papel decisivo da professora e intelectual na construção da identidade cultural do estado de Mato Grosso do Sul, que ela viu nascer em 1977. Este capítulo tem por objetivo analisar como esse Acervo se configura enquanto lugar de memória, utilizando as perspectivas de Pierre Nora (1993) sobre a relação entre memória e história.

Maria da Glória Sá Rosa, escritora e pesquisadora brasileira, reconhecida principalmente por sua contribuição à literatura e à reflexão sobre temas sociais, culturais e

históricos. Podemos dizer que sua obra foi marcada por uma análise crítica e sensível, uma das autoras que explora questões de memória, identidade e relações sociais, frequentemente buscando entender como essas questões se entrelaçam com a construção da história e da cultura no Brasil.

Embora seu trabalho seja relativamente discreto em comparação com autores mais populares, Maria da Glória Sá Rosa se destaca por sua abordagem intimista e por seu olhar atento sobre as dinâmicas que envolvem o cotidiano e a memória coletiva. Em seu conto *Sol na retina* (Rosa, 2002), por exemplo, ela aborda a memória e a experiência pessoal, refletindo sobre a construção da identidade e da história individual e coletiva. Esse conto faz parte de sua busca para entender como as memórias, as narrativas pessoais e a história se conectam em uma trama mais ampla, refletindo as transformações da sociedade brasileira.

Seu trabalho é uma importante contribuição para a literatura contemporânea brasileira, especialmente no que diz respeito à pesquisa de temas como a história social e as dinâmicas de memória e identidade, que são essenciais para entender o Brasil e suas complexas interações culturais e históricas.

3.1 A trajetória de Maria da Glória Sá Rosa e sua relevância cultural

Maria da Glória Sá Rosa, também conhecida como Glorinha, destacou-se por sua intensa atuação em várias frentes culturais e educacionais. Lecionou por décadas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), foi membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e ocupou cargos públicos estratégicos, como a presidência da Fundação de Cultura do Estado de Mato Grosso do Sul.

Além disso, publicou importantes obras sobre literatura, história e arte regional. A seguir, apresentamos suas principais obras.

Figura 13. Capa da obra *Cultura, Literatura e Língua Nacional* (1976)



Cultura, Literatura e Língua Nacional (em parceria com Albana Xavier Nogueira) Editora do Brasil, 1976. Livro Didático vendido em todo Brasil. Segundo o site do Acervo Maria da Glória Sá Rosa, trata-se de obra pioneira, apresenta textos, imagens, obras de artes em cores, sugestões de filmes, e projetos de trabalho e pesquisa. Foi adotada nacionalmente, fugindo da proposta tradicionalista dos demais livros didáticos, que só continham textos e métodos de trabalho, o que, para a época, havia se tornado obsoleto.

Figura 14. Capa da obra *Projeto Universidade 81: Festivais de Música em Mato Grosso do Sul* (1981)



A obra *Projeto Universidade 81: Festivais de Música em Mato Grosso do Sul* (em parceria com Cândido Alberto da Fonseca e Paulo Simões), publicada em 1981, pela Editora UFMS, “narra, a partir de depoimentos de cantores e artistas do sul de Mato Grosso, as histórias e memórias dos festivais promovidos até o ano de 1981 pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul” (Acervo Maria da Glória Sá Rosa). Dentre esses festivais, destaca-se o Prata da Casa, que consagrou artistas e foi um marco na consolidação da música popular urbana do Estado.

Figura 15. Capa da obra *Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul: histórias de vida* (1990)



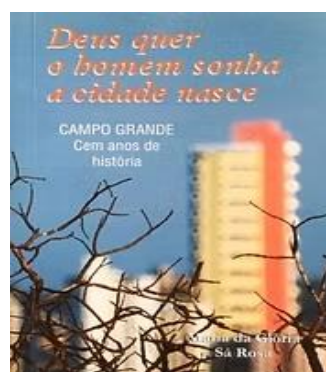
A obra *Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul: histórias de vida*, de 1990, relata a vida de professores aposentados que fizeram história em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul sob a ótica autobiográfica dos entrevistados. Segundo o site do Acervo Maria da Glória Sá Rosa, “Glorinha percorreu cidades como Campo Grande, Dourados, Aquidauana, Três Lagoas e Cuiabá para apresentar ao leitor um panorama da Educação do ‘Mato Grosso Uno’ a partir das memórias daqueles que foram seus pioneiros”.

Figura 16. Capa da obra *Memória da Arte em MS: histórias de vida* (1992)



A obra *Memória da Arte em MS: histórias de vida*, publicada em 1992, em parceria com Maria Adélia Menegazzo e Idara Duncan, relata, a partir das memórias de artistas do Estado, as visões sobre a Literatura, Música, Teatro, Artes Plásticas, Cinema e Dança daqueles que construíram e lutam pela manutenção dessas expressões culturais regionais, segundo o site do Acervo Maria da Glória Sá Rosa.

Figura 17. Capa da obra *Deus quer, o Homem sonha, a Cidade Nasce: Campo Grande: cem anos de história* (1999)



Na obra *Deus quer, o Homem sonha, a Cidade Nasce: Campo Grande: cem anos de história*, publicada em 1999 pela Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Lazer (FUNCESP), Maria da Glória Sá Rosa reverencia o centenário de Campo Grande, ao selecionar “a história

daqueles que viveram um passado não muito distante e que o construíram de modo especial”, como explica a professora e crítica de arte Maria Adélia Menegazzo, na quarta capa.

Figura 18. Capa da obra *Crônicas de Fim de Século* (2001)



Crônicas de Fim de Século. Editora da UCDB, 2001. A obra traz crônicas publicadas por Glorinha Sá Rosa em jornais da capital sul-mato-grossense entre 1970 a 2001. Com uma temática variada, a autora faz relatos sobre personagens históricas internacionais, nacionais e locais, trata de questões sobre literatura e cultura e apresenta também suas experiências de viagens nos mais diversos países.

Figura 19. Capa da obra *Contos de Hoje e Sempre: tecendo palavras* (2002)



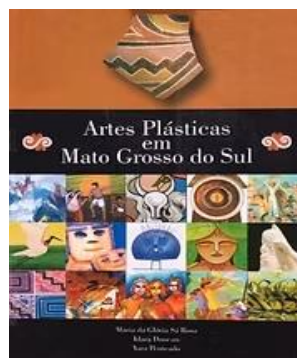
A obra *Contos de Hoje e Sempre: tecendo palavras*, de 2002, marca a estreia na escrita ficcional de Maria da Glória. Nele, a autora desenvolve contos sob a ótica das mais diversas ações humanas. As histórias narradas confrontam-se com muitas realidades já vividas por pessoas comuns.

Figura 20. Capa da obra *A Música de Mato Grosso do Sul: histórias de vida* (2009)



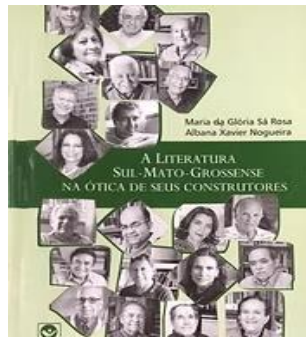
A Música de Mato Grosso do Sul: histórias de vida (em parceria com Idara Duncan) Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009. Junto a sua parceira de escrita, Glorinha Sá Rosa traça um panorama da produção sonora do Estado. Para elas, no leque da riqueza musical de MS, coexistem uma diversidade de ritmos nos quais seus “compositores, cantores, produtores e instrumentistas convivem sem preconceitos em uma troca de influências estimuladoras da criatividade”.

Figura 21. Capa da obra *Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul* (2005)



Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul (em parceria com Idara Duncan e Yara Penteadó) Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2005. Mais do que uma obra, temos um catálogo com um panorama de artistas e telas que configuram o panorama das Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul. Conforme justificado na obra pelas autoras, “o que se quer garantir é o caráter histórico-cultural da criação artística”, mostrando a relevância das artes na formação do Estado.

Figura 22. Capa da obra *A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de seus Construtores* (2011)



A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de seus Construtores (em parceria com Albana Xavier Nogueira) Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2011. Seguindo a lógica das narrativas de histórias de vida, Maria da Glória e Albana trazem na obra as visões, experiências, ações e obras de 21 escritores e 4 críticos de literatura que vivem ou viveram no Estado. A obra passa a ser um marco dos estudos sobre literatura regional, pois, a riqueza de informações prestadas só foi registrada em livro 30 anos antes com a publicação de “História da Literatura Sul-Mato-Grossense” de José do Couto Vieira Pontes.

Figura 23. Capa da obra *Projeto Universidade 81: Festivais de Música em Mato Grosso do Sul* (2012)



Escrita em parceria com Cândido Alberto da Fonseca e Paulo Simões, a obra *Projeto Universidade 81: Festivais de Música em Mato Grosso do Sul*, de 2012, comemora os trinta anos do Projeto “Prata da Casa”. A obra foi relançada juntamente com “A Moderna Música Popular Urbana de Mato Grosso do Sul”, de José Octávio Guizzo, no Teatro Glauce Rocha, durante show que rememorou os Festivais promovidos pela UFMS nos anos 1970 e 1980.

Figura 24. Capa da obra *Antologia de Textos da Literatura Sul-Mato-Grossense* (2013)



A obra *Antologia de Textos da Literatura Sul-Mato-Grossense*, escrita em parceria com Albana Xavier Nogueira e Maria Adélia Menegazzo, e publicada em 2013, apresenta excertos de textos dos mais diversos autores da literatura sul-mato-grossense, como Manoel de Barros, Raquel Naveira, Lobivar Matos, Emmanuel Marinho, Sylvia Cesco, entre outros.

Figura 25. Capa da obra *A Crônica dos Quatro* (2014)



A Crônica dos Quatro, escrita em parceria com Abílio Leite de Barros, Maria Adélia Menegazzo e Theresa Hilcar, foi publicada em 2014. É o último livro publicado por Maria da Glória Sá Rosa em vida. Constitui-se da reunião de crônicas publicadas por ela, Abílio, Maria Adélia e Theresa no jornal *Correio do Estado*, de 2012 a 2014.

A doação do Acervo Maria da Glória Sá Rosa para a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) se destaca como um marco na preservação da memória e identidade cultural de Mato Grosso do Sul. A família da professora fez a doação formal em 2017, para dois grupos de pesquisa³ de professores do Curso de Letras da UEMS de Campo Grande, com o objetivo de garantir que seu legado cultural e intelectual continuasse impactando a sociedade e os cursos da universidade. A inauguração oficial ocorreu em 2019⁴, consolidando o espaço como uma referência para pesquisa acadêmica e literária.

³ Trata-se dos grupos “Literatura, história e sociedade” e “Núcleo de Estudos Bakhtinianos”, ambos do CNPq.

⁴ Detalhes sobre a inauguração do Acervo Maria da Glória Sá Rosa estão disponíveis em: <www.acervomariadagloria.com.br>. Acesso em: 10.fev. 2025.

O Acervo inclui obras raras e livros em línguas estrangeiras, além de diários, fotografias e material audiovisual. Esse espaço também abriga objetos pessoais e mobiliário da residência de Maria da Glória, o que oferece uma experiência mais íntima aos visitantes, revelando aspectos da vida privada e profissional da intelectual. Os docentes Aline Saddi Chaves, Daniel Abrão e Volmir Cardoso Pereira, do Curso de Letras da UEMS, tiveram um papel fundamental na articulação da doação e na recuperação de parte do mobiliário com apoio de alunos do curso de línguas.

O Acervo tem múltiplas finalidades: além de apoiar diretamente as atividades de ensino, pesquisa e extensão dos cursos de Letras e demais disciplinas da UEMS, ele também se propõe a ser um espaço de memória acessível ao público. Esse projeto é coordenado por professores da área de Letras e do Núcleo de Estudos Bakhtinianos (NEBA), que, com a ajuda de alunos, realizaram a catalogação e limpeza inicial dos itens do Acervo.

A presença desse Acervo na UEMS reforça não apenas a memória cultural do estado, mas também destaca a relevância de Maria da Glória na construção da identidade regional. A vasta biblioteca inclui clássicos da literatura mundial e regional, consolidando-se como um recurso único para estudos em literatura, artes e história de Mato Grosso do Sul.

Sendo assim, esse processo envolveu desafios, como a higienização dos livros e a organização do Acervo, que ainda demandam recursos financeiros para preservação a longo prazo. No entanto, sua instalação na UEMS representa um compromisso com a valorização da cultura e a memória de Maria da Glória Sá Rosa, além de enriquecer o ambiente acadêmico e cultural da região.

3.2 O Acervo como Lugar de Memória

O conceito de lugar de memória foi desenvolvido por Pierre Nora (1993) para se referir a espaços físicos ou simbólicos que guardam memórias coletivas e ajudam na construção de identidades culturais, e o Acervo de Maria da Glória Sá Rosa pode ser entendido como um desses lugares. Nele estão preservados não apenas livros, documentos e objetos pessoais, mas também registros de sua atuação em iniciativas culturais, como o projeto Prata da Casa e o Cine Clube de Campo Grande, de modo que tais iniciativas se tornam fundamentais para compreender sua importância.

O Festival Prata da Casa promovia espetáculos de música ao vivo, valorizando a produção artística regional, e esse projeto também foi responsável por lançar um disco com músicas locais, fortalecendo a identidade cultural do estado e promovendo a integração entre artistas e público local; por sua vez, o Cine Clube de Campo Grande tinha como foco a difusão do cinema e da cultura cinematográfica na cidade, permitindo que a população tivesse acesso a filmes independentes e debates culturais, o que contribuiu para a formação de um público crítico e engajado com o cinema e as artes audiovisuais.

Esses projetos refletem o comprometimento de Maria da Glória com a democratização da cultura e seu papel na construção de uma identidade regional forte para Mato Grosso do Sul, consolidando-a como uma referência intelectual e artística no estado, de forma que o Acervo representa a intersecção entre a memória individual de Glorinha e a memória coletiva da cultura sul-mato-grossense. Nesse sentido, abriga registros de eventos culturais, correspondências com artistas e intelectuais e reflexões sobre a identidade local, desempenhando o papel de conservar e transmitir valores culturais que moldaram a história do estado.

Além disso, o Acervo Maria da Glória Sá Rosa cumpre um papel fundamental na preservação e disseminação da memória cultural e histórica de Mato Grosso do Sul, pois seu valor não reside apenas em seu conteúdo documental, mas também em sua função pedagógica, possibilitando a pesquisadores, estudantes e gestores culturais o acesso a uma ampla gama de materiais que contribuem para o estudo e a valorização da cultura sul-mato-grossense.

Com efeito, suas coleções oferecem um panorama sobre a evolução das artes e da educação na região, documentando a presença e o impacto de movimentos culturais e iniciativas educacionais que foram essenciais para a construção de uma identidade cultural robusta e diversa, de modo que a história das artes e da educação em Mato Grosso do Sul é um reflexo da interconexão entre influências culturais externas e o desenvolvimento local.

Essa dinâmica é bem representada no Acervo, que guarda registros de movimentos culturais, publicações críticas e obras que revelam a complexidade e riqueza desse contexto cultural. Em particular, destaca-se a preservação de textos críticos e publicações sobre temas como o Realismo Mágico e a literatura sul-mato-grossense, além de análises de artes plásticas e música, sendo que, em colaboração com outros intelectuais, Glorinha Sá Rosa contribuiu para a formação de um repertório que sustenta a compreensão das expressões artísticas regionais,

consolidando o papel do Acervo como um espaço privilegiado para o estudo da cultura e da história local.

Mais do que um repositório de documentos, o Acervo Maria da Glória Sá Rosa é um verdadeiro “lugar de memória” que simboliza a conexão entre memória e história, permitindo o acesso a narrativas ricas sobre a formação identitária de Mato Grosso do Sul e evidenciando a contribuição de Glorinha como protagonista no processo de valorização cultural da região. Assim, ao manter viva a memória de uma das mais influentes figuras culturais de Mato Grosso do Sul, o Acervo proporciona uma visão abrangente da história regional e inspira novas interpretações do contexto cultural e educacional, e o estudo desse Acervo também reforça a importância da preservação documental como forma de resistência ao esquecimento e à fragmentação da história.

Por conseguinte, o Acervo não só guarda o passado como também oferece subsídios que auxiliam na (re)imaginação do futuro cultural da região, possibilitando que as futuras gerações compreendam as interconexões que moldaram a identidade sul-mato-grossense; dessa forma, ele se estabelece como uma fonte rica e indispensável para o entendimento do desenvolvimento cultural de Mato Grosso do Sul e para a promoção de uma memória coletiva viva e inclusiva.

Entre as camadas da lembrança e os silêncios do esquecimento, o Acervo de Maria da Glória Sá Rosa emerge como um potente lugar de memória, na acepção proposta por Pierre Nora, já que não se trata apenas de um conjunto de documentos, objetos e registros organizados sob a lógica da preservação, mas sim de um espaço simbólico no qual a memória se materializa, se transforma e se reinscreve, em que o tempo se densifica em camadas e as presenças ausentes continuam a ecoar.

É nesse lugar que a memória individual encontra a memória coletiva, e o gesto de recordar se torna, também, um ato de narrar, significar e disputar o passado, pois o Acervo transcende a função de arquivo. Ele é um campo de mediações culturais, nos quais os vestígios da trajetória de Maria da Glória Sá Rosa – professora, crítica, gestora, autora, mulher de pensamento e ação – são reorganizados não apenas para guardar, mas para produzir sentido. Como enfatiza Jacques Le Goff (2003), a memória não é apenas aquilo que é lembrado, mas sobretudo aquilo que é selecionado, transmitido e institucionalizado como digno de ser lembrado; assim, ao abrigar elementos que narram sua atuação ao longo de décadas, o Acervo constrói o que Le Goff denominou de “memória longa”, ou seja, uma memória capaz de

ultrapassar o tempo curto da lembrança episódica para se constituir em patrimônio histórico e simbólico.

Organizado em categorias que refletem as múltiplas dimensões de sua atuação como intelectual, educadora, formadora de leitores e agente cultural, o Acervo se revela um objeto de leitura plural e intertextual, abrindo-se a interpretações que variam conforme o leitor, o tempo e o contexto da leitura. Essas categorias são identificadas por siglas que facilitam sua classificação e análise: BIB (Bibliográfica): livros, revistas e obras autorais; HON (Honrarias e Reconhecimentos): medalhas, diplomas e placas comemorativas; DOC (Documental): currículos, diplomas, cartas e manuscritos; MID (Midioteca): registros audiovisuais como vídeos e áudios; ICO (Iconográfica/Fotográfica): fotografias e álbuns de família; OBJ (Objetos/Museológica): móveis, equipamentos e objetos pessoais; TXT (Textos inéditos e pessoais): rascunhos, bilhetes e cadernos de anotações.

Cada uma dessas categorias⁵ contribui para revelar aspectos diversos da memória e da história, compondo um panorama multifacetado da vida e obra de Maria da Glória Sá Rosa, e, para complementar a análise desenvolvida neste trabalho, foram incluídos anexos que apresentam registros fotográficos dos itens documentais que compõem as categorias do Acervo Maria da Glória Sá Rosa. Esses anexos oferecem uma visão direta e concreta dos documentos, objetos e suportes audiovisuais, permitindo ao leitor um contato visual com o material original que fundamenta esta pesquisa, de modo que a organização dos anexos segue a mesma divisão por categorias adotada no corpo do texto, facilitando a consulta e a compreensão da diversidade e riqueza do Acervo.

A seção Bibliográfica (BIB), que reúne livros, revistas e obras autorais, é um território no qual se cruzam as marcas da autoria com as formas de recepção, e nesse ponto Roger Chartier é fundamental: ao analisar os modos de circulação dos textos e os regimes de leitura, ele nos lembra que o sentido não reside apenas no que está escrito, mas nos modos como o texto foi editado, lido, anotado, apropriado. O livro lido é sempre outro livro: é o livro atravessado por práticas sociais, por gestos de interpretação, por afetos e usos. Do mesmo modo, a seção Documental (DOC), que reúne currículos, diplomas, certificados, cartas e manuscritos, convida à reflexão sobre a inscrição do sujeito nos aparelhos institucionais e nas redes de sociabilidade. Cada diploma não é apenas um reconhecimento formal, mas também um índice de inserção,

⁵ Nos Anexos desta dissertação, encontram-se registros de itens do Acervo Maria da Glória Sá Rosa.

uma marca de pertencimento e validação num circuito cultural; cada carta ou bilhete revela a trama íntima que acompanha, por vezes silenciosamente, os grandes gestos públicos.

Aqui, como observa Nora, a memória oficial se mistura à memória sensível, revelando que o arquivo é também feito de afetos, hesitações, subjetividades. As honrarias e reconhecimentos (HON) – medalhas, diplomas simbólicos, placas comemorativas – funcionam como rituais de consagração e fixação da memória, pois não apenas celebram, mas também constroem narrativas de prestígio e legitimidade, estabelecendo Maria da Glória como referência em campos distintos, da literatura à cultura institucional.

Esses objetos, ao serem exibidos, performam a memória, tornando-a visível e pública, numa operação que envolve tanto o desejo de reconhecimento quanto a política da memória, e conforme destaca Pierre Nora (1993), objetos como medalhas, títulos e placas comemorativas funcionam como verdadeiros lugares de memória, agindo como rituais de consagração que fixam a memória coletiva, tornando-a visível e pública e construindo narrativas de prestígio e legitimidade. Segundo Nora:

Os lugares de memória não são simples espaços físicos, mas sim construções simbólicas, onde se cristalizam e se fixam as memórias coletivas diante da ameaça do esquecimento. São objetos, rituais, monumentos, instituições e símbolos que carregam em si o poder de manter viva uma identidade social, cultural ou nacional; nesse contexto, medalhas, títulos e honrarias funcionam como verdadeiros artefatos de memória, pois não apenas celebram feitos e pessoas, mas também estabelecem narrativas que legitimam e conferem prestígio, tornando-se instrumentos essenciais na política da memória. Ao se tornarem visíveis e públicas, essas manifestações performam a memória, ritualizando o reconhecimento e fixando o passado no presente (Nora, 1993, p. 12).

As seções Midiateca (MID) e Iconográfica/Fotográfica (ICO) aprofundam essa dimensão performática da memória, ao incluir suportes visuais e sonoros como registros da presença. Fotografias de eventos, retratos de família, vídeos de entrevistas, tudo isso compõe uma memória audiovisual, em que o corpo, a voz e a imagem da autora continuam a circular, a falar, a se apresentar. Chartier (1998) lembra que a cultura letrada não é desvinculada do suporte: o modo como um texto é lido depende do modo como é apresentado, impresso, fixado ou, nos tempos atuais, digitalizado e transmitido. Assim, cada fotografia, cada VHS, cada CD, carrega consigo não apenas um conteúdo, mas uma estética, uma tecnologia, uma temporalidade específica da memória.

Já a coleção museológica (OBJ), composta por móveis, equipamentos e objetos pessoais, introduz a memória doméstica no campo do patrimônio, pois são objetos que não

falam diretamente, mas sussurram, como diria Walter Benjamin (1978), fragmentos de uma vida vivida. A escrivaninha, a luminária, a cadeira giratória – todos esses itens, ao serem deslocados do uso cotidiano para a função expositiva, tornam-se também documentos. Eles preservam o gesto, a posição do corpo, o espaço do pensamento, e são objetos silenciosos que ainda contêm ecos, suportes de uma memória que se faz tanto na intelectualidade quanto na repetição dos pequenos gestos do cotidiano. Segundo Benjamin:

Os objetos da cultura material [...] são portadores de uma aura, uma presença que sussurra fragmentos de uma vida vivida, preservando uma memória que não se reduz ao simples uso cotidiano, mas se manifesta também como vestígio e testemunho (Benjamin, 1935, p. 103).

Um texto clássico e frequentemente citado que dialoga com a ideia de objetos como portadores de memória silenciosa é o ensaio "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". Nele, Benjamin (1935) fala sobre como os objetos carregam fragmentos de uma experiência vivida, mesmo quando deslocados de seu contexto original. Por fim, os textos inéditos e pessoais (TXT) – rascunhos, bilhetes, cadernos de anotações – revelam a instância mais vulnerável e, ao mesmo tempo, mais potente da memória: aquela que ainda está em construção.

Aqui, a escrita aparece em seu estado de esboço, inacabada, tateante, viva; Chartier (1998) enfatiza que a escrita manuscrita permite ver o tempo do pensamento, suas pausas, seus desvios, suas reformulações. Esses textos não são apenas preâmbulos de uma obra, mas formas autônomas de pensamento, registros do instante criativo, do trabalho intelectual em sua forma mais crua e sincera, de modo que, como ressalta Chartier:

a escrita manuscrita oferece uma dimensão singular do pensamento, pois torna visíveis suas pausas, hesitações e reformulações. Os manuscritos não são meros preâmbulos da obra acabada, mas expressões autônomas do processo criativo, testemunhos vivos do trabalho intelectual em sua forma mais crua e sincera (Chartier, 1998, p. 89).

Assim, ao articular as contribuições de Nora, Le Goff e Chartier, compreendemos que o Acervo de Maria da Glória Sá Rosa não é um conjunto morto de testemunhos, mas um organismo vivo, um espaço de disputa de sentidos, de reinterpretação e reatualização da memória. Ele se torna um lugar no qual o passado continua a dialogar com o presente, não como forma de nostalgia, mas como provocação, de modo que interpelar esse Acervo é, portanto, interrogar o que escolhemos lembrar, como organizamos o que preservamos e quais vozes

permitimos que ecoem. Nesse sentido, o Acervo não é apenas um lugar de memória: é também um dispositivo cultural, político e poético de futuro.

3.3 O Acervo como Prática Cultural: Materialidade, Leitura e Apropriação

Pensar o Acervo de Maria da Glória Sá Rosa a partir da perspectiva de Roger Chartier exige deslocar o olhar daquilo que o arquivo guarda para os modos como ele comunica, organiza e produz sentido. O Acervo não é apenas um conjunto de documentos, objetos ou registros: ele é, sobretudo, uma construção cultural que expressa relações entre texto, suporte e leitor. É nesse campo de tensões que Chartier nos convida a refletir sobre as formas como os discursos são materializados, lidos, apropriados e transformados socialmente.

Cada uma das categorias que compõem este Acervo bibliográfico, documental, iconográfico, pessoal não apenas contém conteúdo, mas instaura práticas culturais específicas. O livro, por exemplo, não é somente portador de ideias: ele é objeto físico, inserido em circuitos de produção, circulação e recepção. Na seção Bibliográfica, os livros publicados por Maria da Glória ou sobre ela não apenas preservam sua obra; eles revelam modos de escrita e leitura inscritos em tempos, espaços e públicos concretos. A organização desses volumes, seus paratextos, suas marcas de uso tudo isso constitui aquilo que Chartier chama de “encenação do texto”.

Da mesma forma, o conjunto Documental se torna eloquente à luz da teoria chartieriana, curriculum vitae, diplomas, rascunhos e correspondências são documentos que articulam diferentes regimes de escrita e inscrição de si. A escrita manuscrita e o documento impresso coexistem e se sobrepõem, expressando diferentes níveis de formalidade, autoridade e intenção comunicativa. Ao estudar esses registros, não se trata apenas de “ler” o que está dito, mas de entender como o gesto da escrita se inscreve em práticas sociais específicas algo central na obra de Chartier.

O Acervo Iconográfico e MEDIATECA amplia ainda mais essa reflexão. Fotografias, vídeos, gravações sonoras, quando integrados a um acervo, não são apenas documentos visuais ou auditivos; são objetos cuja forma e função cultural variam conforme o contexto de produção e de uso. Chartier nos lembra que não há leitura sem leitor, e nesse caso, também não há imagem sem um olhar que a interprete, que a situe, que a reconstrua.

Mesmo os objetos pessoais, como móveis, equipamentos, elementos decorativos não escapam dessa lógica. Inseridos na categoria museológica do Acervo, eles evocam práticas cotidianas, rotinas de trabalho intelectual e modos de habitar o espaço. Chartier, atento às formas da cultura escrita, nos mostra que a leitura não se faz apenas com os olhos e com o texto, mas com o corpo, com os gestos, com os ambientes que moldam a experiência do saber.

Finalmente, os textos inéditos, bilhetes e anotações manuscritas de Maria da Glória (categoria TXT) são testemunhos de uma escrita em estado de criação. Rascunhos em cadernos, diários revelam uma autora em movimento, e sua leitura demanda, como defende Chartier, uma atenção à instabilidade dos sentidos, àquilo que ainda não se fixou como obra, mas já se apresenta como produção cultural.

Portanto, proponho um olhar para o Acervo não como um fim em si, mas como um dispositivo que materializa práticas de leitura, escrita e apropriação. Com Roger Chartier, entendemos que o sentido não reside unicamente no que se diz, mas no modo como se lê, se organiza e se transmite. O Acervo de Maria da Glória Sá Rosa, nesse sentido, não apenas preserva sua memória: ele a reinscreve continuamente, conforme novas leituras e usos se colocam sobre ele.

O Acervo, entendido como conjunto material de documentos e objetos, revela-se um espaço vivo de práticas culturais e de construção de sentidos. Roger Chartier enfatiza que a história cultural deve considerar não apenas o conteúdo dos textos, mas sobretudo sua materialidade e os modos pelos quais são apropriados por diferentes leitores ao longo do tempo.

Nesse sentido, a materialidade do Acervo, seus suportes físicos e suas formas de organização desempenham um papel crucial para a análise cultural. Os documentos não são meros recipientes de informação, mas agentes ativos de mediação entre o passado e o presente. A apropriação do texto não se dá de forma passiva, mas em um processo dinâmico em que o leitor intervém, interpreta, modifica e reinterpreta, inserindo-se numa rede de práticas sociais e simbólicas.

Chartier destaca que a prática da leitura é plural e varia conforme os contextos históricos e culturais, tornando cada livro lido uma obra diferente daquela que foi originalmente produzida. Esse processo é ainda mais evidente em Acervos como o de Maria da Glória Sá Rosa, cuja diversidade documental incluindo manuscritos, documentos oficiais, objetos

personais, mídias audiovisuais e iconográficas revela múltiplas formas de circulação e recepção do conhecimento.

A materialidade do suporte e as tecnologias de reprodução, desde o manuscrito até os formatos digitais contemporâneos, constituem regimes diversos de memória, afetando a forma como a informação é preservada, transmitida e lida. Assim, o Acervo não é apenas um conjunto de vestígios estáticos, mas um lugar no qual a memória e a cultura se fazem e se refazem continuamente, atravessando temporalidades e mediações culturais.

3.4 Materialidade e mediação: os suportes como linguagem

A primeira chave de leitura proposta por Chartier está na sua atenção à materialidade dos textos. O texto, diz ele, nunca é apenas uma ideia ou um conteúdo puro: ele é sempre portado por um suporte e esse suporte é parte constitutiva do sentido. “A relação entre o texto e seu suporte é uma relação de coprodução do sentido” (A Aventura do Livro, 1998).

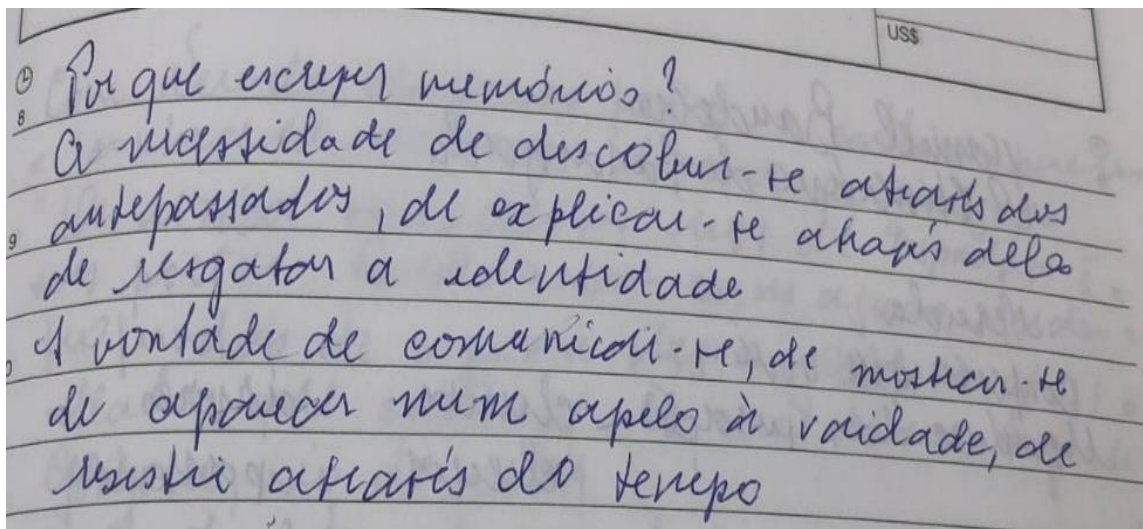
No Acervo de Maria da Glória Sá Rosa, essa dimensão se revela, por exemplo, nos exemplares anotados de seus próprios livros, nos recortes de jornais colados em cadernos, nas edições mimeografadas de artigos, nas edições com dedicatórias manuscritas. A presença da mão da autora, o tipo de papel, a disposição gráfica, tudo isso compõe uma linguagem que vai além do conteúdo do texto.

O livro, portanto, se inscreve como um objeto cultural situado, como um produto da sua época e também como uma peça que carrega usos específicos. Um livro dedicado a um colega acadêmico ou anotado para uma aula não é o mesmo livro lido por um leitor desconhecido na estante de uma biblioteca. Chartier nos lembra que ler é um ato situado, e que o objeto da leitura muda conforme quem lê, onde lê e para que lê.

Na série de documentos manuscritos, rascunhos e cadernos do Acervo, encontramos o que Chartier identifica como o “gesto da escrita” em seu estado mais visível: hesitações, rasuras, construções inacabadas. Ao contrário do impresso, que muitas vezes camufla o processo por trás do texto, o manuscrito expõe o trabalho do pensamento. “O manuscrito é um teatro da escrita. Ele torna visível o que o texto impresso oculta: o erro, o ensaio, a dúvida, o tempo” (Chartier, 2007).

Nesses textos inéditos, Maria da Glória não aparece apenas como autora, mas como sujeito em processo, uma mulher que pensa, organiza, revisita ideias, estrutura argumentos. Há bilhetes que contêm listas de temas a tratar, anotações em papel de carta, trechos que provavelmente foram ditos em conferências ou aulas, todos marcados por um caráter íntimo e experimental. Assim como o exemplo abaixo sobre memórias.

Figura 26. Anotação do diário de 2007



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Esses materiais possibilitam uma abordagem que rompe com a noção da “obra fechada” e nos insere no domínio da escrita como processo. Ao estudar esses textos com os olhos de Chartier, compreendemos que o Acervo não é apenas um depósito de ideias prontas, mas um laboratório da criação intelectual.

3.5 Leitura como apropriação: o leitor como coautor

Um dos pilares da teoria de Chartier é a ideia de que a leitura não é passiva. O leitor, para ele, não recebe o texto, mas o produz em sua leitura. Cada leitura é um ato de apropriação, um uso que transforma o sentido. “O texto não impõe seu sentido: ele o propõe, e cada leitor o reinterpreta segundo seus horizontes culturais, sociais e afetivos” (A Ordem dos Livros, 1994).

No Acervo de Maria da Glória, encontramos vestígios desses usos em cartas-resposta a textos dela, em resenhas publicadas em jornais, em bilhetes trocados com leitores, e até em marcas de leitura nos próprios livros sublinhados, notas marginais, grifos. Esses indícios documentam uma rede viva de recepção, que desloca a centralidade da autora e coloca o texto no campo das negociações culturais.

A leitura, portanto, aparece como um campo de disputa e reinvenção. Ao apropriar-se dos textos, os leitores de Maria da Glória também produzem novos sentidos, reinterpretam sua obra, fazem dela matéria para outros discursos. O Acervo, nesse sentido, contém uma multiplicidade de leituras, inscritas nos corpos e nos gestos daqueles que o acessaram.

3.6 O Acervo como dispositivo: organizar, classificar, narrar

A própria organização do Acervo, sua categorização em seções como bibliográfica, documental, midiateca, museológica, é, como bem observa Chartier, um gesto de leitura institucional. Classificar é interpretar. Nomear é produzir uma narrativa sobre o que se preserva. “Não existe arquivo inocente. Toda forma de guardar é também uma forma de contar” (Chartier, 2007).

Nesse contexto, a escolha de separar, por exemplo, objetos pessoais dos materiais bibliográficos, ou de distinguir documentos institucionais de textos inéditos, define fronteiras simbólicas entre o íntimo e o público, entre o pessoal e o político, entre o texto e o objeto. Essas

Esses materiais possibilitam uma abordagem que rompe com a noção da “obra fechada” e nos insere no domínio da escrita como processo. Ao estudar esses textos com os olhos de Chartier, compreendemos que o Acervo não é apenas um depósito de ideias prontas, mas um laboratório da criação intelectual.

Assim, o Acervo é também uma biografia construída coletivamente, não apenas por ela, mas pelos que a leram, a arquivaram, a nomearam. Ele é um lugar de memória, mas também um palco de leitura em camadas, nas quais diferentes vozes disputam a construção da imagem da autora.

O Acervo enquanto memória coletiva e como espaço de reconhecimento social de Maria da Glória Sá Rosa pode ser lido como um lugar de memória (Nora, 1993), uma prática cultural material (Chartier, 1998) e uma inscrição temporal duradoura (Le Goff, 2001), ele se torna, sob a ótica de (Halbwachs, 2011), uma estrutura simbólica de memória coletiva. Em sua teoria, Halbwachs argumenta que a memória não é um ato isolado do indivíduo, mas uma reconstrução feita a partir dos quadros sociais, isto é, dos grupos, instituições e espaços simbólicos aos quais pertencemos e que moldam aquilo que lembramos e como lembramos¹.

Nesse sentido, o Acervo de Maria da Glória transcende a preservação de uma trajetória pessoal: ele materializa uma memória partilhada por diferentes coletividades da universidade

ao campo literário, das instâncias de cultura pública à vida intelectual sul-mato-grossense. Ele dá forma à memória de um grupo através da figura de uma de suas representantes mais emblemáticas. Como lembra (Halbwachs, 2011), a memória coletiva não é apenas a soma de lembranças individuais, mas uma narrativa estruturada, sustentada por marcos materiais, sociais e simbólicos que são continuamente atualizados por aqueles que permanecem.

Cada uma das categorias que compõem o Acervo adquire, assim, uma nova camada interpretativa. Segue como exemplo a obra *Tecendo Palavras* (2002) na figura 3, enquanto ilustração de categoria Bibliográfica (BIB), por exemplo, não registra apenas a autoria de uma intelectual, mas a rede de referências e diálogos coletivos que moldaram uma comunidade de leitores, escritores e críticos. Os livros e revistas não são apenas expressões de uma autoria individual, mas testemunhos da memória de um grupo, que se forma e se reconhece a partir desses textos. Halbwachs afirma que o pensamento individual está sempre condicionado pelos quadros mentais do coletivo, e aqui, os textos de Glorinha se mostram como pontos de coesão discursiva e afetiva de uma comunidade cultural.

Figura 27. Diploma de *Doutora Honoris Causa* concedida a Maria da Glória Sá Rosa pela Universidade Católica Dom Bosco



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

A seção Documental (DOC), que inclui currículos, cartas, diplomas e manuscritos, é também reveladora nesse aspecto. Os diplomas são marcos de reconhecimento formal, mas também são, como aponta Halbwachs, elementos que organizam a memória segundo valores compartilhados. O que é considerado digno de registro e de consagração institucional reflete os critérios de uma sociedade em um tempo específico. Da mesma forma, as cartas e documentos pessoais revelam os laços interpessoais que sustentam a memória em sua forma mais íntima,

mas que só se tornam inteligíveis dentro de um grupo social que reconhece e compartilha esses valores.

Figura 28. Placa de homenagem da Academia Sul-mato-grossense de Letras



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Figura 29. Medalha comemorativa à inauguração do Estado de Mato Grosso do Sul



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

As Honrarias e Reconhecimentos (HON), como medalhas e placas, ganham também uma leitura ampliada: elas não apenas celebram a trajetória individual, mas instituem um consenso coletivo sobre quem merece ser lembrado e por quê. Como Halbwachs explica, os grupos sociais moldam suas memórias por meio de sinais e cerimônias que reiteram os vínculos e estabelecem a continuidade simbólica entre o passado e o presente. A homenagem pública, então, é menos um encerramento e mais um rito de passagem, de reatualização da memória coletiva.

Figura 30. Entrevista Maria da Glória Sá Rosa



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Figura 31. *Jornal do Povo*



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Nas categorias Mideiateca (MID) e Iconográfica/Fotográfica (ICO), encontramos o que Halbwachs denominava como suportes materiais da memória, indispensáveis para a sua ancoragem e reprodução. São imagens, sons e cenas que não apenas documentam, mas alimentam a memória dos grupos, funcionando como gatilhos *mnemônicos* e repositórios afetivos. A fotografia de um evento cultural, por exemplo, não apenas recorda aquele momento, mas reforça a existência de uma coletividade que se reconhece naquela imagem, que se sente pertencente àquele espaço e tempo.

Figura 32. Memória doméstica e pessoal Maria da Glória Sá Rosa



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

A seção Museológica (OBJ), com seus objetos pessoais e móveis do cotidiano, ganha também relevância nesse olhar. São elementos da vida ordinária que, ao serem preservados, passam a funcionar como âncoras sensoriais e simbólicas da memória coletiva. Halbwachs destaca que os espaços e objetos organizam nossa lembrança não como algo estático, mas como parte de uma vivência social compartilhada. A escrivanhinha ou a luminária de Glorinha, ao serem exibidas, ativam não só a memória da pessoa, mas da prática cultural que ela representava o espaço da escrita, da leitura, da escuta atenta.

Por fim, os Textos Inéditos e Pessoais (TXT), como rascunhos e bilhetes, revelam os gestos mais íntimos da criação intelectual. E, mesmo nesses fragmentos pessoais, Halbwachs nos ensina que a memória individual não é autônoma: ela é reconstruída à luz das linguagens, valores e categorias coletivas. O bilhete de um dia qualquer, a anotação de um pensamento incompleto, só adquire sentido porque pertence a uma história coletiva da qual o leitor também faz parte. Nesse sentido, a intimidade também é coletiva, pois é construída por meio de códigos e referências compartilhadas.

Ao articular as contribuições de Nora, Le Goff e Chartier, compreendemos que o Acervo de Maria da Glória Sá Rosa não é um conjunto morto de testemunhos, mas um organismo vivo, um espaço de disputa de sentidos, de reinterpretação e reatualização da memória. Ele se torna um lugar no qual o passado continua a dialogar com o presente, não como forma de nostalgia,

mas como provocação. Interpelar esse Acervo é, portanto, interrogar o que escolhemos lembrar, como organizamos o que preservamos, e quais vozes permitimos que ecoem. Nesse sentido, o Acervo não é apenas um lugar de memória: é também um dispositivo cultural, político e poético de futuro.

A partir de Roger Chartier, podemos afirmar que o Acervo de Maria da Glória Sá Rosa não é um fim, mas um meio: um meio de produzir leituras, de acionar memórias, de ativar discursos. Ele existe não como peça estática, mas como prática cultural em contínua reinterpretação. Cada acesso, cada reorganização, cada nova leitura é uma forma de ativá-lo e, nesse gesto, de atualizar a presença de Maria da Glória na vida cultural. Mais do que preservar um passado, o acervo nos desafia a pensar como os objetos do passado continuam a nos ler, a nos interpelar e a nos constituir no presente. Em tempos de digitalização e novos regimes de memória, o Acervo físico, com suas marcas de uso, seus objetos únicos, suas grafias pessoais, permanece como um espaço insubstituível da presença da presença de uma autora, de um gesto criador, e de uma cultura que se pensa por meio dos vestígios que escolhe preservar.

Assim, ao nos debruçarmos sobre o Acervo de Maria da Glória Sá Rosa sob o olhar de Maurice Halbwachs, compreendemos que preservar uma trajetória intelectual não é apenas manter viva uma história pessoal. É, acima de tudo, preservar os quadros sociais que sustentaram, legitimaram e multiplicaram essa história. O Acervo, então, deixa de ser apenas arquivo: torna-se espelho, memória e testemunho de uma comunidade que, ao lembrar de Glorinha, também lembra de si.

No capítulo a seguir, voltamos nosso olhar para quatro escritos de Glorinha, como o conto *Sol na Retina*, as crônicas *Minha face no espelho* e *Mombaça, meu reino do imaginário* e o Manifesto *Destruir a memória é destruir o povo*, buscando compreender como sua subjetividade, suas experiências e sua visão de mundo emergem por meio das palavras. E nesse mergulho, nas camadas do texto, poderemos, enfim, nos aproximar do que pulsa no centro de seu Acervo: a escrita como memória viva.

CAPÍTULO 4

AS NARRATIVAS DA HISTÓRIA DE MS NOS ESCRITOS DE GLORINHA

A memória não é um arquivo, mas um lampejo. Um susto. Um silêncio cheio de sentido. (C.R.L.Valencio)

Figura 33. Os escritos de Maria da Glória Sá Rosa



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Os escritos de Maria da Glória Sá Rosa desempenham um papel crucial na reflexão e documentação da história de Mato Grosso do Sul, capturando não apenas a vida cotidiana, mas também as transformações sociais e culturais da região. Suas narrativas tecem um rico panorama da identidade sul-mato-grossense, abordando questões que vão desde a memória coletiva até a luta por reconhecimento das vozes marginalizadas. Uma das principais características de sua escrita é a forma como ela utiliza a linguagem para criar imagens vívidas da paisagem e das experiências humanas. Através de suas crônicas e contos, Glorinha não apenas relata fatos, mas também mergulha nas emoções e nas histórias pessoais que compõem o tecido social de MS. Seu trabalho reflete a dualidade da vida na região, mesclando a beleza natural com os desafios enfrentados pelos seus habitantes.

Além disso, a autora aborda temas como a cultura indígena, a presença afro-brasileira e a contribuição das mulheres na construção da história local. Suas obras frequentemente resgatam narrativas que foram historicamente silenciadas, promovendo uma maior inclusão e representatividade. Ao documentar essas histórias, Glorinha não só preserva a memória coletiva, mas também desafia a narrativa oficial que muitas vezes ignora a diversidade cultural de Mato Grosso do Sul.

As suas criações literárias também dialogam com as mudanças sociais e políticas que a região enfrentou ao longo dos anos. Por exemplo, em textos que discutem as transformações no campo e as dinâmicas urbanas, ela captura a transição de uma sociedade rural para uma mais urbana, refletindo sobre as implicações dessa mudança na identidade cultural. Essa abordagem permite que seus leitores compreendam melhor as complexas interações entre o passado e o presente.

A história de Mato Grosso do Sul, enquanto estado, é marcada por um processo de formação que envolve a fusão de elementos históricos, culturais e geográficos que remontam tanto ao período colonial quanto ao momento da sua criação como unidade federativa em 1977. Situado na região Centro-Oeste do Brasil, o estado se caracteriza por uma diversidade de influências culturais e uma forte presença de comunidades indígenas, afrodescendentes e imigrantes, que contribuíram para moldar sua identidade única.

O território que hoje corresponde a Mato Grosso do Sul fazia parte da antiga Província de Mato Grosso, que era vasto e, devido à sua localização estratégica, foi um ponto de convergência de diversas correntes migratórias e comerciais. A história de Mato Grosso do Sul, portanto, está intimamente ligada ao ciclo da expansão territorial brasileira, principalmente durante o período imperial, quando as fronteiras do Brasil se expandiram para o interior e os povos indígenas começaram a ser gradualmente empurrados para as áreas mais isoladas. A chegada de missionários e colonizadores ao território também influenciou a formação de várias vilas e cidades, como Campo Grande, que foi fundada em 1872 e se tornou a capital do estado.

No entanto, a história do estado não se resume apenas a esse processo de colonização. A ocupação e desenvolvimento de Mato Grosso do Sul passaram por uma série de movimentos de resistência, principalmente das comunidades indígenas, que mantiveram suas tradições e resistiram à marginalização. Além disso, o estado também possui uma forte ligação com a cultura e a produção agropecuária, que desempenhou papel central no seu desenvolvimento

econômico. O ciclo da erva-mate, a introdução da pecuária e a ocupação das terras pelos imigrantes do sul e sudeste do Brasil são marcos importantes no crescimento regional.

O estado também foi palco de uma profunda transformação com a criação da unidade federativa de Mato Grosso do Sul, que, até 1977, fazia parte de Mato Grosso. A divisão do estado, que resultou na criação de Mato Grosso do Sul, refletiu tensões políticas e sociais, mas também permitiu a formação de uma nova identidade regional, com a valorização de aspectos culturais próprios e uma autonomia administrativa. A partir desse momento, o estado teve um papel central no processo de modernização da região Centro-Oeste, contribuindo para o fortalecimento da agricultura, do turismo e da cultura local.

Rodrigues afirma que:

A divisão do estado de Mato Grosso e a criação de Mato Grosso do Sul marcaram um momento decisivo para a região, permitindo a construção de uma nova identidade cultural e o fortalecimento das bases econômicas locais, principalmente no agronegócio e na valorização do patrimônio regional. (Rodrigues, 2004, p. 78).

É dentro desse contexto de diversidade e construção de identidade regional que obras como as de Maria da Glória Sá Rosa desempenham um papel fundamental. Suas produções literárias e culturais não apenas documentam a história de Mato Grosso do Sul, mas também participam ativamente de sua construção e preservação. Ao explorar temas como a memória coletiva, as tradições locais e os desafios enfrentados pelo estado, as obras de Glorinha se tornam veículos importantes para dar voz às múltiplas perspectivas que compõem o cenário cultural do estado.

O reconhecimento e valorização dessas diversas vozes é essencial para compreender a complexidade da identidade sul-mato-grossense. A obra de Glorinha se insere nesse panorama ao fazer uso da memória e da narrativa para retratar, de maneira sensível, os conflitos, as transformações e as histórias que compõem a vida e a cultura de Mato Grosso do Sul. Dessa forma, suas produções literárias não são apenas registros históricos, mas também elementos de reflexão sobre a construção da identidade regional, contribuindo para uma melhor compreensão do passado e do presente do estado.

Ao integrar a memória coletiva à narrativa histórica, Maria da Glória Sá Rosa não apenas documenta os eventos passados, mas também as interpretações e sentidos que essas histórias ganham ao longo do tempo. Essa abordagem revela a importância da literatura e da

cultura como ferramentas essenciais para a preservação da memória e para a promoção de uma visão mais inclusiva e plural da história de Mato Grosso do Sul. Assim, suas obras desempenham um papel imprescindível na continuidade do processo de valorização cultural e na construção de uma identidade regional mais forte e mais coesa.

Portanto, ao explorar as obras de Maria da Glória Sá Rosa, é possível perceber como elas não apenas documentam a história de Mato Grosso do Sul, mas também a moldam. Sua capacidade de entrelaçar memória e narrativa contribui para uma compreensão mais profunda da identidade regional, ressaltando a importância de reconhecer e valorizar as múltiplas vozes que compõem essa rica tapeçaria cultural, não obstante a memória, tanto em suas expressões individuais quanto coletivas, tem sido objeto de reflexão em diferentes campos do conhecimento, especialmente na literatura.

4.1 A escrita de Sá Rosa: tessituras da memória e da subjetividade

A leitura do Acervo de Maria da Glória Sá Rosa nos conduz agora a uma dimensão mais íntima e sensível de sua produção: os textos em que a autora inscreve suas experiências, impressões e memórias, atravessando os limites entre o individual e o coletivo, o literário e o político. Essa escrita, muitas vezes marcada por um lirismo contido e um olhar introspectivo, transforma-se em dispositivo de memória um gesto de permanência e resistência ao esquecimento.

Neste capítulo, proponho uma análise de quatro produções significativas: o conto *Sol na Retina*, o texto de caráter político, manifesto *Destruir a Memória é Destruir o Povo*, a reflexão autorreferencial *Minha face no espelho* e o relato de memória *Mombaça, meu reino do imaginário*. A partir desses textos, percebi como a autora tece, em sua escrita, fios que costuram identidade, afeto e história, compondo uma tessitura densa em que a subjetividade se revela como parte constituinte da memória coletiva.

Ao privilegiar, a palavra, da autora, não pretendo apenas compreender o Acervo em sua materialidade textual, mas também revelar as estratégias narrativas que tornam a escrita um lugar de memória viva, mobilizadora e complexa. Mais do que um repositório de documentos, o Acervo assume, aqui, a forma de um território simbólico e sensível, no qual a literatura se entrelaça à vida, a experiência pessoal se projeta como espelho e eco de muitas outras.

Assim, Maria da Glória Sá Rosa não apenas registra o vivido: ela o transfigura. E é nesse gesto de transformação que sua escrita ganha força como espaço de subjetivação, como palco de vozes e silêncios, e como instrumento de elaboração do tempo e da existência. Com essa abordagem, busca-se evidenciar como a obra de Maria da Glória Rosa Sá contribui para uma reflexão literária sobre a memória, aproximando-se da teoria de Nora, ao mesmo tempo que oferece uma leitura singular das lembranças e de seus efeitos.

Para compreender a dimensão da memória no conto, esta análise se fundamenta na obra de Pierre Nora, especialmente em suas distinções entre memória, lembrança e recordação, e na sua concepção de “lugares de memória”, a memória é uma construção fluida e viva, intrinsecamente ligada ao presente, em oposição à história, que busca fixar e objetivar o passado. Além disso, o autor aponta para a existência de lugares físicos ou simbólicos no qual a memória é preservada e transmitida, evitando que se perca na dinâmica do esquecimento. A literatura, como manifestação simbólica, pode ser compreendida como um desses lugares, ao capturar experiências que vão além do sujeito e se tornam parte de uma narrativa compartilhada.

4.2 Sol na Retina

Há memórias que não gritam, apenas brilham no fundo da retina e seguem ali, mesmo depois da luz. – C.R.L.

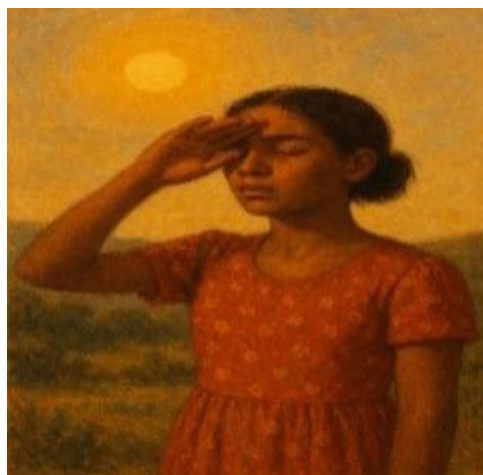
Valencio, 2025

Na literatura, até o que é esquecido encontra lugar para durar.

- C.R.L.Valencio, 2025

Figura 34. Imagem gerada digitalmente com base nos elementos poéticos e visuais do conto

Sol na retina.



Fonte: imagem gerada pela autora da pesquisa.

A memória, tanto nas suas manifestações individuais quanto coletivas, tem sido amplamente discutida em várias áreas do saber, principalmente na literatura. No conto *Sol na Retina*, de Maria da Glória Rosa Sá (Rosa, 2002), ela aparece como uma experiência sensorial e efêmera, que interrompe o fluxo do presente e deixa marcas invisíveis. A sensação de um raio de sol queimando a retina, ainda que por um instante, ilustra essa experiência passageira, mas impactante. Mesmo sendo breve, esse toque de memória molda profundamente nossa percepção do mundo, com um efeito que, por mais insignificante que pareça, se revela profundo enquanto dura.

Podemos aproximar esse conceito ao pensamento de Pierre Nora, que nos lembra que a memória não é uma simples reconstrução fixa do passado, mas uma vivência subjetiva, sempre em transformação. Segundo Nora, a memória não se controla conscientemente, ela se manifesta de forma involuntária, atravessando o presente e alterando a maneira como percebemos a realidade. No conto, vemos essa dinâmica quando a memória surge de forma abrupta, como uma chama ou uma marca temporária que, embora passageira, deixa um impacto duradouro.

Essa ideia de memória dinâmica também ecoa na obra de Nora, que distingue a memória da história. Enquanto a história busca uma reconstrução objetiva e estática do passado, a memória é algo vivo, sempre sujeito a reinterpretações, moldando-se conforme o momento presente. Em *Sol na Retina*, a memória não é grandiosa nem épica; é íntima e trivial. Porém, ao surgir como um raio de luz, ela atravessa o tempo e conecta passado e presente, deixando uma impressão intensa, ainda que breve.

Dessa forma, a memória, tanto em Nora quanto no conto, é um fenômeno que não se submete à rigidez do tempo, mas se reinventa a cada lembrança, revelando a força de um instante fugaz que liga o ontem ao agora e modifica a maneira como vivemos o presente.

⁶No conto *Sol na Retina*, a memória é apresentada como uma experiência sensorial e desordenada, que emerge de forma involuntária e fragmentada, sem seguir uma linearidade temporal. Tal característica é sugerida desde a epígrafe de José Saramago, que compara a memória ao "toque instantâneo de sol na retina, que deixa uma queimadura à superfície [...] coisa leve, sem importância, mas que molesta enquanto dura", indicando que a memória, embora intensa, é passageira e altera a percepção do presente, ainda que por breves momentos.

⁶ O conto *Sol na retina* encontra-se nos Anexos desta dissertação, na versão original da publicação.

A memória é como aquele toque instantâneo de sol na retina, que deixa uma queimadura à superfície, coisa leve, sem importância, mas que molesta enquanto dura; daqui a pouco a queimadura desaparece, a visão normaliza-se e é como se nada tivesse acontecido. (Saramago, 2002, p. 245).

Na narrativa, essa ideia se concretiza quando a protagonista, ao retornar ao Ceará, é invadida por lembranças dolorosas: “Agora as lembranças deslizavam, golpes leves de punhal me atravessavam a carne.” Aqui, o passado ressurge de forma súbita e emocionalmente penetrante. A casa do avô, o cajazeiro no quintal, o bilro e o papel marrom tornam-se gatilhos sensoriais que acionam memórias carregadas de afeto e dor. Essa irrupção da memória no presente reflete o pensamento de Pierre Nora (2001, p.15), que afirma que "a memória é sempre suspeita, múltipla e relativa", não sendo organizada de modo racional, nem seguindo uma cronologia fixa. Ela se manifesta conforme o impacto das experiências vividas e dos sentidos ativados.

Quem me mandou voltar ao Ceará? Eu não precisava ter feito aquela viagem. Agora as lembranças deslizavam, golpes leves de punhal me atravessavam a carne.
A casa de meu avô com a pintura descascada, tetos altíssimos, velho pé de cajá plantado no fundo do quintal reproduzia o cenário da manhã em que meu pai atravessou a rua, olhos baixos, sem coragem de tirar um papel do bolso. Minhas tias abandonaram as almofadas, os bilros, no pressentimento da tragédia que se aproximava.
— Pelo amor de Deus, João deixe a gente ver esse telegrama...
As notícias naquele tempo feriam o ar, codificadas em papel marrom, que os mais velhos tremiam ao receber. (Rosa, 2002, p.13).

A memória, no conto, perturba a estabilidade da personagem e rompe com a continuidade lógica do tempo, reafirmando seu caráter imprevisível e fragmentado. Assim, o texto literário não apenas representa a memória como uma experiência humana, mas também encena sua instabilidade, reforçando que lembrar é sempre uma reconstrução incompleta, atravessada pela sensibilidade do agora.

Outro aspecto significativo em *Sol na Retina* é a tensão entre esquecer e lembrar. Assim como a queimadura do sol na retina eventualmente desaparece e a visão se normaliza, a memória incômoda tende a se dissipar, mas deixa uma marca invisível na personagem. Mesmo que a lembrança seja efêmera, ela provoca um desconforto momentâneo, como se a protagonista precisasse se libertar dela para retomar sua normalidade. Essa dinâmica reflete a natureza ambígua da memória: a personagem deseja que a lembrança desapareça, mas ela persiste enquanto dura, alterando a percepção do presente.

Aqui, o pensamento de Pierre Nora nos ajuda a entender essa relação. Para ele, a memória resiste ao esquecimento, mesmo quando reprimida ou minimizada temporariamente.

Ela deixa rastros invisíveis na vida do sujeito, marcando sua subjetividade de maneira sutil, mas significativa. No conto, essa marca invisível se manifesta no incômodo da personagem, que, apesar de tentar se desvencilhar da lembrança, não pode evitar seu impacto imediato. Mesmo que a memória desapareça, ela deixa um eco na consciência da protagonista, ressignificando sua experiência presente.

Esse jogo entre lembrar e esquecer também revela a vulnerabilidade das memórias efêmeras. No conto, a memória não é monumental nem histórica, mas sensorial e íntima algo que não será registrado em narrativas formais, mas que persiste como uma impressão subjetiva na protagonista. Essa visão se alinha à noção de Nora de que as memórias mais significativas nem sempre são aquelas que fazem parte da história oficial, mas aquelas que permanecem no nível pessoal e íntimo, moldando a percepção de quem as vive.

Em *Sol na Retina*, a autora consegue preservar uma lembrança passageira que facilmente poderia ser esquecida e a transforma em um patrimônio simbólico, oferecendo aos leitores um espaço nos quais as experiências pessoais se universalizam. A literatura, assim, atua como um lugar de memória, onde o efêmero se torna eterno, conectando o passado da personagem com o presente do leitor.

Essa dinâmica também ilustra como a literatura pode transformar memórias individuais em coletivas. Como propõe Nora, ao narrar uma experiência pessoal, a literatura não só preserva a memória, mas também amplia seu impacto, permitindo que o leitor se identifique com aquilo que parece, à primeira vista, ser algo exclusivamente íntimo. Em *Sol na Retina*, a memória da protagonista, ainda que pessoal, se universaliza por meio da narrativa, permitindo que o leitor experimente, mesmo que momentaneamente, a sensação de ser tocado por uma lembrança incômoda.

A literatura, como espaço simbólico de memória, desempenha um papel crucial na preservação e transmissão de experiências individuais. *Sol na Retina* exemplifica essa dinâmica ao transformar uma memória pessoal e efêmera em uma narrativa literária que adquire uma dimensão coletiva, conectando o leitor à experiência do efêmero, eternizando-o no tempo. O conto, portanto, se configura como um lugar de memória literária, onde passado e presente se entrelaçam, permitindo uma reflexão profunda sobre a passagem do tempo, a memória e a identidade.

Um episódio aparentemente banal, o surgimento involuntário de uma lembrança em uma profunda metáfora sobre o funcionamento da memória. A experiência é representada como o incômodo de olhar diretamente para o sol: um clarão que cega momentaneamente, mas que deixa vestígios mesmo depois de ter passado. Esta imagem, ao mesmo tempo sensorial e simbólica, permite à autora acessar as camadas mais íntimas da subjetividade, elaborando o instante da memória como um evento perturbador e revelador.

Essa metáfora simples e potente condensa a experiência de recordar como algo abrupto, incontrolável e afetivamente carregado. A lembrança que emerge no conto não é nomeada, tampouco explicada o que desloca a atenção do leitor para os efeitos da memória, e não para seu conteúdo. Com isso, a narrativa se alinha à tradição da literatura de introspecção, ao mesmo tempo em que dialoga com teorias contemporâneas da memória, como as de Pierre Nora, Henri Bergson e Maurice Halbwachs.

A narrativa se articula de forma plena com a proposta deste capítulo, ao explorar como a memória, mesmo quando fragmentada e efêmera, inscreve-se na literatura como um espaço de permanência e ressignificação. O conto se torna, portanto, um verdadeiro lugar de memória conforme definido por Pierre Nora, não por conter um fato histórico monumental, mas por preservar uma experiência sensível que ganha valor coletivo e simbólico ao ser narrada. A memória, nesse contexto, não é um repositório, mas um gesto: algo que acontece, que queima, que muda a forma de ver ainda que por apenas alguns segundos.

De forma obsessiva comecei a procurar cartas, retratos seus, sem resultado algum. Tudo destruído, como se tivessem querido esfacelar sua memória. Em duas fotos, seu rosto aparecia pintado de preto, o que fez minhas interrogações crescerem como combustível na fogueira. Quando minha mãe arrancou o álbum e ordenou-me não mais tocar nas coisas que não me diziam respeito, passei a mexer às escondidas nos guardados da família. Quando todos dormiam, eu abria de leve as gavetas, em busca de papéis. Quando estava prestes a perder as esperanças, uma carta amarelada, manchada de lágrimas talvez, apareceu no fundo de uma latinha:

Artur, estou morrendo de saudades de você. A cidade é pequena, feia, o frio terrível não me deixa dormir. Meus pais me vigiam o tempo inteiro, estou presa numa cadeia. Não tenho uma amiga sequer. Só penso em você, na hora de voltar. (Rosa, 2002, p.15).

Dialogando com Henri Bergson, a memória apresentada no conto não é deliberada, mas emerge de modo espontâneo e sensorial. O passado se infiltra no presente por meio do corpo, do olhar, da sensação. Esse fluxo entre tempos, em que o passado não está morto, mas continua a pulsar nas sensações do agora, confere à narrativa uma temporalidade própria, descontínua e aberta.

A narrativa com Maurice Halbwachs, evidencia como a lembrança mais pessoal se encontra atravessada pela memória coletiva. A sensação evocada o sol, a angústia momentânea, o esforço de esquecer são experiências socialmente partilháveis, enraizadas em códigos culturais comuns. Assim, a memória, mesmo quando subjetiva, revela sua inscrição em um corpo social.

Encontramos, ainda com Platão o eco de uma dimensão mais filosófica: a memória como reminiscência. A lembrança desconfortável vivida pela protagonista carrega um sentido que extrapola sua causa concreta. Ela toca em algo mais profundo uma verdade da experiência humana que não se apaga com o tempo, mas ressoa, silenciosa, como uma forma ideal reencontrada brevemente.

Dessa forma, “Sol na Retina” revela-se como mais do que uma história de lembrança: é uma elaboração estética e filosófica sobre a própria natureza do recordar. Em consonância com os objetivos deste capítulo, o conto mostra como a escrita de Maria da Glória Sá Rosa tece a memória e a subjetividade através da palavra, atribuindo permanência ao que é efêmero e significado ao que, à primeira vista, poderia parecer insignificante.

A escolha da autora por manter o conteúdo da lembrança em suspenso cria um campo de abertura simbólica: cada leitor pode projetar ali sua própria experiência de memória incômoda. Essa universalização do íntimo é uma das forças do conto, que se inscreve, assim, como mais uma peça significativa no conjunto da obra de Maria da Glória Sá Rosa marcada pela sensibilidade estética e pela exploração dos mecanismos da subjetividade.

Um conto de linguagem contida, quase minimalista, mas impregnado de um lirismo sensorial que, sob a aparência de simplicidade, revela uma densidade simbólica e afetiva surpreendente. Nele, Maria da Glória Sá Rosa trabalha a memória como uma experiência corporal e inesperada, tal como uma luz forte que incide diretamente nos olhos e deixa uma impressão momentânea, porém marcante. O título não apenas antecipa esse efeito, como sintetiza o gesto de lembrar como uma perturbação involuntária no fluxo do presente.

O texto inteiro se constrói ao redor desse instante fugaz: a personagem caminha sob o sol quando, de forma quase automática, é atravessada por uma memória que não foi chamada. O leitor não conhece o conteúdo exato dessa lembrança a narrativa silencia sobre o que é lembrado, mas enfatiza o seu efeito: uma espécie de ferida sensível, invisível, mas impactante.

A metáfora da luz solar transforma-se em figura de linguagem para aquilo que, mesmo sem forma definida, afeta profundamente.

Essa concepção narrativa encontra ecos na proposta de Pierre Nora ao definir os lugares de memória: são espaços, objetos ou símbolos onde a memória se fixa justamente por sua intensidade emocional, mesmo que sua origem pareça trivial. No conto, o evento lembrado não precisa ser grandioso para ser significativo. A lembrança vale por sua potência de romper o presente e é esse rompimento que transforma a experiência em literatura e, portanto, em memória partilhável.

A relação com o Acervo da autora, nesse ponto, é evidente. Assim como o conto resgata o impacto de uma lembrança aparentemente insignificante, o Acervo também reúne vestígios do vivido, anotações, como bilhetes, cartas, diários, manuscritos, cadernos que se tornaram significativos não apenas por seu conteúdo explícito, mas pelo que carregam de história sensível. O Acervo preserva o gesto, a caligrafia, o detalhe do cotidiano, oferecendo à posteridade uma leitura das formas de existir e de sentir de sua autora.

Nesse sentido, o conto opera também como um comentário meta-literário: ele é uma narrativa sobre a memória, mas também uma forma de memória. Um registro de como se pode lembrar e sofrer ou se perturbar por algo aparentemente simples. Para Henri Bergson, a memória é inseparável da sensação, do presente, do corpo que se move. E é precisamente isso que o conto encena: uma lembrança que não emerge da vontade, mas do sol, da pele, do caminhar.

Além disso, ao omitir os contornos da lembrança, o conto permite que o leitor a preencha com sua própria experiência. Essa abertura torna a memória da personagem uma memória coletiva, ainda que potencial e aí reencontramos Maurice Halbwachs, para quem nenhuma memória é puramente individual: ela sempre carrega os traços do grupo, da cultura, do lugar de pertencimento.

A escrita contida de Glorinha reflete sua habilidade em dizer sem dizer, sugerir, evocar, perturbar. A escolha de uma memória dolorosa que não se nomeia é coerente com a forma como a autora estrutura seu Acervo: não como uma coleção de glórias e grandes feitos, mas como um espaço no qual o íntimo, o fragmentado e o sensível ganham centralidade e valor. O conto é breve, mas deixa no leitor o mesmo tipo de marca que a lembrança deixa na personagem uma sombra momentânea nos olhos da consciência.

Ao final, *Sol na Retina* se revela como um microcosmo da escrita de Maria da Glória Sá Rosa: densidade poética, sutileza formal, sensibilidade para o instante e para a permanência simbólica das pequenas coisas. É um texto que não apenas representa a memória, mas a pratica faz lembrar o que nunca foi dito, o que não é possível nomear, mas que todos conhecem. E é nesse gesto de convocar o leitor à memória sensível que o conto encontra seu lugar no Acervo: como literatura e como testemunho, como forma e como traço, como instante e como permanência.

A seguir, apresenta-se uma leitura interpretativa, de caráter pessoal, do conto *Sol na Retina*, fundamentada nos estudos contemporâneos sobre memória. O texto de Maria da Glória Sá Rosa evoca a experiência abrupta e intensa da memória, semelhante ao impacto de um raio de sol que incide diretamente no olhar. Embora breve, o conto reverbera profundamente no leitor, configurando-se como uma metáfora luminosa que persiste para além do instante imediato da evocação. Como diz a autora: "a memória é como aquele toque instantâneo de sol na retina, que deixa uma queimadura à superfície, coisa leve, sem importância, mas que molesta enquanto dura" (Rosa, 2002).

Neste texto, a memória é apresentada como um fenômeno súbito e inesperado, manifestando-se de forma intensa e muitas vezes inexplicável, assemelhando-se a uma dor aguda cuja origem permanece oculta. De maneira significativa, a autora opta por não revelar explicitamente a lembrança da personagem, o que contribui para a universalização da narrativa. Essa ausência permite que o leitor preencha esse espaço com suas próprias memórias e experiências pessoais, promovendo uma identificação subjetiva e transformando o conto em um objeto compartilhado entre autora e leitor.

A metáfora do sol que cega temporariamente é brilhante, e não só no sentido literal. Ela resume bem como as lembranças funcionam às vezes: vêm com força, bagunçam tudo e, mesmo quando vão embora, deixam um rastro, uma sombra atrás das pálpebras da mente. Mesmo com sua linguagem econômica, quase minimalista, *Sol na Retina* carrega uma carga simbólica poderosa. E é isso que conecta esse pequeno texto com grandes pensadores da memória.

Pierre Nora, por exemplo, falava sobre lugares de memória não necessariamente físicos, mas momentos, imagens, sensações que viram marcos emocionais. A lembrança no conto é um desses lugares: algo aparentemente simples, mas que ganha um valor enorme por mexer com o presente e resgatar um passado que insiste em não se apagar.

Henri Bergson também tem tudo a ver com essa proposta. Para ele, memória não é algo guardado numa gaveta esperando ser aberto, mas sim algo vivo, que surge no corpo, na pele, na experiência. A luz do sol no conto, que desencadeia tudo, é isso: uma memória que brota do sentir, não do pensar, como percebemos quando o narrador afirma: "as lembranças deslizavam, golpes leves de punhal me atravessavam a carne" (Rosa, 2002.).

Já com Maurice Halbwachs, entendemos que, por mais íntima que pareça, a memória nunca é totalmente individual. Mesmo aquela lembrança que só você viveu carrega traços do mundo ao seu redor, da cultura, da sociedade. Nesse conto, o sol, o desconforto e o silêncio são experiências que todo mundo entende, mesmo sem saber o motivo da lembrança da personagem.

E, claro, há Platão, que via a memória como reminiscência de algo maior, uma verdade profunda. Aqui, mesmo sem saber o que foi lembrado, sentimos que aquilo toca em algo essencial uma dor que não precisa ser explicada, porque todos nós já sentimos de algum jeito.

O conto *Sol na Retina*, de Maria da Glória Sá Rosa (2002), pode ser analisado à luz da teoria bakhtiniana da dialogia, que enfatiza a multiplicidade de vozes e a polifonia no texto literário. A narrativa revela uma complexa interação entre vozes históricas, familiares e pessoais que se entrelaçam para compor a memória fragmentada da personagem-narradora. A lembrança traumática da morte da tia Ana Maria, permeada por silêncios, tabus e versões conflitantes, exemplifica a heteroglossia, a coexistência de discursos sociais diversos (família, sociedade patriarcal, religião) que entram em tensão e diálogo.

Outro tio, revoltado com o desespero dos irmãos diante da morte de pessoas que já haviam cumprido seus prazos na vida, comentou comigo:

- Não sei por que tanta revolta diante do desaparecimento de velhos. Pior foi o suicídio...
- Quem se suicidou, tio Paulo? – Sua tia Ana Maria, você não sabia?
- Ela não tomou veneno por engano?
- Aquilo foi uma invenção, para tapar o sol com a peneira. (Rosa, 2002, p. 16).

Além disso, o tempo narrativo não é linear, mas polifônico, no qual passado e presente se sobrepõem, e o sujeito da memória se constrói continuamente nesse diálogo entre o vivido, o esquecido e o ocultado. Segundo Bakhtin (1992, p. 425), “a verdade do mundo é constituída pelo diálogo das vozes, pelo conflito e pela interação entre elas”, indicando que a narrativa é um espaço vivo de tensões e significados múltiplos. Assim, *Sol na Retina* exemplifica a visão

bakhtiniana do texto como um espaço vivo de discursos, onde a experiência pessoal se cruza com os códigos sociais e culturais que configuram a memória coletiva e individual.

Talvez o ponto mais encantador do conto esteja justamente no que ele não conta. A autora escolhe não revelar o conteúdo da lembrança, e isso é um convite: “Projete aqui a sua”. E a gente aceita. Porque quem nunca foi surpreendido por um pensamento intruso, uma sensação que não sabe de onde vem, mas que muda o clima do dia?

Esse gesto de deixar o espaço em branco transforma o texto em algo coletivo. É como se a autora dissesse: "Estou viva, e ela morta. Por quê?" (Rosa, 2002). E é. Por isso, *Sol na Retina* não é só um conto sobre memória: é uma forma de memória, uma forma de lembrar junto, mesmo em silêncio.

A maneira como Maria da Glória organiza suas histórias reflete isso também. Seu Acervo, cartas, bilhetes, cadernos não guarda só fatos, mas gestos, caligrafias, sutilezas do cotidiano. Coisas pequenas que, quando reunidas, dizem muito. Assim como a memória no conto, o Acervo é cheio de fragmentos que juntos contam histórias profundas.

Ler *Sol na Retina* é como abrir uma dessas gavetas e encontrar, entre papéis soltos, algo que nos comove. Como naquela cena tocante: "Ao reviver, na velha casa de meus avós, pedaços do passado que tanto haviam atormentado minha infância e mocidade, sentia-me em paz, porque reconciliada com a verdade" (Rosa, 2002, p. 18).

É um conto sobre o instante, mas que fica. Sobre o efêmero, mas que gruda na gente. É simples, mas cheio de camadas. *Sol na Retina* é, no fim das contas, um retrato delicado e filosófico do que é lembrar. Um texto que se alinha com tudo o que este capítulo discute: memória como gesto, como sensação, como interrupção do presente.

Ao mesmo tempo que nos faz lembrar da teoria de Platão, Bergson, Halbwachs e Nora o conto nos faz sentir. Ele não nos explica a memória. Ele nos faz vivê-la. E isso, talvez, seja o maior trunfo de Maria da Glória Sá Rosa: transformar o que é breve em permanente, o que é pessoal em universal.

No fundo, quem nunca sentiu um sol desses na retina?

4.3 Minha face no espelho

Figura 35. Imagem gerada por inteligência artificial a partir da crônica “Minha face no espelho”, de Maria da Glória Sá Rosa



Fonte: imagem gerada pela autora da pesquisa.

Em *Minha face no espelho*, Maria da Glória Sá Rosa conduz o leitor por uma profunda reflexão sobre envelhecimento, identidade e o poder transformador da escrita. A partir da evocação da célebre pergunta de Cecília Meireles, “Em que espelho ficou perdida a minha face?”, a autora inicia uma jornada de autoconhecimento que entrelaça corpo, memória e tempo, revelando o desconcerto diante das mudanças silenciosas do envelhecimento e a busca por compreender como essas transformações afetam a identidade.

Ao se olhar no espelho, a autora se depara com uma imagem marcada pelo tempo, que não mais reconhece a menina tímida que um dia se escondia sob a cama para ler, nem a jovem que encontrou na escrita uma voz própria. Ela percebe o contraste entre a percepção externa, que a vê como “acabada”, e sua autoimagem interna, mais complexa e rica, onde residem as memórias e experiências que a formaram. Esse diálogo entre o reflexo visível e a subjetividade revela o abismo temporal que separa o passado da presente consciência, trazendo à tona a densidade de uma vida vivida, cujas marcas no corpo são também marcas de memória.

A narrativa resgata momentos fundamentais da trajetória da autora, como sua adolescência em um internato no qual enfrentou exclusões, mas também encontrou uma freira

que, ao reconhecer seu potencial, a incentivou a descobrir na escrita um meio de expressão e libertação. Essa influência foi decisiva para que ela compreendesse que as palavras tinham um poder além do imediato: “Ela me disse que eu tinha algo a dizer e que o mundo precisava ouvir”, lembra. Essa passagem simboliza o despertar para a escrita como um gesto de resistência e autoconhecimento, que permeia toda a crônica.

Foi ela que incentivou meu gosto pela escrita, que me ensinou a fazer das palavras peças desse jogo de mistérios que se chama literatura, no qual a vida se transfigura para a descoberta dos mundos simbólicos, em que tudo é possível. Desvendou-me o poder das palavras, o gosto de tocá-las, de juntá-las em pequenos quebra-cabeças. (Rosa, 2015a).

A crônica não é apenas um relato do envelhecimento, mas uma celebração da passagem das fases da vida, na qual a autora afirma não ser mais a menina apressada para crescer, nem a mulher ansiosa para envelhecer, mas alguém que busca aceitar as transformações com sabedoria. A beleza, para ela, não está na juventude efêmera, mas na sabedoria adquirida pelo tempo, que lhe permite enxergar no espelho não apenas rugas e marcas, mas a sua própria história escrita em cada linha do rosto. O espelho deixa de ser um objeto de desconforto para se tornar um lugar de aceitação, onde passado e presente se encontram e se reconhecem.

Maria da Glória Sá Rosa partilha também momentos pessoais significativos, como o lançamento de seu primeiro livro, o casamento, a maternidade e a convivência com filhos e netos. Apesar das perdas inevitáveis, encontra na arte e na escrita um refúgio e uma força para superar as dores e lamentos, convertendo suas memórias em narrativas que acolhem e curam. Sua identidade se revela como um processo contínuo de reconstrução, no qual a escrita funciona como uma curadoria da vida, transformando lembranças em memória viva e testemunho afetivo.

A linguagem da autora é delicada e lírica, marcada por imagens que evocam não a grandiosidade, mas a densidade emocional da existência. Elementos como o espelho, a biblioteca, a presença materna e o encontro com a arte aparecem como símbolos da jornada pessoal, criando um acervo sensível que extrapola os limites do biográfico e dialoga com o imaginário coletivo. Assim, sua crônica se insere na tradição de escritoras que transformam o íntimo em literatura, universalizando a experiência humana.

O internato transformou-se de repente em espaço da descoberta, da certeza de que era preciso aceitar os riscos, para atingir o carço dos sonhos, morder a carne da vida sem medo de ver o sangue correr, para depois saborear as alegrias do encontro. Minha história renovou-se. (Rosa, 2015a).

Nesse processo, a memória é apresentada não como uma linha cronológica, mas como uma construção subjetiva e sensível, que envolve o sujeito que lembra e a interpretação que dá ao passado, conforme ensina Paul Ricœur. A autora reconhece que a memória pode ser fragmentada e até dolorosa, mas é também aquilo que permanece, o que resiste ao apagamento do tempo. Por isso, sua escrita assume o papel de arquivo vivo, onde as emoções, as sensações e os sentidos da vida se guardam e se renovam, oferecendo um testemunho literário do tempo vivido.

O texto conclui com uma citação de Machado de Assis, que sintetiza a mensagem da crônica: “A vida é uma ópera que é preciso executar até o fim. Sem medo e com aplausos”. Essa frase ecoa como um convite para que se viva a vida plenamente, com coragem, aceitação e gratidão, independentemente das adversidades e das mudanças impostas pelo tempo. A identidade, para Maria da Glória, não é uma face perdida, mas um constante exercício de reinvenção, onde as palavras guardam, protegem e renovam a nossa existência.

A crônica nos convida a olhar para nossos próprios espelhos e a reconhecer que a imagem refletida é sempre um retrato mutável, resultado de um entrelaçamento entre passado, presente e memória. Assim, o texto é uma celebração da jornada de autodescoberta e da escrita como instrumento de transformação e permanência. Viver é, portanto, um ato de coragem e poesia, onde a escrita torna-se abrigo, resistência e testemunho, capaz de acolher todas as fases da vida com beleza e sentido.

A onda de amor inexplicável fez-me esquecer de tudo, o passado era apenas mais uma mancha nebulosa, em que as dores representavam pontinhos perdidos de uma melodia que se distanciava cada vez mais. Amei [...]. Hoje, ao fitar o espelho, transparência feita de luz, em que se concentra minha vida, sinto que cumpri meus prazos. (Rosa, 2015a).

Na crônica, *Minha face no espelho*, Maria da Glória Sá Rosa articula a complexa relação entre memória, identidade e escrita, refletindo a multiplicidade de vozes internas e externas que moldam o sujeito, conforme propõe Bakhtin (1997), para quem a identidade é dialógica e polifônica, constantemente construída no encontro entre diferentes perspectivas temporais e sociais. Evidencia como o eu só se constitui em relação ao outro. A memória da narradora se constrói de modo dialógico: ao olhar-se no espelho, ela não se reconhece apenas na imagem refletida, mas na multiplicidade de vozes que atravessam sua trajetória.

O espelho, símbolo central da narrativa, atua como um *lieu de mémoire* no sentido de Pierre Nora (1992), um lugar simbólico no qual a memória coletiva e individual se cristaliza, permitindo à autora confrontar o fluxo do tempo e as marcas que ele imprime no corpo e na história pessoal. Além disso, essa memória não se apresenta como um simples registro, mas como um tecido socialmente construído, conforme Halbwachs (1990), que enfatiza a mediação social na formação das lembranças e sua articulação com os grupos e contextos culturais.

Assim, o texto de Maria da Glória revela a escrita como ato de reconstrução e resistência, no qual a identidade se manifesta como um processo vivo e plural, sempre em diálogo com o passado e o presente.

4.4 Mombaça, meu reino do imaginário

Figura 36. Imagem gerada por inteligência artificial a partir da crônica *Mombaça, meu reino do imaginário*



Fonte: imagem gerada pela autora da pesquisa.

A crônica *Mombaça, meu reino do imaginário*, de Maria da Glória Sá Rosa, constrói uma narrativa que é ao mesmo tempo íntima e coletiva, em que a memória se apresenta como um Acervo vivo e emocional. A autora reconstrói sua infância em Mombaça através de lembranças carregadas de sensibilidade, no qual a realidade e sonho se misturam para dar vida ao espaço físico da cidade, transformando-o em um território afetivo e simbólico. As ruas, a praça central, o Rio Banabuiú e a Igreja Matriz deixam de ser apenas cenários concretos para

tornarem-se elementos de um patrimônio emocional, nos quais se preservam tradições, afetos e vivências que moldam a identidade tanto pessoal quanto comunitária.

Em minhas lembranças de Mombaça, o real e o imaginário se confundem em nebulosa de emoções. Frequentemente, me surpreendo pensando: Não terei vivido no sonho os acontecimentos que estou tentando recompor? Porque, apesar de nascido em Mombaça, vivi pouco tempo por lá, apenas os primeiros anos da infância, quando éramos felizes e ninguém estava morto. (Rosa, 2015b).

O retorno da autora à cidade natal funciona como um potente gatilho para a rememoração. Ao revisitar lugares que foram palco de suas primeiras experiências, ela ativa memórias latentes que, embora dormindo no tempo, permanecem vivas e carregadas de significado. Mesmo diante das mudanças físicas e da modernização perceptível na paisagem urbana, Sá Rosa resiste a deixar que o passado se apague, mantendo viva a cidade como ela existe em seu “reino do imaginário”. Aromas, sons e gestos cotidianos como o cheiro do incenso das missas, as vozes vindas do coro, as reuniões na calçada resgatam o acervo emocional e sensorial, ativando uma memória que não é estática, mas em constante reorganização e ressignificação.

Nesse sentido, Mombaça transcende seu papel de mero espaço geográfico para se tornar um verdadeiro “lugar de memória”, conceito elaborado por Pierre Nora, que descreve esses lugares como pontos de ancoragem da memória coletiva e individual frente ao esquecimento. A cidade, para Sá Rosa, é um depósito de experiências afetivas e históricas, nos quais as lembranças da infância se entrelaçam com a história da comunidade. Rituais sociais simples, mas carregados de significado os banhos no rio, as celebrações religiosas, os encontros familiares consolidam um patrimônio compartilhado, fortalecendo o sentimento de pertencimento e identidade.

A cidade tinha poucas ruas, algumas de nomes engraçados como Rua da Goela. No centro delas ficava uma pracinha, de encontro dos namorados. Em frente, a agência do correio chefiada por minha tia-avó Cristina Aderaldo, que costumava colocar o lembrete urgentíssimo em todas as cartas que enviava. (Rosa, 2015b).

A autora atribui grande importância aos gestos e detalhes do cotidiano, que adquirem status de arquivos vivos da memória. Elementos sensoriais e pequenos atos cotidianos como o cheiro do incenso, os sons da igreja, a pintura descascada da janela não são apenas lembranças vagas, mas componentes essenciais de um Acervo memorial que documenta uma maneira de viver e ser. Cada detalhe, por mais banal que pareça, ganha relevância simbólica, transformando a memória pessoal em patrimônio simbólico capaz de resistir à passagem do tempo.

A grande diversão era o banho no Rio Banabuiú, com as mulheres em horário diferenciado do dos homens, na inocente nudez de quem está em paz com o mundo. [...] Sinto o perfume do incenso das missas na matriz de Nossa Senhora da Glória, e escuto as vozes estridentes que vinham do coro, enquanto revejo os barquinhos forrados de veludo, com nome de cada dono numa plaquinha dourada. (Rosa, 2015b).

Ao mesmo tempo, a narrativa aborda a fragilidade da memória e a tensão entre perda e permanência. A passagem do tempo, marcada pelas transformações materiais da cidade e pelas ausências decorrentes da morte de entes queridos, representa um desafio constante para a preservação do passado. Sá Rosa reconhece que recordar é um esforço imperfeito, uma tentativa contínua de fixar aquilo que tende a escapar. Apesar disso, seu relato é uma forma de resistência, no qual o vivido é transformado em testemunho e o cotidiano em monumento, reafirmando que, mesmo diante das perdas inevitáveis, é possível preservar o essencial.

Numa manhã, tragédia inesperada reuniu a cidade na casa de meu avô, depois que um telegrama trouxe a notícia da morte súbita de minha tia Neuzelides, em Campo Grand, onde encontrava ao lado de meus avós. Tinha apenas 19 anos. [...] A solidariedade da pequena cidade em que abri meus olhos para o mundo até hoje está presente em minhas memórias. (Rosa, 2015b).

Além disso, a escrita da autora ultrapassa a dimensão pessoal para configurar um Acervo compartilhado, integrando sua memória individual à memória social da comunidade de Mombaça. As práticas, afetos e modos de vida descritos não são apenas recordações privadas, mas constituem experiências coletivas que revelam o modo de ser e viver daquela pequena cidade. A memória pessoal, assim, se articula com a memória dos outros, criando uma rede de significados que fortalece identidades e vínculos sociais. Dessa forma, o Acervo memorial de Sá Rosa é simultaneamente particular e comunitário, evidenciando o papel da memória como um espaço de construção contínua de identidades.

Por fim, o texto convida à reflexão sobre a memória como um Acervo em permanente movimento, cuja construção é um gesto de resistência e uma forma de dar sentido ao passado, ao presente e ao futuro. Ao narrar sua experiência, Maria da Glória Sá Rosa nos mostra que a memória é um processo dinâmico, em que passado e presente dialogam, permitindo que o que importa permaneça vivo no imaginário coletivo. Essa construção narrativa não apenas preserva as lembranças, mas as transforma em um patrimônio afetivo maior, que transcende o individual e enraíza-se na experiência compartilhada, consolidando-se como um testemunho da vida em comum. Como afirma Sá Rosa:

Mombaça são raízes, que fremem, quando recordo cada pequeno acontecimento disperso na fumaça das emoções. Muitos anos mais tarde, voltei. A cidade se refizera, tinha ares de modernidade. Mas a pequena cidade de meus sonhos continuava viva no reino da memória onde viceja a realidade de nossa vida. (Rosa, 2015b).

A memória de Mombaça, construída por Maria da Glória Sá Rosa, revela-se como um espaço dinâmico e polifônico, onde passado e presente dialogam continuamente, conforme Bakhtin (1992) descreve o diálogo entre tempos e vozes na construção do sentido. Tal construção se configura também como um “lugar de memória” no sentido proposto por Pierre Nora (1993), funcionando como um ponto de ancoragem para a memória coletiva diante do risco do esquecimento.

Além disso, essa memória é um acervo socialmente construído, conforme Halbwachs (1990), que enfatiza a importância dos grupos sociais na formação e preservação das recordações individuais, transformando experiências pessoais em patrimônio simbólico compartilhado. Paul Ricœur (2007) contribui para essa compreensão ao destacar a memória como uma narrativa que não apenas rememora o passado, mas reinterpreta e reconstrói identidades por meio da linguagem e do tempo, colocando a experiência vivida no centro da construção do sentido.

Assim, o imaginário de Mombaça é um testemunho da memória enquanto processo vivo, que resiste ao tempo e se reinventa através do encontro entre o íntimo e o coletivo.

4.5 Destruir a memória é destruir o povo

Figura 37. Imagem gerada por inteligência artificial a partir do manifesto *Destruir a memória é destruir o povo*.



Fonte: imagem gerada pela autora da pesquisa.

O título da autora Maria da Glória Sá Rosa, “*Destruir a memória é destruir o povo*”, remete à ideia de que a memória coletiva é fundamental para a identidade de um povo, e que a destruição ou manipulação dessa memória impacta diretamente a essência desse grupo. O texto configura-se como uma crônica de viés ensaístico e político, que ultrapassa a experiência pessoal para propor uma reflexão crítica e coletiva sobre o papel da memória na constituição da identidade cultural e social. Com linguagem clara, firme e permeada por afetividade e denúncia, a autora estrutura seu texto em torno do princípio essencial de que a memória é um ato de resistência e construção de pertencimento.

Ao afirmar que “destruir a memória é destruir o povo”, Sá Rosa evidencia que a memória coletiva sustenta a identidade de um grupo. Apagar essa memória impede o diálogo intergeracional e a construção compartilhada de sentido, comprometendo a voz e a resistência cultural do povo. Segundo a autora, ao denunciar a destruição de arquivos, símbolos e narrativas, a autora transforma sua crônica em manifesto político e ético, mostrando que lembrar é um ato de cidadania, preservando o passado, fortalecendo o presente e garantindo o futuro de comunidades e grupos historicamente marginalizados.

Para acabar com um povo é suficiente destruir sua memória (...) Valores ligados a práxis coletiva, como hino, as armas, a bandeira, objetos em que a memória se apoia, são sempre destruídos pelos dominadores. Pela história oficial suprimem fatos, substituem verdades por outras criadas por eles, forjando argumentos.

...Ora, tudo isso é uma lâmina fina que enterra no coração do sul-mato-Grossense, um povo que sabe, como bem afirma Walter Benjamin que só tem valor, no presente, as coisas que são visadas pelo passado, porque as fronteiras de hoje, alargam-se nos espaços do ontem, reconstruído pela memória. (Rosa, [s. d]).

Desde o início, associa memória à sobrevivência, considerando a destruição de arquivos, monumentos, documentos e símbolos coletivos como um atentado à existência do povo. Esse

gesto revela que a identidade cultural e histórica está ligada à capacidade de lembrar e transmitir essas lembranças, tornando a memória um pilar dinâmico que organiza o passado para dar sentido ao presente. A escrita de Sá Rosa assume função pedagógica ao alertar para os perigos do esquecimento e da passividade diante das perdas simbólicas e materiais da memória, aproximando-se de um chamado à consciência histórica.

... São recordações que precisam ser polidas pela reflexão, para que não se tornem sombras.

Dois monumentos: a fonte luminosa e o coreto (arbitrariamente demolido e hoje em vias de ser reconstruído deverão ampliar as margens da vida campo-grandense. Pertencem ao inconsciente coletivo, fazem parte do mosaico multifacetado de nossa história. Destruir um deles é cavar no espírito do povo a revolta, o desanimo, porque o tempo já os transforma em obras-de-arte em que o olhar se aprofunda. (Rosa, [s. d]).

Além disso, a autora denuncia as formas institucionais de manipulação da memória, como o apagamento de episódios históricos, destruição de acervos públicos e substituição de narrativas plurais por versões oficiais, estratégias muitas vezes usadas para manter estruturas de poder. Sem citar exemplos específicos, remete implicitamente a contextos autoritários, regimes militares, revisionismos e políticas de silenciamento, onde o controle sobre o que se pode lembrar torna-se instrumento de dominação.

Assim, a crônica insere-se no debate maior da memória como campo de disputa, onde lembrar é ato político, conectando-se ao conceito de “lugares de memória” de Pierre Nora (1984, p. 15), pois destruir arquivos e acervos destrói também o vínculo simbólico entre povo e história. A própria crônica pode ser lida como manifesto literário, em que a palavra escrita resiste à devastação do patrimônio simbólico, enfatizando a importância da preservação de documentos, museus, nomes e marcos históricos, transformando sua escrita em um grito de alerta contra a política do esquecimento.

A autora valoriza gestos individuais e coletivos de rememoração como ferramentas para resgatar identidades apagadas, fazendo de sua escrita um arquivo vivo em contraposição ao silêncio e à destruição. Por fim, amplia a reflexão para além do campo cultural, sugerindo que a memória é essencial na luta por justiça social, pois sem ela não há reivindicação legítima de direitos; as lutas de povos indígenas, negros, mulheres e tantos grupos marginalizados dependem da preservação de suas histórias para existir e exigir reparações.

É preciso que as autoridades sejam coerentes com o desejo do povo que os elegeu e paga seus salários através de altos impostos. E o povo, de mãos laboriosas e mente aguda quer sobreviver através de seus monumentos, de seu hino, de sua literatura, de

sua cultura enfim. Porque nelas estão as marcas dos que sofreram e morreram por este Estado. (Rosa, [s. d]).

O texto conclui que é por meio da memória que novas gerações compreenderão os caminhos percorridos e continuarão as lutas em curso. Ao trazer essa reflexão, Maria da Glória Sá Rosa reafirma o valor político, cultural e ético da memória, sua escrita sensível e combativa dialogando com os conceitos de acervo como lugar simbólico, narrativa como arquivamento do cotidiano e resistência à perda como preservação.

Enquanto textos anteriores mergulhavam na memória íntima e afetiva, nesta crônica a autora coloca a memória no centro das relações de poder, identidade e justiça, instigando o leitor a compreender que lembrar não é apenas ato emocional ou nostálgico, mas um gesto político, exercício de cidadania e ato de permanência.

Segundo Mikhail Bakhtin (2003), a comunicação é um processo dialógico, nessa perspectiva Maria da Glória Sá Rosa, ao afirmar que “destruir a memória é destruir o povo”, destaca a memória coletiva como fundamento essencial de identidade cultural e social, alinhando-se com Bakhtin (1992), que entende a construção do sentido como um diálogo contínuo entre vozes, tempos e contextos, no qual a memória atua como elemento vivo e polifônico.

O conceito de Pierre Nora (1993) sobre “lugares de memória” ilumina o texto ao evidenciar que a destruição de arquivos, monumentos e símbolos representa não apenas a perda material, mas o apagamento de vínculos simbólicos que mantêm o povo conectado ao seu passado. Halbwachs (1990) reforça essa perspectiva ao lembrar que a memória é construída socialmente e que sua manipulação institucional visa dominar narrativas e controlar identidades. Paul Ricœur (2007) amplia essa compreensão ao mostrar que a memória é uma narrativa essencial para a construção da identidade e da justiça, pois o esquecimento deliberado torna-se um instrumento político que impede a legitimação das lutas sociais e a reconstrução do sujeito coletivo.

A memória coletiva se revela não apenas na preservação de arquivos, monumentos e símbolos, mas também nos vínculos simbólicos que conectam o povo ao seu passado. Quando esses elementos são destruídos, ocorre mais que uma perda material: é apagada uma dimensão essencial da identidade social. Nesse contexto, a memória se constrói socialmente e sua manipulação institucional não apenas controla narrativas, mas molda identidades,

transformando o esquecimento deliberado em instrumento político. Assim, a narrativa da memória torna-se fundamental para a construção da identidade e da justiça, permitindo que as lutas sociais sejam reconhecidas e que o sujeito coletivo se reconstrua.

Sendo assim, a crônica de Sá Rosa é um manifesto que revela a memória como ato de resistência, exercício de cidadania e condição indispensável para a continuidade de um povo, tornando-se um alerta ético e político diante das tentativas de silenciamento e apagamento histórico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como propósito analisar o Acervo Maria da Glória Sá Rosa, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), enquanto lugar de memória e espaço de significação, compreendendo-o como instância ativa na constituição da identidade cultural e da memória coletiva sul-mato-grossense. Longe de ser apenas um repositório de documentos, o Acervo foi interpretado como espaço vivo, atravessado por múltiplas vozes e discursos, nos quais o passado é continuamente atualizado, tensionado e reinterpretado.

A pesquisa partiu da inquietação central sobre como um Acervo pessoal pode funcionar discursivamente como espaço de resistência, preservação e produção de memória coletiva regional, sobretudo diante da recorrente exclusão das vozes periféricas das narrativas oficiais. Nesse contexto, buscou-se compreender de que maneira os registros presentes no Acervo especialmente os de caráter literário e autobiográfico emergem como contradiscursos capazes de ressignificar noções de pertencimento, história e identidade.

Fundamentada na Teoria Dialógica da Linguagem, proposta pelo Círculo de Bakhtin, e em diálogo com autores como Platão, Henri Bergson, Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Paul Ricoeur, Michel Foucault, Michel Pêcheux, Eni Orlandi, a pesquisa adotou uma abordagem interdisciplinar, que concebe a linguagem como lugar de disputas simbólicas e constituição de sentidos. Nessa perspectiva, o Acervo foi compreendido como um espaço de enunciação polifônica, no qual a memória se realiza por meio de discursos que entrelaçam experiências individuais e coletivas.

A partir de Platão, especialmente em suas reflexões sobre a memória e a escrita como no Fedro, no qual questiona a confiabilidade da escrita como suporte da memória, problematizou-se a relação entre registro e esquecimento. Nesse ponto, o Acervo de Maria da Glória Sá Rosa se apresenta como resposta à crítica platônica, pois demonstra que a escrita não substitui a memória viva, mas pode ativá-la, reconfigurá-la e reinscrevê-la no presente

Jacques Le Goff, por sua vez, contribuiu com a compreensão da memória como construção social e histórica, distinta do simples acúmulo de lembranças. Sua concepção de “memória como trabalho” ajudou a pensar o Acervo como espaço de elaboração contínua do

passado, em que a história oficial é interrogada, e novas versões do vivido são legitimadas por meio dos discursos ali presentes.

A análise dos textos *Sol na Retina*, *Minha Face no Espelho*, *Mombaça, meu reino do imaginário*, e *Destruir a Memória é Destruir o Povo* evidenciou a potência dos escritos de Maria da Glória Sá Rosa como registros de vivências que, ao se conectarem com o coletivo, constituem vozes de resistência e de afirmação cultural. Nessas narrativas, o gesto de escrever revela-se como prática de construção de identidade e de mobilização de memórias sociais silenciadas, abrindo espaço para novas leituras da história regional.

O estudo demonstrou que o Acervo em questão se configura como espaço discursivo em constante movimento, no qual a memória não é fixa, mas construída por meio de práticas enunciativas que dialogam com o tempo presente e projetam sentidos para o futuro. A diversidade de gêneros e vozes nele presentes o torna um território simbólico, nos quais sujeitos históricos elaboram sentidos sobre si e sobre o mundo que habitam.

A partir das reflexões de Pierre Nora, o acervo foi compreendido como lugar de memória, nos quais se articulam o íntimo e o coletivo, o subjetivo e o histórico. A memória, nesse sentido, não é estática nem neutra, mas uma prática social, sempre atravessada por disputas e ressignificações. A presença de registros pessoais, como cartas e diários, mostra como o individual também é moldado por forças coletivas, políticas e culturais.

A linguagem revelou-se elemento central para o funcionamento do Acervo como dispositivo de resistência e afirmação. Com o suporte da Análise do Discurso Francesa, nas formulações de Pêcheux e Orlandi, a memória foi compreendida como efeito do discurso sempre situada, ideologicamente marcada e em disputa. Cada texto analisado configura um gesto político e memorial, capaz de reconfigurar sentidos históricos e posicionar novas identidades.

O pensamento de Foucault sobre o arquivo como instância reguladora do saber e da visibilidade ofereceu suporte à ideia de que o Acervo, mais do que preservar documentos, participa da construção dos regimes discursivos que definem o que pode ser dito e lembrado. A materialidade dos textos seus suportes, marcas e modos de circulação condiciona as formas pelas quais o passado é acessado, interpretado e legitimado.

A contribuição de Paul Ricoeur permitiu compreender como as narrativas produzidas no Acervo articulam tempo vivido e tempo narrado, transformando experiências fragmentadas em sentidos culturais compartilhados. Nesse espaço, o tempo pessoal se transfigura em tempo coletivo, revelando a memória como construção simbólica e social.

O pensamento de Mikhail Bakhtin revela-se crucial não apenas para a interpretação do caráter dialógico presente em *Minha Face no Espelho*, mas para todo o conjunto dos textos que compõem o Acervo de Maria da Glória Sá Rosa. Sua Teoria Dialógica da Linguagem ilumina a forma como a linguagem funciona como espaço de múltiplas vozes e de conflitos simbólicos, sendo esse um elemento central para compreender os escritos da autora como práticas discursivas que transcendem a simples expressão pessoal para se constituírem em instrumentos de construção e disputa de sentidos culturais.

Nos textos incluindo *Sol na Retina*, *Mombaça, meu reino do imaginário*, e *Destruir a Memória é Destruir o Povo*, a linguagem manifesta-se como um campo polifônico onde diferentes enunciadores, temporalidades e discursos se entrelaçam, configurando um espaço dinâmico de memória e identidade. A presença da heteroglossia bakhtiniana nessas narrativas evidencia o diálogo permanente entre o indivíduo e as forças sociais, políticas e históricas que influenciam a constituição do eu e do coletivo.

Além disso, Bakhtin oferece ferramentas para analisar a forma como o discurso memorialístico de Glorinha articula elementos da oralidade, do testemunho e da escrita literária, ressaltando a importância da linguagem como prática social e histórica. A voz que emerge do Acervo não é uma voz isolada, mas uma confluência de vozes que dialogam com o presente, trazendo à tona os sentidos múltiplos e, por vezes, contraditórios da memória regional.

A abordagem bakhtiniana permite, assim, compreender que o Acervo é um espaço não apenas de conservação, mas de ativação da memória — um local em que as narrativas produzem efeitos sociais, políticos e culturais ao possibilitar que sujeitos historicamente marginalizados façam ouvir suas vozes. O gesto de escrever, em cada texto analisado, funciona como uma prática dialogicamente orientada, capaz de desafiar e reconfigurar discursos hegemônicos, ampliando o campo das identidades e das histórias possíveis.

Portanto, a presença da Teoria Dialógica da Linguagem na análise do Acervo reforça a relevância da linguagem como elemento constitutivo da memória e da identidade, demonstrando como Maria da Glória Sá Rosa articula suas experiências individuais e coletivas

por meio de narrativas que operam na intersecção de múltiplos discursos, temporalidades e perspectivas. Isso reafirma o papel fundamental do Acervo como instância de produção cultural e resistência, em consonância com a proposta bakhtiniana de uma linguagem viva, social e histórica.

A escrita de Glorinha, especialmente nos contextos de marginalização, afirma-se como gesto de resistência. Em *Sol na Retina*, fragmentos poéticos convocam memórias sensíveis; em *Minha Face no Espelho*, a narrativa autobiográfica reinscreve o passado da autora e da região no espaço público do discurso.

As reflexões desenvolvidas ao longo desta pesquisa revelam que o Acervo ultrapassa sua dimensão privada, inscrevendo-se como espaço coletivo de memória, conhecimento e reconhecimento. Seus documentos operam como registros que desafiam a linearidade da história oficial, dando visibilidade a vozes silenciadas e reativando múltiplos sentidos sobre o Mato Grosso do Sul.

A principal contribuição deste estudo consiste em evidenciar os acervos pessoais como espaços legítimos de produção de memória, identidade e pertencimento. O Acervo de Maria da Glória Sá Rosa nos mostra que a memória não é herança passiva, mas processo ativo, narrativo e dialógico. Como espaço de signos, ele nos convoca à escuta atenta, à leitura crítica e à abertura para a pluralidade de vozes e experiências.

Espera-se que esta dissertação estimule novas investigações voltadas à valorização dos acervos e das narrativas locais como formas legítimas de conhecimento e resistência, sobretudo nos contextos periféricos e marginalizados. Entre esses grupos estão povos indígenas, quilombolas, moradores de periferias, mulheres em situação de vulnerabilidade, pessoas negras e populações rurais empobrecidas sujeitos historicamente excluídos dos espaços de decisão, visibilidade e reconhecimento.

É necessário destacar o papel de educadores como a professora doutora Aline Saddi Chaves e outros pesquisadores comprometidos com a preservação, estudo e divulgação desse Acervo. Suas ações são fundamentais para ampliar a relevância social e política desses registros, promovendo o diálogo entre diferentes temporalidades, saberes e territórios.

Assim, esta dissertação não apenas resgata um patrimônio documental de inestimável valor, como também reafirma o papel central de Maria da Glória Sá Rosa na constituição de

uma memória cultural viva, complexa e plural. Seu Acervo, longe de representar um conjunto estático de lembranças, revela-se como espaço de significação, nos quais múltiplas vozes e temporalidades se entrecruzam em permanente diálogo.

A análise empreendida permite concluir que preservar, interpretar e compartilhar Acervos como este é, também, afirmar a potência da linguagem na construção de mundos possíveis passados, presentes e futuros. Este trabalho, portanto, se propõe como continuidade do gesto de Maria da Glória: escavar, interpretar e reler os sentidos produzidos e preservados em seu Acervo, reconhecendo-o como espaço ativo de memória, cultura e resistência.

O Acervo Maria da Glória Sá Rosa transcende a condição de mero conjunto documental, configurando-se como uma instância produtora de signos em que experiências individuais se articulam ao coletivo, promovendo a reconfiguração das identidades e a desestabilização de verdades historicamente sedimentadas. Nesse sentido, ao confrontar os processos de esquecimento impostos pela história oficial, que invisibilizam vozes, saberes e experiências não legitimados pelas instituições hegemônicas, o Acervo se posiciona como uma prática de rememoração ativa, capaz de reinscrever no discurso aquilo que foi silenciado, bem como de abrir novas possibilidades para a reconfiguração das narrativas sobre o passado.

Este estudo reafirma a importância dos acervos pessoais como espaços vivos de produção e ressignificação da memória coletiva, especialmente em contextos periféricos e historicamente marginalizados. A análise do Acervo Maria da Glória Sá Rosa demonstrou que a memória, longe de ser uma simples herança passiva, constitui-se como um processo dinâmico, dialógico e político, que articula experiências individuais e coletivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS. *Documentação sobre Maria da Glória Sá Rosa*. Disponível em: <https://www.academiasuldasletras.com.br>. Acesso em: 29 out. 2024.
- ACHARD, Pierre et al. (Orgs.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 49–58.
- ALMEIDA, João Flávio; GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. Poesia e memória discursiva na Grécia Antiga. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 7, n. 1, p. 132–147, jan./abr. 2018.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____ (Org.). *Obras escolhidas I: textos filosóficos*. Tradução de Francisco Lauand. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).
- BRANDÃO, Cristiane; GONÇALVES, Francine; BAMBIL, Thobias B. *Tempos de Glória*. Campo Grande, MS: Gráfica Editora Alvorada, 2007.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitura e convivência intelectual na Idade Moderna*. Tradução de Cláudia G. Ocampo. São Paulo: Editora UNESP, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- CHAVES, Aline Saddi; SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto. Memória (auto)biográfica e memória histórica: o acervo Maria da Glória Sá Rosa / Mémoire (auto)biographique et mémoire historique: le fonds d'archives Maria da Glória Sá Rosa. *História e Cultura*, v. 13, n. 2, p. 147-167, dez. 2024. ISSN 2238-6270.
- CIDADAOMS. *Documentação sobre o legado de Maria da Glória Sá Rosa*. Disponível em: <https://www.cidadems.com.br>. Acesso em: 29 out. 2024.

- CISNEIROS, Mariana Freitas. *Discurso, memória e identidade de Mato Grosso do Sul nos escritos de Maria da Glória Sá Rosa*. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, Campo Grande, 2024.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Sérgio Augusto de Lima. São Paulo: Editora Palas Athena, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Alcan, 1925.
- HALBWACHS, Maurice. *On Collective Memory*. Edited by Lewis A. Coser. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- KHOURY, Yara Aun (Org.). *Pierre Nora: entre memória e história*. São Paulo: Revista Projeto História, n. 10, PUC-SP, 1993.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- NOGUEIRA, Albana Xavier; ROSA, Maria da Glória Sá. *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2011.
- NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.
- NORA, Pierre. *Os lugares da memória*. Tradução de Maria Thereza de Assis França. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- O PANTANEIRO. *Informações sobre Maria da Glória Sá Rosa*. Disponível em: <https://www.opantaneiro.com.br>. Acesso em: 29 out. 2024.
- OFICINA DE FILOSOFIA. *O conceito de linguagem em Bakhtin*. 2016. Disponível em: <https://oficina-de-filosofia.blogspot.com/2016/09/o-conceito-de-linguagem-em-bakhtin.html>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- OPENAI. Imagem gerada por inteligência artificial a partir do texto “Minha face no espelho”, de Maria da Glória Sá Rosa. 2025. Disponível em: <https://chat.openai.com/>. Acesso em: 15 set. 2025.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Beth Brait. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. *Ler o arquivo hoje*. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 55–67.

- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- PLATÃO. *Fédro*. Tradução de Paulo V. P. de L. C. de Oliveira. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- PLATÃO. *Fédon*. Traduzido por Paulo V. P. de L. C. de Oliveira. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1995.
- PLATÃO. *A República*. Tradução de J. L. F. Pimenta. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- RICOEUR, Paul. *Memory, History, Forgetting*. Translated by Kathleen Blamey and David Pellauer. Chicago: University of Chicago Press, 2004.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: volume I*. Tradução de Kathleen Eco. Campinas: Papyrus, 1985.
- RODRIGUES, José Carlos de Carvalho. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: EDUFMS, 2004.
- ROSA, Maria da Glória Sá. Mombaca, meu reino do imaginário. *Correio do Estado*, Campo Grande, 27 out. 2015a. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/artigos-e-opiniao/maria-da-gloria-sa-rosa-mombaca-meu-reino-do-imaginario/279493/>. Acesso em: 18 set. 2025.
- ROSA, Maria da Glória Sá. Minha face no espelho. *Correio do Estado*, Campo Grande, 22 dez. 2015b. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/artigos-e-opiniao/maria-da-gloria-sa-rosa-br-minha-face-no-espelho/266216/>. Acesso em: 18 set. 2025.
- ROSA, Maria da Glória Sá. Destruir a memória é destruir o povo. Acervo Maria da Glória Sá Rosa, [s/d]
- ROSA, Maria da Glória Sá. *Contos de hoje e sempre: tecendo palavras*. Campo Grande, MS: M. G. S. Rosa, 2002.
- ROSA, Maria da Glória Sá. *Crônicas de fim de século*. Campo Grande, MS: Editora UCDB, 2001.
- ROSA, Maria da Glória Sá. *Deus quer, o homem sonha, a cidade nasce: Campo Grande cem anos de história*. Campo Grande, MS: FUNCESP, 1999.
- ROSA, Maria da Glória Sá. *Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul: histórias de vida*. Campo Grande, MS: UFMS, 1990.
- ROSA, Maria da Glória Sá; DUNCAN, Idara. *A música de Mato Grosso do Sul: histórias de vida*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009.

ROSA, Maria da Glória Sá. *Artes plásticas em Mato Grosso do Sul*. Maria da Glória Sá Rosa, Idara Duncan, Yara Penteado. Campo Grande, MS: M. G. S. Rosa, I. Duncan, Y. Penteado, 2005.

ROSA, Maria da Glória Sá; MENEGAZZO, Maria Adélia; RODRIGUES, Idara N. D. *Memória da arte em MS: histórias de vida*. Campo Grande, MS: UFMS/CECITEC, 1992.

ROSE, G. C. *Contraponto em escala bakhtiniana para ler Saussure em Bakhtin* [online]. SciELO em Perspectiva: Humanas, 2025 [visto em 21 abr. 2025]. Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2025/03/07/contraponto-em-escala-bakhtiniana-para-ler-saussure-em-bakhtin/>. <https://doi.org/10.1590/2176-4573p66039>

SARAMAGO, José. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEMIÓTICOS. *De Saussure a Bakhtin: linguagem, memória e disputa de sentidos*. Semióticos Blog, 2016. Disponível em: <https://semioticosblog.wordpress.com/2016/10/23/biografia-de-ferdinand-de-saussure/>. Acesso em: [data].

UEMS. *UEMS preserva memória cultural do Estado com acervo da professora Maria da Glória Sá Rosa*. MS na Mídia, 19 nov. 2019. Disponível em: <https://msnamidia.com.br/uems-preserva-memoria-cultural-do-estado-com-acervo-da-professora-maria-da-gloria-sa-rosa/>. Acesso em: 29 out. 2024.

UCDB – UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO. *Publicações culturais relacionadas a Maria da Glória Sá Rosa*. Disponível em: <https://www.ucdb.br>. Acesso em: 29 out. 2024.

UFMS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. *Publicações culturais sobre Maria da Glória Sá Rosa*. Disponível em: <https://www.ufms.br>. Acesso em: 29 out. 2024.

ANEXOS

A memória é como aquele toque instantâneo de sol na retina, que deixa uma queimadura à superfície, coisa leve, sem importância mas que molesta enquanto dura; daqui a pouco a queimadura desaparece, a visão normaliza-se e é como se nada tivesse acontecido.

José Saramago

Sol na Retina

Quem me mandou voltar ao Ceará? Eu não precisava ter feito aquela viagem. Agora as lembranças deslizavam, golpes leves de punhal me atravessavam a carne.

A casa de meu avô com a pintura descascada, tetos altíssimos, velho pé de cajá plantado no fundo do quintal reproduzia o cenário da manhã em que meu pai atravessou a rua, olhos baixos, sem coragem de tirar um papel do bolso. Minhas tias abandonaram as almofadas, os bilros, no pressentimento da tragédia que se aproximava.

– Pelo amor de Deus, João deixe a gente ver esse telegrama...

As notícias naquele tempo feriam o ar, codificadas em papel marrom, que os mais velhos tremiam ao receber.

O acontecimento abalou a rotina da pequena cidade. Era como se tivesse sido anunciada de repente a condenação à morte de cada um dos presentes.

Com sussurros, soluços e gritos um fato impôs-se irremediável. Os dezoito anos de minha tia Ana Maria tinham sido destruídos num toque de dedos do destino. Sem qualquer explicação, uma flor fora arrancada do solo e lançada fora.

Atônita, diante do imprevisível, senti desdobrar-se diante de mim um enigma que o tempo não ajudaria a resolver.

Na inocência dos cinco anos, adorava essa tia carinhosa, sempre de bem com a vida, que gostava de acompanhar os sobrinhos nos banhos de rio e que era a nossa defensora, quando ameaçados de castigos.

Certa manhã, salvou-me de morrer afogada na correnteza do rio, puxando-me pelos cabelos. Um minuto a mais e não estaria eu aqui recompondo sua história. Estou viva, e ela morta. Por quê?

Alguns meses depois, foi mandada para longes terras. Nunca mais a vi. A família escolheu-a para acompanhar os pais, que se mudavam para o Paraná. Foi ali que o castelo de sua vida desmoronou e sua história tornou-se assunto proibido.

Quando alguém mencionava o nome Ana Maria, bocas permaneciam mudas, conversas tornavam-se reticentes. Transformara-se em personagem maldita de tragédia grega. Tão bela, tão doce e amaldiçoada, memória desfeita em cinzas.

Meus pais decidiram, também, morar no Paraná para tentar a vida longe da seca, das dificuldades de um Estado sofrido como o Ceará.

Ao chegarmos, minha avó, toda de preto, quando pôs o olhar em nós, não teve coragem de balbuciar uma palavra. Trêmula, apontava um armário. Depois, atirou-se na cama, a soluçar. Nunca mais abandonou o luto.

14

O assunto Ana Maria era o grande tabu familiar, o que aguçava minha curiosidade.

O que se sabia, de forma vaga, era que fora forçada a acompanhar os pais na viagem inicial ao Paraná. Era a maneira fácil de afastá-la de um namoro condenado pela família.

No Paraná, onde iniciou o curso Normal, sofria com o inverno rigoroso e com a ausência do jovem por quem estava apaixonada.

Em madrugada de intensa cerração, ingeriu um veneno, colocado por engano num vidro vazio de xarope, igual ao que ela costumava tomar. Morreu poucas horas mais tarde, depois de cravar os desesperados olhos em minha avó. Deixou como herança um enigma a perturbar minhas noites de insônia, em que sua lembrança não me abandonava.

De forma obsessiva comecei a procurar cartas, retratos seus, sem resultado algum. Tudo destruído, como se tivessem querido esfacelar sua memória. Em duas fotos, seu rosto aparecia pintado de preto, o que fez minhas interrogações crescerem como combustível na fogueira. Quando minha mãe arrancou o álbum e ordenou-me não mais tocar nas coisas que não me diziam respeito, passei a mexer às escondidas nos guardados da família. Quando todos dormiam, eu abria de leve as gavetas, em busca de papéis. Quando estava prestes a perder as esperanças, uma carta amarelada, manchada de lágrimas talvez, apareceu no fundo de uma latinha:

Artur, estou morrendo de saudades de você. A cidade é pequena, feia, o frio terrível não me deixa dormir. Meus pais me vigiam o tempo inteiro, estou presa numa cadeia. Não tenho uma amiga sequer. Só penso em você, na hora de voltar.

Alguém deve tê-la surpreendido, enquanto escrevia, por causa do amarrotado do papel. A carta arrancada de forma brusca ficou esquecida durante anos. Hipóteses fervilhavam em minha cabeça:

– Mamãe, Ana Maria tinha um namorado no Ceará?

– Você e sua curiosidade mórbida... Ana Maria era criança, quando veio para cá.

Nunca se interessou por ninguém. Vivia apenas para os pais, tanto que se ofereceu para cuidar de seus avós, quando eles se mudaram para o Paraná. O silêncio, a dissimulação de minha mãe abriram caminho para novas indagações. Quem sabe, Ana Maria teria se entregado a Artur, ficara grávida e, depois, fora obrigada pelos pais a deixar a cidade natal para fugir à vergonha. Desesperada, bebera veneno e fora castigada pela família com o manto do desprezo.

Era uma hipótese meio incongruente como várias outras que formulei depois. A verdade só a conheci mais tarde, quando meu tio Pedro, irmão de Ana Maria desabafou comigo:

– Sua prima Joana me preocupa demais. Minha mulher e eu fazemos tudo para distraí-la, para arrancá-la do quarto, onde se tranca o dia inteiro. Meu medo é que termine como Ana Maria.

Viu a expressão de espanto em meu rosto e não prosseguiu. Insisti no assunto e não consegui qualquer novo tipo de informação.

O vendaval do tempo arrastou para o outro lado da vida avós, pais, parentes que partiram, carregando segredos.

Outro tio, revoltado com o desespero dos irmãos diante da morte de pessoas que já haviam cumprido seus prazos na vida, comentou comigo:

– Não sei por que tanta revolta diante do desaparecimento de velhos. Pior foi o suicídio....

– Quem se suicidou, tio Paulo?

– Sua tia Ana Maria, você não sabia?

– Ela não tomou veneno por engano?

– Aquilo foi uma invenção, para tapar o sol com a peneira.

Ana Maria estava namorando no Ceará um rapaz sem futuro, um vagabundo que em hipótese alguma meus pais deixariam que se casasse com ela. Como sempre, foi teimosa, voluntariosa, passou a encontrá-lo às escondidas. Não aceitava conselhos, admoestações. Naquele tempo, a educação era rígida, os pais tinham autoridade sobre os filhos. O jeito de acabar com o namoro foi obrigá-la a acompanhar papai e mamãe na mudança para o Sul, onde ela esqueceria o rapaz e começaria vida nova.

Meu tio prosseguiu:

– Ana Maria era a mais bem dotada das irmãs, com seus cabelos louros, rosto valorizado por lindos olhos verdes.

Aqui no Paraná teve vários pretendentes, mas nunca quis saber de alguém. Vivia ensimesmada em casa, revoltada por ter sido obrigada a abandonar o Ceará onde era feliz ao lado das irmãs e do namorado.

Não se falava em depressão, mas foi o que ela deve ter sofrido, sempre calada, fechada no quarto, escrevendo cartas, que não atingiam o alvo. Até que certo dia, não agüentou mais...

– Tio Paulo, por que a família inventou a história do veneno ingerido por engano e passou a esconder tudo que lhe dizia respeito? Em que ofendeu tanto a honra familiar?

– Ora, não se esqueça de que tudo aconteceu nos anos trinta, época patriarcal, marcada pela autoridade religiosa. As pessoas que se suicidavam não tinham direito à encomendação do corpo, à missa de sétimo dia e não podiam ser enterradas no cemitério, porque eram criminosas que haviam matado a si próprias. Em alguns países, os sobreviventes de suicídios eram punidos com a prisão perpétua e até com a morte. Para nossos

pais, profundamente católicos, a morte da filha era mancha vergonhosa, que tentaram apagar, eliminando todas as marcas deixadas por ela neste planeta enlouquecido. Falar dela era abrir chagas que nunca iriam sarar.

– A prova de que não tomou veneno por engano foi a carta de perdão que papai, desesperado, lançou ao fogo.

A voz de tio Paulo ressoava sombria em meu acerto de contas com o passado. A queimadura voltara a doer, mas não perturbava mais. Os fios da dúvida tinham-se dispersado no ar.

Ao reviver, na velha casa de meus avós, pedaços do passado, que tanto haviam atormentado minha infância e mocidade, sentia-me em paz, porque reconciliada com a verdade.

CRÔNICA

Maria da Glória Sá Rosa: "Mombaça, meu reino do imaginário"

Maria da Glória Sá Rosa: "Mombaça, meu reino do imaginário"

REDAÇÃO
23/10/2015 - 09h00

Nos siga no 



MAIS LIDAS



"Refresco" dura po calorão de até 41°C semana

Página 1 de 4

<https://correiostestado.com.br/cidades/artigos-e-opiniao/maria-da-gloria-sa-rosa-mombaça-meu-reino-do-imaginario/261432/>

Maria da Glória Sá Rosa: "Mombaça, meu reino do imaginário" - Correio do Estado

Em minhas lembranças de Mombaça, o real e o imaginário se confundem em nebulosa de emoções. Frequentemente, me surpreendo pensando: Não terei vivido no sonho os acontecimentos que estou tentando recompor? Porque, apesar de nascido em Mombaça, vivi pouco tempo por lá, apenas os primeiros anos da infância, quando éramos felizes e ninguém estava morto.

Minha mãe contava que fui retirada a ferro de seu útero por uma parteira chamada Benvinda; o parto aconteceu de repente e não havia médico na cidade. Até hoje tenho na testa o sinal do fórceps, que provocou uma ferida transformada em cicatriz. Escapei graças a uma promessa de minha mãe a Nossa Senhora da Glória de quem tenho o nome.

A cidade tinha poucas ruas, algumas de nomes engraçados como Rua da Goela. No centro delas ficava uma pracinha, de encontro dos namorados. Em frente, a agência do correio chefiada por minha tia-avó Cristina Aderaldo, que costumava colocar o lembrete urgentíssimo em todas as cartas que enviava. Minha mãe, Cleonice Chaves e Sá, professora formada na Escola Normal de Fortaleza, era uma mulher inteligente, meiga, mas dotada de vontade firme no que dizia respeito à educação dos filhos. Foi com ela que me alfabetizei.

A cartilha eram as manchetes de jornais. Meu pai, Tertuliano Vieira e Sá, apesar de ter apenas o curso primário, era dono de texto ágil e coerente, resultado das leituras que as pessoas daquele tempo costumavam fazer.

Comerciante com sangue de cigano, veio duas vezes a Mato Grosso do Sul, onde se fixou com a família, para escapar às dificuldades econômicas da região nordestina.

Minha primeira lembrança de Mombaça é a residência de meus avós, José Laurindo de Araújo Chaves, que foi vereador, e Etelvina Aderaldo Chaves, que gerou 17 filhos dos quais sobreviveram 11. Recordo-me das árvores frondosas em frente à casa de tetos altíssimos na qual eu gostava de ficar à janela, descascando pedacinhos da pintura envelhecida das janelas.

A grande diversão era o banho no Rio Banabuiú, com as mulheres em horário diferenciado do dos homens, na inocente nudez de quem está em paz com o mundo.

Outro passeio era ao sítio de minha-tia-avó, Antonina Castelo (Tininha), mãe de Plácido Castelo, que foi governador do Ceará e de José Aderaldo Castelo escritor e professor doutor da Universidade de São Paulo.

Sinto o perfume do incenso das missas na matriz de Nossa Senhora da Glória, e escuto as vozes estridentes que vinham do coro, enquanto revejo os banquinhos forrados de veludo, com o nome de cada dono numa plaquinha dourada.

Depois do jantar, as pessoas reuniam-se na calçada. Uma atmosfera de nostalgia provocava o retorno de lembranças dos que não estavam mais ali.

Numa manhã, tragédia inesperada reuniu a cidade na casa de meu avô, depois que um telegrama trouxe a notícia da morte súbita de minha tia Neuzelides, em Campo Grande, onde se encontrava ao lado de meus avós. Tinha apenas 19 anos.

A solidariedade da pequena cidade em que abri os olhos para o mundo até hoje está presente em minhas memórias.

Mombaça são as raízes, que fremem, quando recordo cada pequeno acontecimento disperso na fumaça das emoções. Muitos anos mais tarde, voltei. A cidade se refizera, tinha ares de modernidade. Mas a pequena cidade de meus sonhos continua viva no reino da memória onde viceja a realidade de nossa vida.

DESTRUIR A MEMÓRIA É DESTRUIR O POVO

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA
Presidente do Conselho Estadual de Cultura

Para acabar com um povo é suficiente destruir sua memória. Foi assim que procederam os invasores em todos os quadrantes da terra. Basta abrir os livros de história para saber que, quando se bloqueiam as vias da lembrança, quando se destróem os referenciais, o povo perde o sentido da existência. Agiram assim os europeus, em sua ânsia colonizadora, os norte-americanos com seus índios, Mao Tse Tung e Pot Pol em suas reformas culturais na China e no Camboja. Recentemente a televisão mostrou o triste espetáculo da Praça Celestial, com os soldados chineses derrubando a estátua, que representava os ideais dos estudantes, para tentar esfalecer através de um ícone as aspirações de seus jovens.

Valores ligados à práxia coletiva, como o hino, as armas, a bandeira, objetos em que a memória se apóia, são sempre destruídos pelos dominadores. Pela história oficial suprimem fatos, substituem verdades por outras criadas por eles, forjando argumentos. Adotam o método que Machado de Assis denominava de "imaginação graduada em consciência", isto é, tentam convencer o povo de que isto ou aquilo que respeita está ultrapassado, não vale a pena, é preciso substituí-lo por algo mais funcional, quer dizer de acordo com os interesses pessoais dos dominadores.

É assim que se está agindo em Campo Grande com essas campanhas organizadas para substituir o hino da cidade por outro mais moderno e a fonte luminosa pelo coreto.

Passamos anos verificando com tristeza que em nome de um falso progresso foram desaparecendo prédios, nomes, hábitos, como se uma conspiração se armasse contra nossas tradições. Pouco a pouco apagaram-se de nosso olhar o relógio da rua 14 de Julho, os cines Alhambra e Santa Helena, a Matriz de Santo Antônio, a Casa Vespasiano Martins, repositórios de nossa infância, de nosso ser e estar campo-grandense. A Pensão Pimentel desgastou-se até as ruínas e, quando for reconstruída, ninguém sabe a função social que lhe vai caber.

sabe a função social que me vai ser...

Sem o menor respeito pela tradição, nomes de ruas, de escolas são substituídas por outros, como aconteceu recentemente no município de Inocência em que a Escola de 1.º e 2.º graus Visconde de Taunay teve seu nome retirado para colocar-se o de Escola de 1.º e 2.º graus Prof. José Valim, numa total desatenção aos serviços prestados ao Estado por Alfredo Escragnole Taunay. Não faz muito, coleções de livros e jornais antigos da Biblioteca Municipal tiveram como destino o lixo, a fogueira.

Ora, tudo isso é uma lâmina fina que enterra no coração do sul-mato-grossense, um povo que sabe, como bem afirma Walter Benjamin que só têm valor, no presente, as coisas que são visadas pelo passado, porque as fronteiras do hoje, alargam-se nos espaços do ontem, reconstruído pela memória.

Toda esta introdução é para justificar a posição do Conselho Estadual de Cultura contra a derrubada da fonte luminosa e a reconstrução em seu lugar do coreto. Por que o Conselho defende a permanência de ambos? Porque os dois referenciam duas gerações: a antiga que se reunia na Praça Ary Coelho nos idos de 30 a 50 para ouvir as retretas e a mais nova que tinha a fonte luminosa como pano para seus namoros, sua convivência familiar.

São dois símbolos erguidos em épocas diversas, cada um com sua importância de ícone a que a memória do campo-grandense se volta, quando deseja sentir-se vivo, numa cidade que em nome do progresso vai demolindo os alicerces da própria

última. Visto que a base da cultura é a continuidade, é preciso repetir: cada pedra, cada tijolo, cada melodia, cada verso está impregnado do calor da história. São recordações que precisam ser polidas pela reflexão, para que não se tornem sombras.

Dois monumentos: a fonte luminosa e o coreto (arbitrariamente demolido e hoje em vias de ser reconstruído) deveriam ampliar as margens da vida campo-grandense. Pertencem ao inconsciente coletivo, fazem parte do mosaico multifacetado de nossa história. Destruir um deles é cavar no espírito do povo a revolta, o desânimo, porque o tempo já os transformou em obras-de-arte em que o olhar se aprofunda.

O Conselho Estadual de Cultura, cuja arma mais eficaz é a palavra, luta e lutará através dela pela preservação de nossos símbolos, de nossos referenciais.

É preciso que as autoridades sejam coerentes com o desejo do povo que os elegeu e paga seus salários através de altos impostos. E o povo, de mãos laboriosas e mente aguda quer sobreviver através de seus monumentos, de seu hino, de sua literatura, de sua cultura enfim. Porque nelas estão as marcas dos que sofreram e morreram por este Estado.

O Conselho Estadual de Cultura sugere a preservação da fonte luminosa, com o argumento de que o coreto pode ser reconstruído em outro lugar, de preferência na Praça do Rádio Clube. local onde acontecem ultimamente os eventos culturais da cidade. sem destruir vestígios de nossa história.

Esta reconstrução não precisa ser imediata. Afinal há mais de 30 anos o coreto foi demolido e a fonte não acende suas luzes há mais de vinte.

Cultura não rima com pressa. Quando os recursos financeiros forem suficientes, a fonte e o coreto poderão estar presentes no olhar dos campo-grandenses, evocando as emoções do passado.

Como última reflexão o Conselho deixa no ar a pergunta: Por que não construir algo mais funcional, que abrigue todos os tipos de atividades culturais e que esteja de acordo com a modernidade de Campo Grande?

MENU

CORREIO DO ESTADO

ASSINE

ENTRAR

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

CIDADES

POLÍTICA

ECONOMIA

ESPORTES

CORREIO B

OPINIÃO

CLAU

ARTIGOS E OPINIÃO

CRÔNICA

**Maria da Glória Sá Rosa:
"Minha face no espelho"**Maria da Glória Sá Rosa:
"Minha face no espelho"REDAÇÃO
22/12/2015 - 00h00Nos siga no 

Maria da Glória Sá Rosa: "Minha face no espelho" - Correio do Estado



"Em que espelho ficou perdida a minha face?", pergunta Cecília Meireles. Hoje, olho-me no espelho e não me reconheço. Afinal, continuo sendo a mesma menina que gostava de esconder-se debaixo da cama para ler em sossego seus autores prediletos.

Quando me dizem que estou acabada, estranho. Nunca me vi como uma velhinha de rugas e olhos cansados. O que sou, o que fiz, o que ainda desejo ser, só eu mesma sei. Carrego minhas angústias e frustrações no silêncio de uma vida que não se desdobra em lamentos.

Minha adolescência não teve apenas frustrações ou desejos fracassados. No internato, nunca me haviam convidado para coroar Nossa Senhora. Nunca me vestira de anjo como as garotas louras de olhos azuis. Tampouco conseguira o papel de princesa em alguma peça de teatro.

Mas foi naquelas quatro paredes fechadas para o mundo e seus encantos que encontrei o sentido da vida, quando o olhar da freira, que era minha assistente, descobriu possibilidades de crescimento da menina nordestina, sem amigas, sempre enfiada na biblioteca.

Foi ela que incentivou meu gosto pela escrita, que me ensinou a fazer das palavras peças desse jogo de mistérios que se chama literatura, no qual a vida se transfigura para a descoberta dos mundos simbólicos, em que tudo é possível. Desvendou-me o poder das palavras, o gosto de tocá-

las, de juntá-las em pequenos quebra-cabeças. Abriu-me o coração para os mistérios da vida, ensinou-me a desconfiar das aparências, a romper a indiferença na construção da liberdade.

O internato transformou-se de repente em espaço da descoberta, da certeza de que era preciso aceitar os riscos, para atingir o caroço dos sonhos, morder a carne da vida sem medo de ver o sangue correr, para depois saborear as alegrias do encontro. Minha história renovou-se.

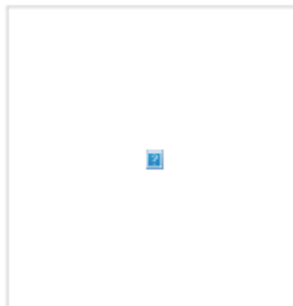
No lançamento de meu primeiro livro, meu coração bateu mais depressa, quando ele se aproximou para um autógrafo.

O medo quis gelar-me as veias, mas foi com inesperada confiança que respondi ao apelo daquele olhar, certa de que nunca mais nos separaríamos. Nada mais existia senão aquele encontro ao qual me entreguei.

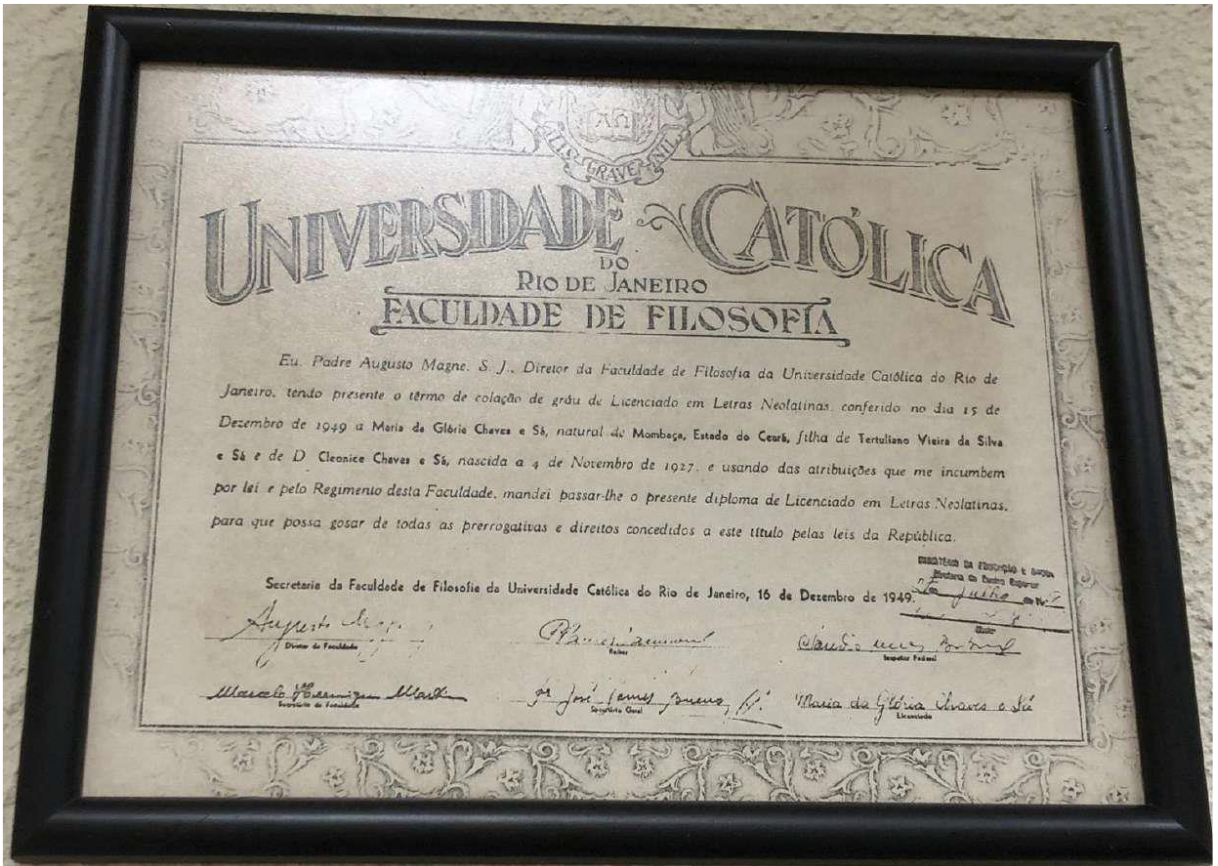
A onda de amor inexplicável fez-me esquecer de tudo, o passado era apenas mais uma mancha nebulosa, em que as dores representavam pontinhos perdidos de uma melodia que se distanciava cada vez mais.

Amei, casei, tive filhos e netos. Alguns me deixaram, mas não me sinto sozinha. Hoje, ao fitar o espelho, transparência feita de luz, em que se concentra minha vida, sinto que cumpri meus prazos.

Encontrei na arte a razão de vencer os lamentos que o passado teimava em fazer ressurgir. Afinal, como diz meu mestre Machado, a vida é uma ópera que é preciso executar até o fim. Sem medo e com aplausos.









*Ordem Guaicurus
do Mérito Judiciário do Trabalho*



D i p l o m a

O Tribunal Regional do Trabalho da 24ª Região, de acordo com a indicação do Conselho da Ordem Guaicurus do Mérito Judiciário do Trabalho, criada pela Resolução Administrativa n. 32, de 30 de junho de 2003, e nos termos dos Atos GL n.º 616/2013 e n.º 664/2013, confere a

Maria da Glória Sá Rosa

a insígnia da Ordem no Grau de Comendador.

E, para constar, mandou expedir-lhe o presente diploma que vai assinado pelo Grão-Mestre do Conselho e subscrito pela Secretária da Ordem.

Campo Grande - MS, 4 de outubro de 2013.

Francisco das C. Lima Filho

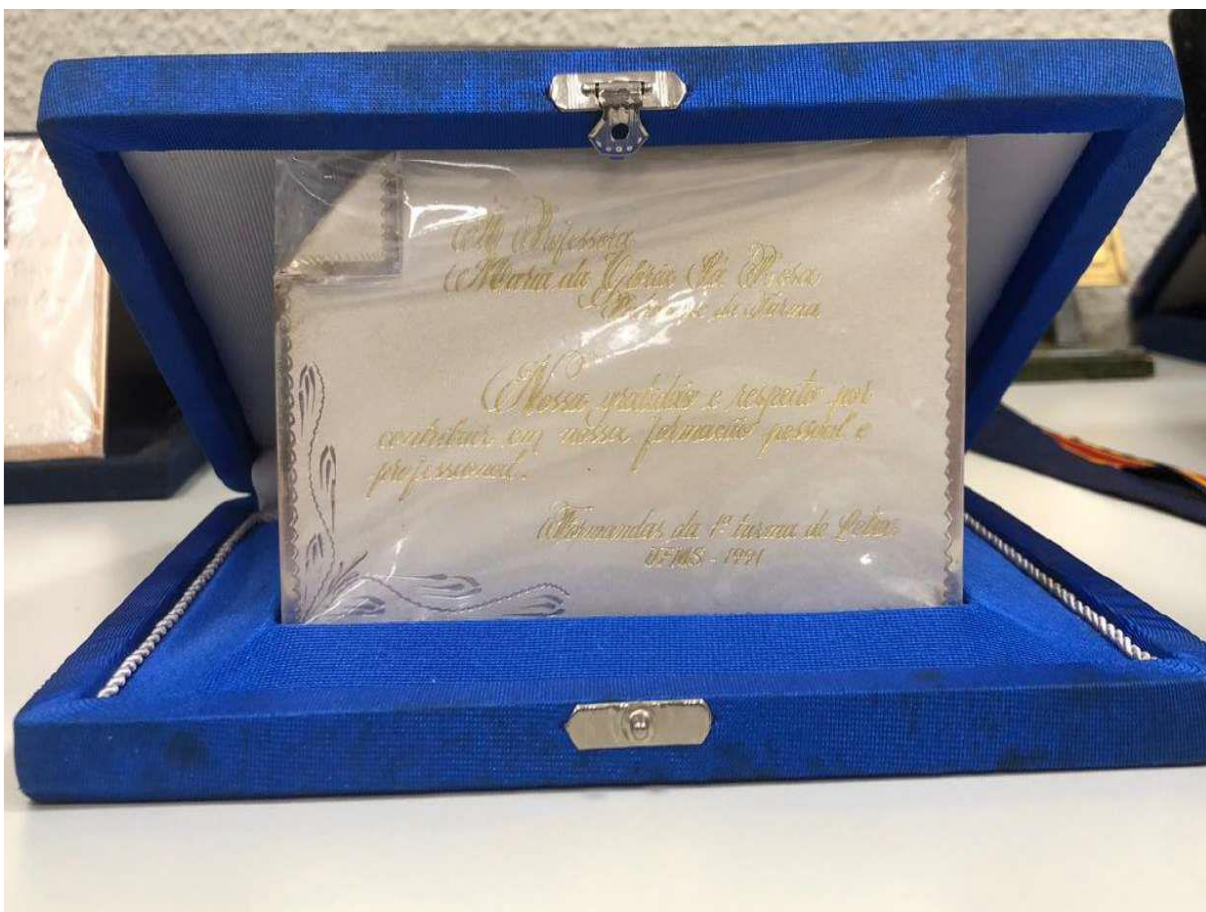
Grão-Mestre

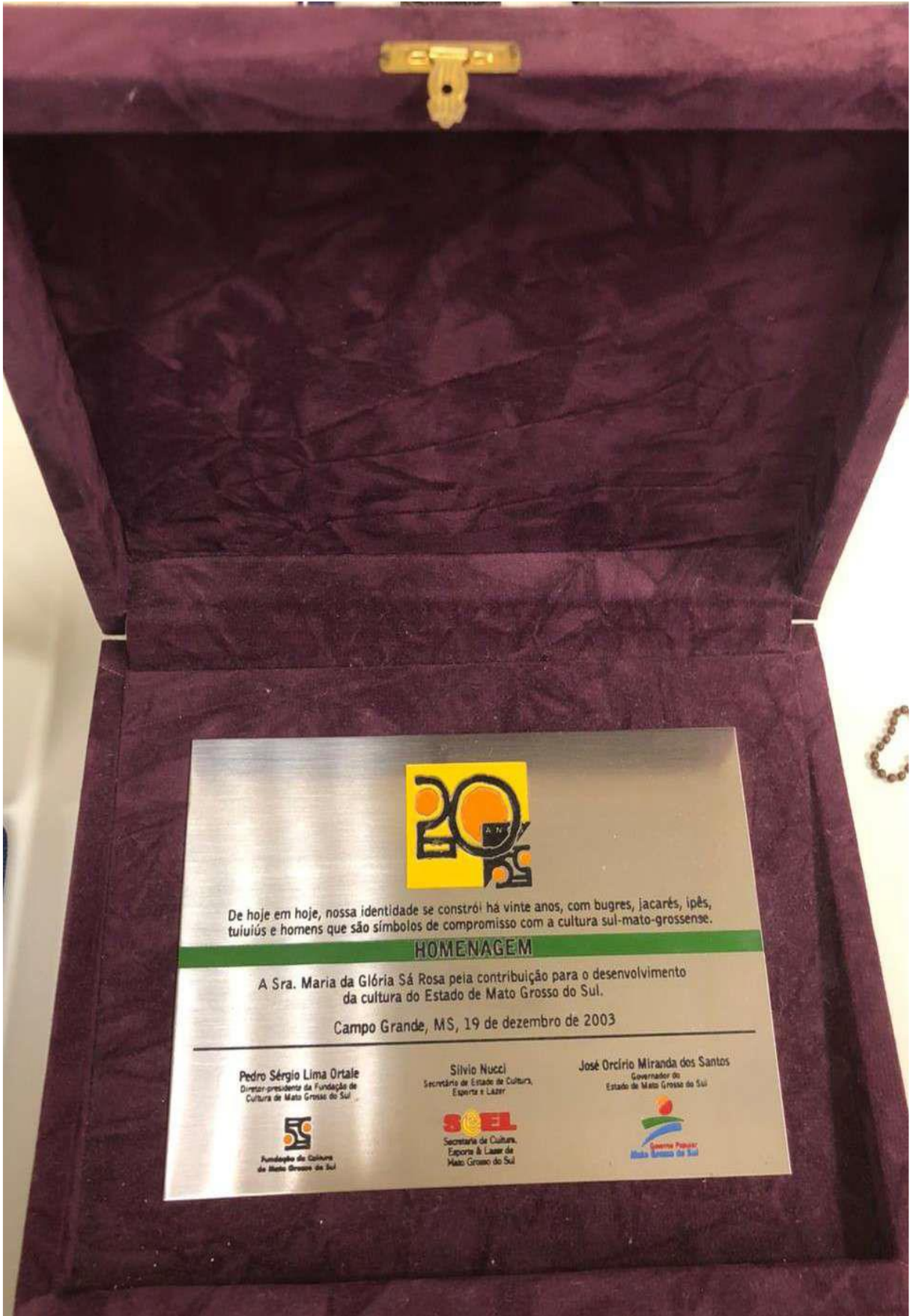
Ana Paula Miquelino Volpe dos Santos
Secretária











De hoje em hoje, nossa identidade se constrói há vinte anos, com bugres, jacarés, ipês, tuiuiús e homens que são símbolos de compromisso com a cultura sul-mato-grossense.

HOMENAGEM

A Sra. Maria da Glória Sá Rosa peia contribuição para o desenvolvimento da cultura do Estado de Mato Grosso do Sul.

Campo Grande, MS, 19 de dezembro de 2003

Pedro Sérgio Lima Ortale
Diretor-presidente da Fundação de
Cultura de Mato Grosso do Sul

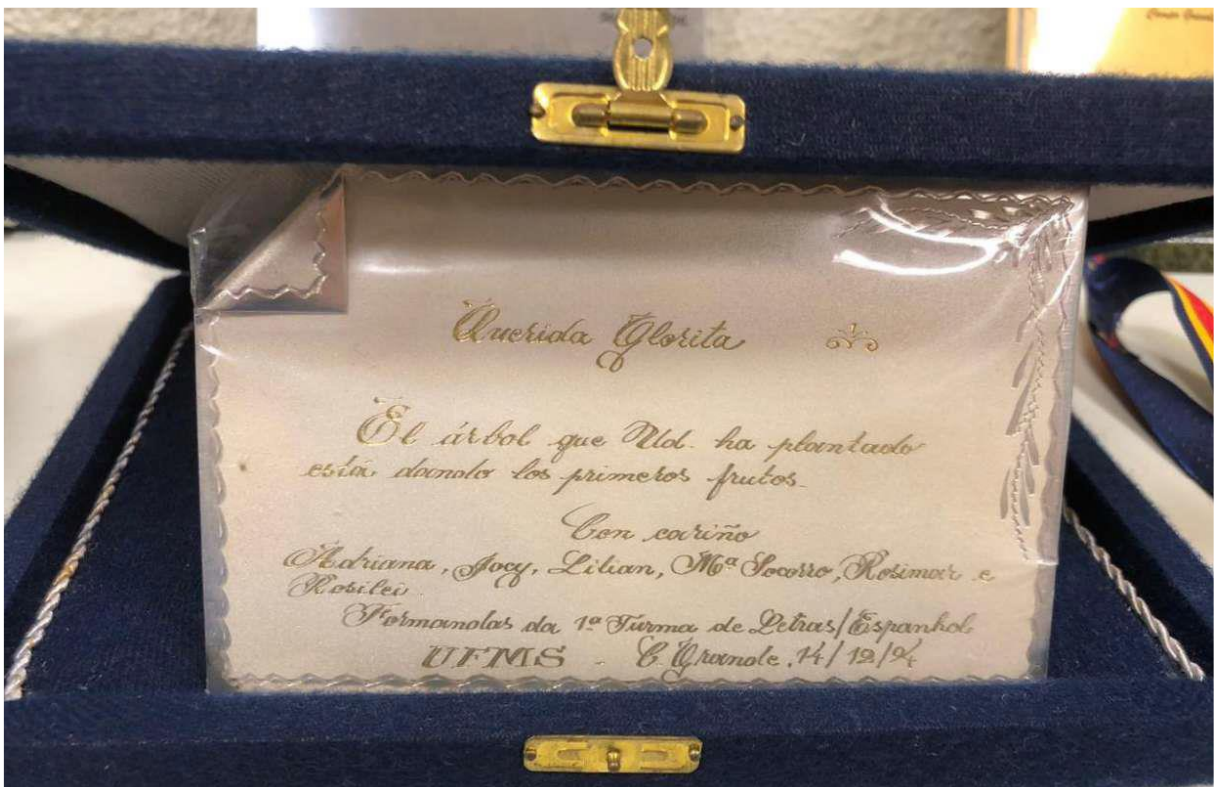


Sílvio Nucci
Secretário de Estado de Cultura,
Esporte e Lazer

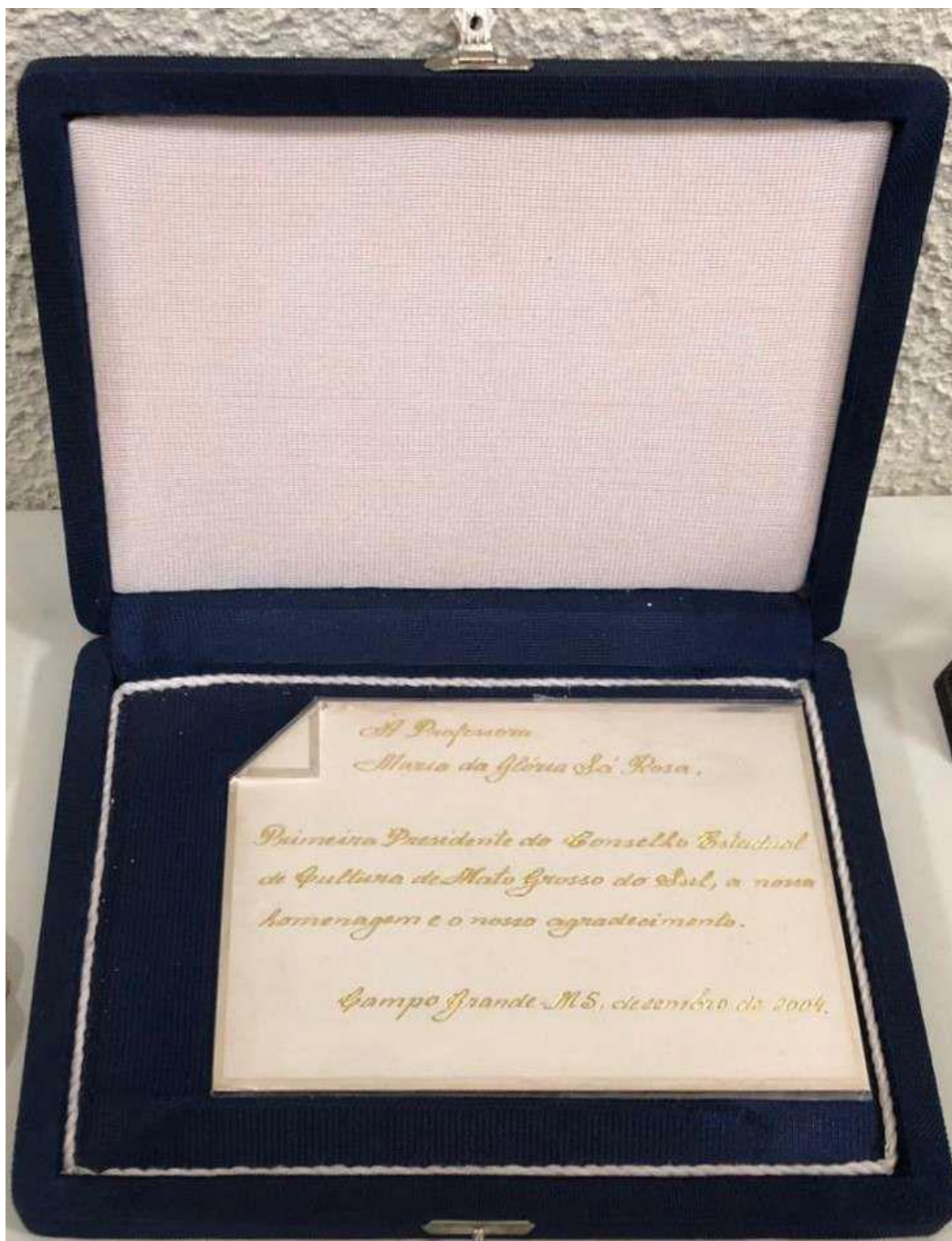


José Orcírio Miranda dos Santos
Governador do
Estado de Mato Grosso do Sul











Homenagem



A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras - através da sua Diretoria e demais membros - saúda a ilustre confreiira Maria da Glória Sá Rosa, expressando a sincera gratidão pela sua permanente atuação abrilhantando a história deste Sodalício Literário e em prol da cultura do Estado de Mato Grosso do Sul.

Campo Grande - MS, 28 de maio de 2007

Reginaldo Alves de Araújo
Presidente







Maria da Glória
Sabosa

Homenagem da E. M. Prof. Luis Antônio de
Sá Carvalho

Diretora: Sílvia Luisa B. D. da Cunha
Secretaria Geral: Marli Damasceno Sanches
Supervisora Escolar: Nair de Carvalho Bortoleto
Orientadora Educacional: Mariçá Ourives de Souza
Professora Ministrante: Mitiyo Kadoi Tsushima
Colaboração: Instrutora Informática: Meire Ourives
Prof. Ed. Física: Alvaro Roberto B. Ferreira

PEGUEI UM "ITA" NO NORTE
(Dorival Caymmi)

PEGUEI UM "ITA" EM MOMBACA

Peguei um "ita" em Mombaca
Pra Campo Grande morar
Adeus meus mestres e amigos
Adeus, Mombaca - Ceará

Ai ai, ai ai
Adeus, Mombaca Ceará
Ai ai, ai ai
Adeus, Mombaca Ceará

II

Estudei no Auxiliadora
Em São Paulo, o 2º grau
Faculdade no Rio de Janeiro
Destacando por onde passei

Ai ai ai ai

III

Voltei pra cidade morena
Lecionando o português
Fiz teatros e festivais
Na Federal Também trabalhei

Ai ai

IV

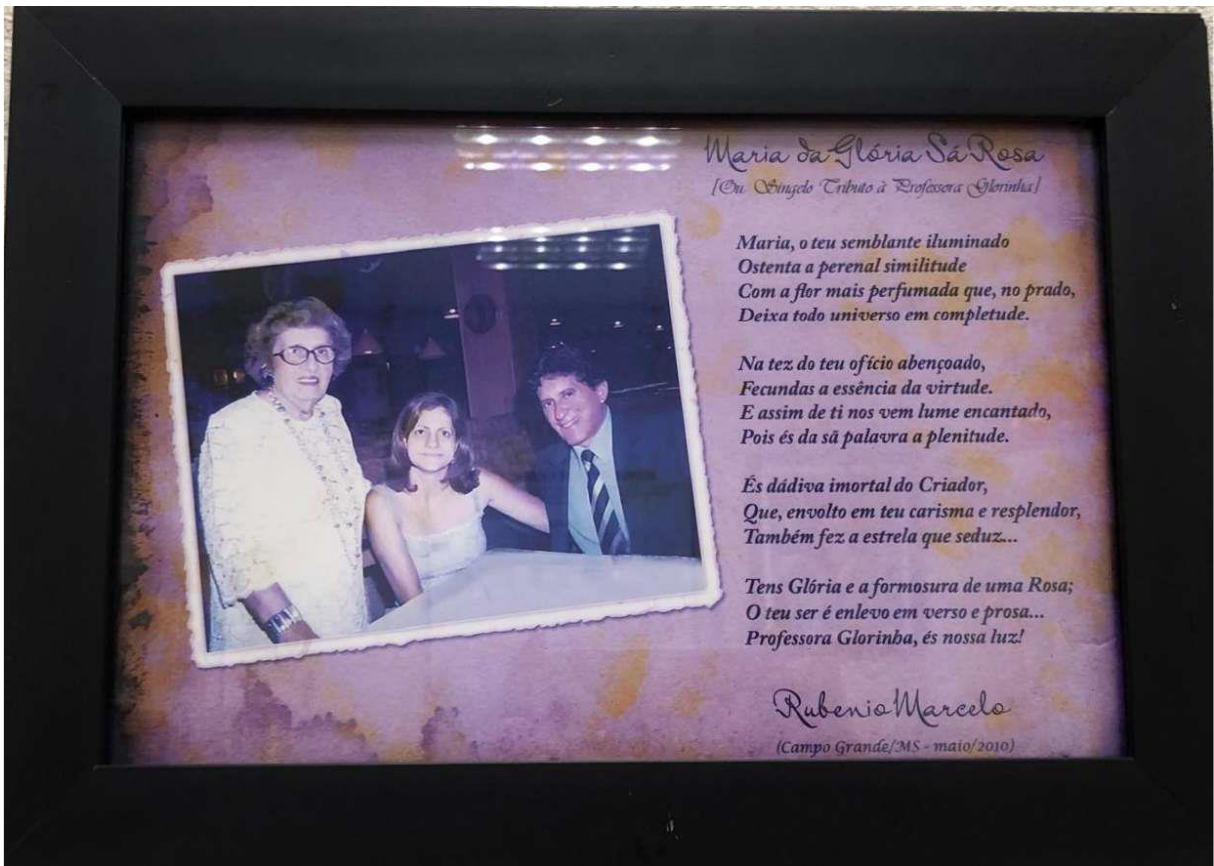
E pra minha felicidade
Com Zé Ferreira me casei
Tivemos os nossos filhos
Que são a razão de viver

Ai ai

V

Hoje sou cidadã campo-grandense
Cidade de amor e esperança
Fiz amigos e toda uma vida
Em Mato Grosso do Sul

Ai ai, ai ai





Unione Cattolica Artisti Italiani
Galleria "La Pigna" Sezione di Roma
Palazzo Maffei-Marescotti

*Il presidente Dott. Dante Fasciolo e il direttore della Galleria
"La Pigna" Dott. Lamberto Camilucci attestano che*

Il poeta
Mario de Glorioso Sá Rosa

*ha presentato le sue poesie nella XXIV Mostra Artisti
Brasiliani, organizzata dalla sezione UCAI Brasiliana presso
la Galleria "La Pigna", che ha sede nel cinquecentesco palazzo
Maffei-Marescotti, opera del grande Giacomo della Porta, di
proprietà del Vaticano. La mostra dal 5 al 12 Maggio 2007 è
stata visitata da un numeroso pubblico qualificato.*

*Particolari le visite di Mons. Giovanni Falcone - della
Segreteria Vaticana - e della Dott.ssa Fiorella Capriati -
Presidente Nazionale UCAI - i quali si sono amabilmente e
lungamente intrattenuti con gli artisti, elogiando le loro opere.
Favorevole l'accoglienza dei critici d'arte e in particolare della
TV-Italiana e della Radio Vaticana.*

Roma, Maggio 2007

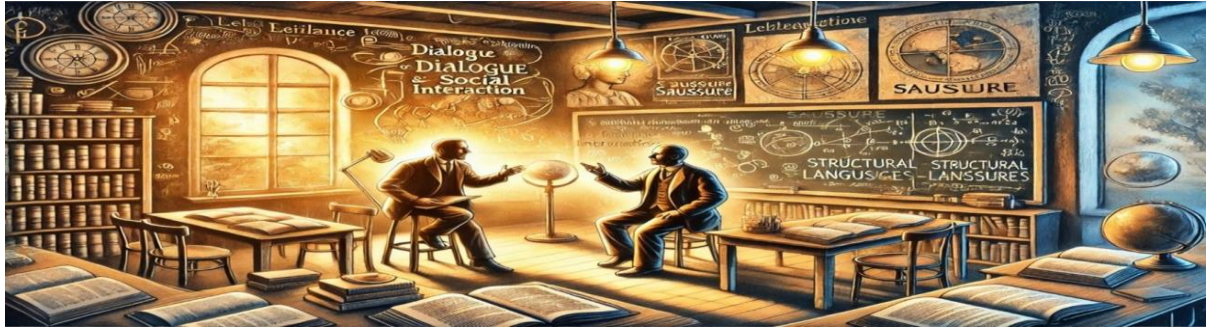
Il Direttore

Il Presidente

UCAI Via della Pigna 13a
00186 Roma
www.ucaroma.it

ANEXO 08: FIGURAS ILUSTRATIVAS COMPLEMENTARES A AQUISIÇÃO TEXTUAL. Capítulo 2. LINGUAGEM, TEMPO E MEMÓRIA

Figura. De Saussure a Bakhtin: linguagem, memória e disputa de sentidos



Fonte: Contraponto em escala bakhtiniana para ler Saussure em Bakhtin. Imagem: Gerada pelo autor por meio do ChatGPT, 2025

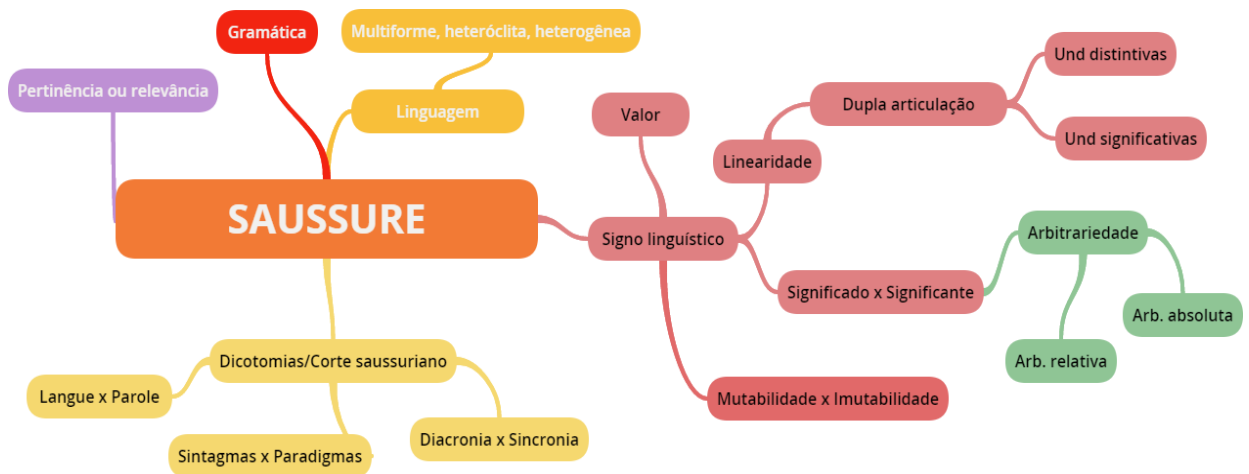


Figura. Fonte: <https://semioticosblog.wordpress.com/2016/10/23/biografia-de-ferdinand-de-saussure/>

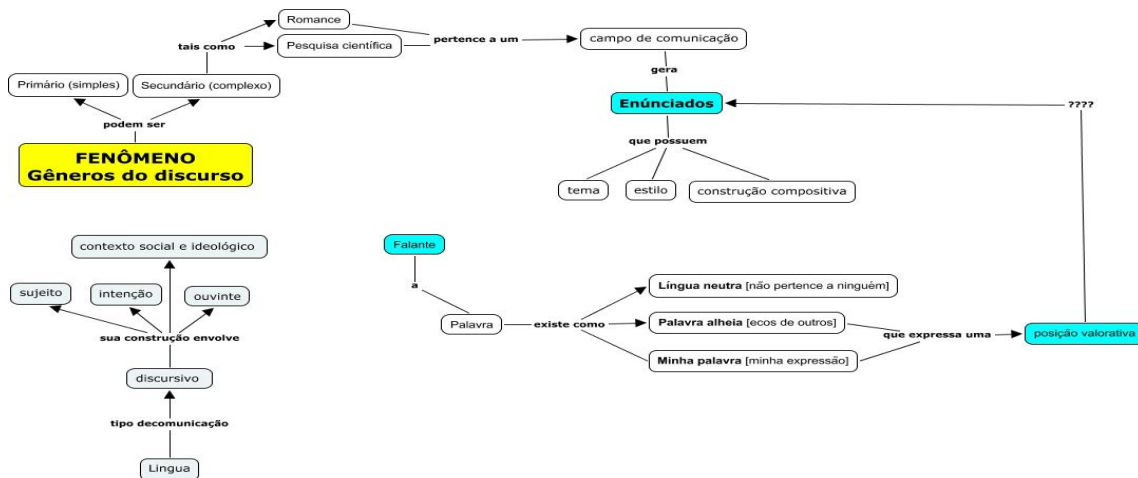


Figura. Fonte: <https://oficina-de-filosofia.blogspot.com/2016/09/o-conceito-de-linguagem-em-bakhtin.html>